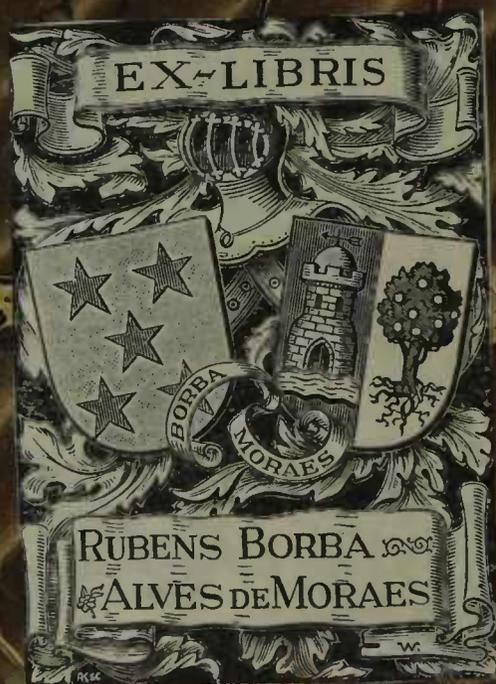
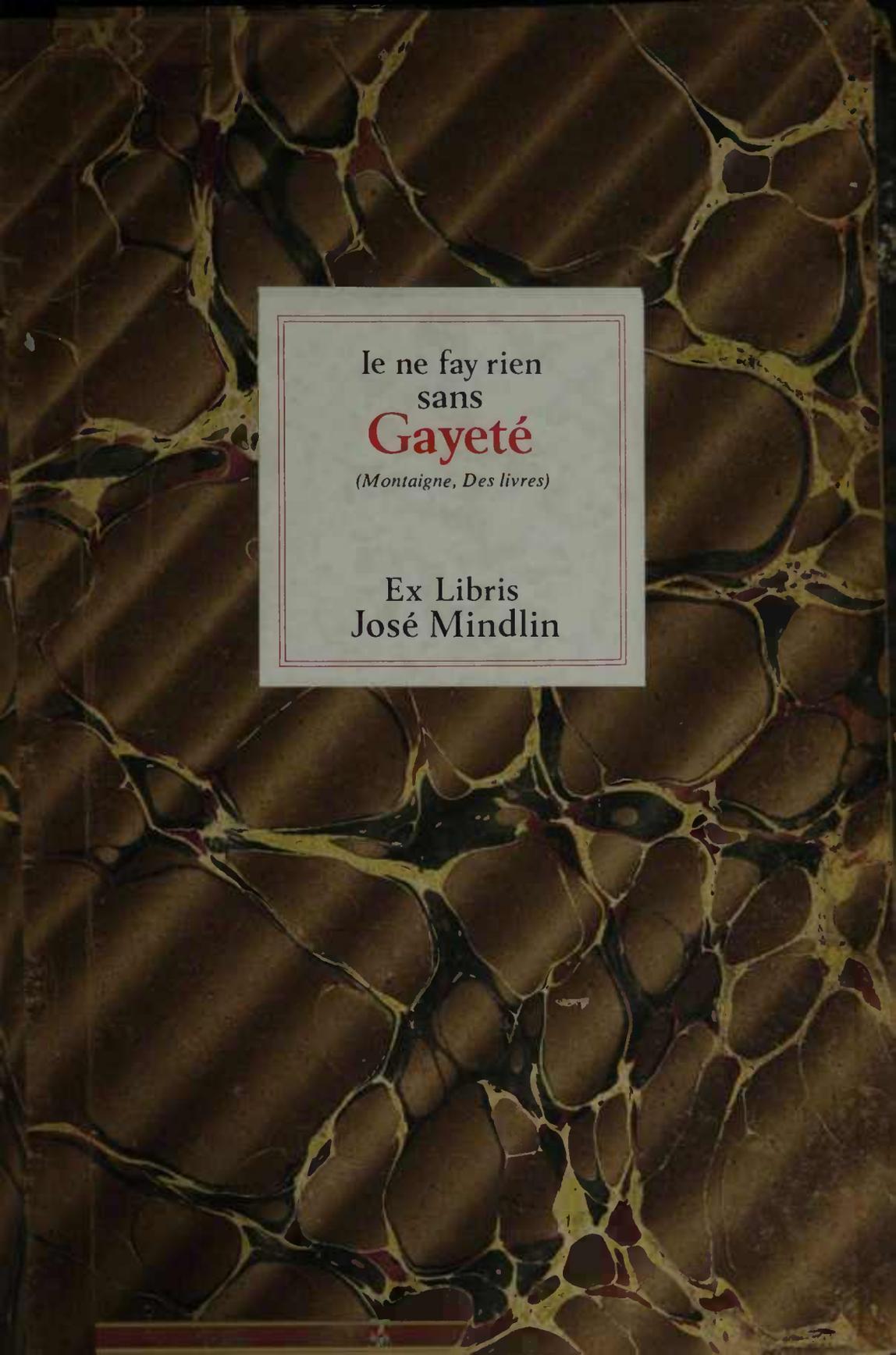


33 RUA DA VIGARARIA 33
LIVRARIA ACADEMICA
DE
J. G. DE AZEVEDO

Exatidão na edição, preço baixo de livros necessários para
Colégios e Academias, por preços baixíssimos e bem mais
rápidos de entrega e todos os seus livros sobre diversos
trabalhos e estudos.

Rio de Janeiro



The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring large, irregular, dark brown and black spots separated by thin, light-colored veins. In the center of the cover is a white rectangular label with a thin red border. The text on the label is centered and reads: "Le ne fay rien sans Gayeté (Montaigne, Des livres) Ex Libris José Mindlin".

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

NOVOS IDEAES

MUCIO TEIXEIRA

OBRAS COMPLETAS

PUBLICADAS

Vozes tremulas, versos, 1 vol. de 212 pags.

Violetas, poesias, 1 vol. de 200 pags.

Sombras e Clarões, poesias, 1 vol. de 296 pags.

Fausto e Margarida, poema-dramatico.

A Flor de um dia, drama em verso (*Prologo e 3 actos*).

Novos Ideaes—versos modernos.

NÓ PRÉLO:

Cérebro e Coração— poema.

Contos em Cantos—lendas e poemas.

O sobrinho pelo tio—comedia em 3 actos.

Violetas—segunda edição, emendada.

A PUBLICAR:

Uma Paixão— drama em 5 actos.

Intermezzo— poema (de H. Heine).

O Farrapo— drama historico, em 5 actos.

Ondas e Nuvens— poesias lyricas.

O filho do Banqueiro— drama em 5 actos.

Calabar— poema brasileiro.

MUCIO TEIXEIRA'

NOVOS IDEAES

POESIAS

COM

INTRODUÇÃO DO DR. SYLVIO ROMÉRO



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

—
1880

AO MEU AMIGO

Dr. José Antonio de Azevedo Castro

Homenagem ao Character e ao Talento

Rio de Janeiro, Dezembro de 1879.

Mucio Teixeira.

INTRODUÇÃO



A LITTERATURA BRAZILEIRA

SUAS RELAÇÕES COM A PORTUGUEZA ; O NEO-REALISMO



I

Ha na vida das nações certos momentos de caracter pratico, em que ellas como que fazem alto na tarefa que seu genio lhes traçou, para prepararem o balanço dos resultados obtidos, das riquezas accumuladas.

Estas épocas, essencialmente criticas, produzem, ao envez do que geralmente se pensa, resultados positivos, e servem de orientação ao espirito dos povos.

O trabalho da producção popular, na sua generalidade, é incosciente ; a elaboração das idéas assemelha-se a uma vegetação mais ou menos vigorosa na medida da uberdade do sólo. De envolta com as arvores fructíferas e uteis brotam plantas damninhas, que devem ser extirpadas do terreno. Desembaraçado o passo, os povos seguem outra vez o seu caminho, munidos de novas forças, secundados por melhores incentivos. Estes renovamentos do idéal das nações seguem-se sempre aos tempos de crise, em que a critica depura a atmospherá intellectual, suffocando os germens parasitarios, que ameaçam destruir o organismo publico.

As velhas e cultas nações do antigo mundo têm assistido, por vezes, a esses phenomenos de renovação. O Brazil, depois de quatro seculos de contacto com a civilização moderna, parece ter chegado ao momento de olhar para traz a ver o que tem produzido de mais ou menos apreciavel no terreno das idéas.

Uma nação se define e individualisa quanto mais se afasta, pela historia, do character das raças que a constituíram, e imprime um cunho peculiar á sua mentalidade.

A civilização, com ser uma só e cosmopolita, não suffoca, numa uniformidade monotona, os impulsos originaes dos povos viris.

Neste trabalho de *differenciação nacional o brasileiro* será tanto mais progressivo e autonomico, quanto mais, apropriados os germens uteis que legaram-lhe as raças que o constituíram, dellas afastar-se, formando um typo á parte, uma individualidade distincta.

A nação brasileira, si tem um papel historico a representar, só o poderá fazer quanto mais separar-se do *negro africano*, do *selvagem tupy* e do *aventureiro portuguez*.

Bem como no mundo physico corpos diversos e estranhos combinados produzem resultados distinctos e inesperados, assim na historia a combinação de raças differentes numa só região vem a offerecer ao adiante o espectáculo das civilizações originaes.

E' inutil apontar exemplos que devem estar na mente de quantos hajam estudado as emigrações das raças e as civilizações antigas e modernas.

No Brazil o processo da integração nacional ainda é muito recente e está muito longe de ter produzido todos os seus resultados. Os dous grandes agentes de transformação — a natureza e a mescla de povos diversos — estão por emquanto ainda em acção, e o resultado não pôde ser determinado com segurança. Em todo o caso já é tempo de lançar-se um olhar retrospectivo sobre a sua historia intellectual, para marcar os primeiros traços da individualidade embryonaria deste povo recente.

A litteratura é uma das manifestações de sua actividade mental, e pôde com proveito ser consultada como symptoma de seu progresso ou decadencia.

Desde logo cumpre-me repetir ainda uma vez que não pertença por fórma alguma ao numero dos bemaventurados que julgam que o imperio da America vae ás maravilhas.

Opino diversamente : o pobre povo brasileiro vae mal, muito mal, e entre as nações christãs só um similar encontra na desgraça : — o desventurado e mesquinho Portugal.

Nós temos já alguns trabalhos relativos á nossa litteratura deste e dos passados seculos. Todos porém peccam pela ausencia de um criterio positivo, a falha de uma idéa dirigente e systematica.

Não é por certo a rhetorica do conego Pinheiro, do professor Sotero, do conselheiro Pereira da Silva, ou do visconde de Porto Seguro e outros, que poderá nos explicar a significação de uma época ou de um typo qualquer da nossa historia. A *sciencia official* é sempre manca, e o seu merito é o mesmo das commendas que condecoram o peito de seus adeptos. Só uma outra fonte de idéas, despreconcebidas e sérias, nos poderá explicar o enigma, aliás simplissimo, de nossa vida espiritual.

Compreende-se facilmente que me não compete neste logar outra cousa além de rapidamente traçar a evolução intellectual brasileira.

Darei ligeiros toques sobre o character dos nossos quatro seculos, um por um, e dos escriptores (só os de merito) que nelles figuraram.

O capitulo preliminar de uma historia da litteratura brasileira, quando a escreverem com rigor scientifico, deverá ser uma inquirição do como o clima do paiz vae actuando sobre as populações nacionaes ; o segundo deverá ser uma analyse escrupulosa das origens do nosso povo, descrevendo, sem preconceitos, as raças principaes que o constituíram.

Sobre o clima dever-se-ha notar, entre outras verdades, que, si nos faltam aquelles temerosos phenomenos, como os terremotos

e os vulcões, que Buckle magistralmente descreve como causadores das superstições primitivas, si nos faltam tambem as montanhas gigantescas que excitam demasiado as imaginações, temos de sobra o *calor* e o flagello das *séccas*, que periodicamente tem assolado a mór parte do paiz, produzindo o *desanimo*. Assim, si o povo brasileiro não é dos mais phantasticos e supersticiosos do mundo, todavia é um dos mais desanimados e apathicos.

Sobre as *rças* dever-se-ha ter o cuidado de não esquecer nenhuma dellas, como, ainda não ha muito, o fez o Sr. Th. Braga, que nas poucas paginas que escreveu sobre a poesia brasileira nem uma palavra disse das origens africanas de nosso povo ¹.

Dever-se-ha tambem evitar a leviandade com que este escriptor persiste em repetir, como descoberta novissima, a desacreditada theoria da existencia de uma raça *turana*, a que filia, segundo o velho erro, os povos indigenas da America. Si o Sr. Th. Braga, em lugar de ler o catholico Lenormant, estudasse Schleicher, Whitney, Fred-Müller, Vinson, não se daria ao trabalho de repetir a velha theoria de Max-Muller sobre o *turanismo*, nem viria apresentar como achado admiravel o livro de Varnhagen sobre *as origens turanas dos americanos* ².

O terceiro capitulo de uma historia de nossa vida espirital haveria de ser o estudo da nossa poesia e contos populares em sua triplice proveniencia.

Não é occasião disso agora.

Concentrando este esboço ao que diz respeito somente á poesia litteraria, devo passar de relance sobre as épocas transactas, para mostrar a filiação dos nossos poetas de hoje.

Ha um facto, tão repetido entre nós, que constitue já um verdadeiro *principio* para o estudo da nossa litteratura: é o character de *importação* de quasi todos, senão de todos, os nossos movimentos intellectuaes.

¹ Parnaso Portuguez Moderno—*Introdução*.

² *Les Origines touranniennes des Américains—Tupis—Caribes*.

Dest'arte não é possível escrever a historia do pensamento brasileiro sem referir-a ás litteraturas que o têm influenciado até aqui : — a portugueza, a franceza e, mui recente e limitada-mente, a allemã.

No primeiro seculo (XVI) da descoberta e colonização do Brazil não houve aqui movimento algum scientifico ou litterario. Em compensação, porém, começaram as relações das tres raças que teriam de formar a população futura desta parte da America ; principiaram ellas a cruzar-se, foi-se operando a transplantação do romanceiro e dos contos portuguezes para o Brazil, e tambem o entrelaçamento destes com os cantos e contos tupys e africanos.

Assim, os primeiros trabalhos historicos e topographicos sobre o paiz, e as primeiras investigações sobre a lingua dos aborigenes, são desta época. Comtudo os tres elementos estavam ainda muito desaggregados.

No seculo seguinte (XVII) já as cousas mudaram de aspecto ; já foram enlão possíveis dois phenomenos singulares : primeiro — a expulsão hollandeza feita exclusivamente pela iniciativa dos filhos da colonia, quasi sem o auxilio da metropole ; segundo — a existencia de um Gregorio de Mattos.

O movel principal do primeiro acontecimento foi, sem duvida, um motivo religioso, *o odio á heresia*. Mas é innegavel que um certo sentimento de patria já então irrompia do seio das populações brazilciras.

As tres raças acharam-se representadas em seus respectivos heróes : os *brancos* em Barreto de Menezes, os *indics* em Camarão, e os *negros* em Henrique Dias.

Já era real tambem a existencia do *mestiço*, representado em Calabar—o espirito mais intelligente do seu tempo.

A nossa historia *official* fez de Calabar um renegado ; é innegavel entretanto que aquelle mestiço comprehendeu que, a continuar este paiz a ser uma colonia da Europa, era preferivel que o fosse da Hollanda a ser de Portugal.

E elle tinha razão...

A superioridade da patria livre de Erasmo e de Spinoza era incontestavel sobre a terra de João II', a terra dos inquisidores e da sujeição hespanhola.

Quanto a Gregorio de Mattos, elle é o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações soffridas pela lingua portugueza na America e as primeiras manifestações do espirito nacional, onde predomina a *veia comica*, despertada pelo espectáculo das relações de tres povos diversos, que têm, cada um, certo timbre em *chasquear* dos outros.

No seculo XVIII o trabalho de integração popular tinha-se avantajado bastante. O commercio havia progredido; o conhecimento do paiz avançado. As tres raças tiveram de quando em vez suas rivalidades e appareceram os phenomenos conhecidos sob o nome de *Quilombos dos Palmares, Guerra dos Emboabas e dos Mascates*.¹

Acima de tudo isto a consciencia nacional tinha progredido; a idéa da *patria* como que amadurecera, e a *Inconfidencia* vira a luz.

O espirito brasileiro é desde então um pouco avantajado ao portuguez. A *vis comica* actúa em Antonio José; a poesia lyrica volta-se para a natureza e produz Gonzaga, infinitamente superior aos lyricos da metropole. A luta dos conquistadores e dos aborigenes desperta tambem o sentimento da verdade, e a epopéa torna-se naturalista com Basilio e Durão, immensamente preferiveis aos épicos do reino em seu tempo!

As fórmulas lyricas superabundaram. Nós demos então lições de naturalidade aos portuguezes, que as desprezaram pelo órgão de Bocage e Filinto.

O Sr. Th. Braga, romantico recente e recente idéalista, sectario de Hugo, Michelet, Quinet, com a precipitação anti-scientifica, que o distingue, depois que leu Lenormant² abandonou o *mesaratismo* com que explicava o espectáculo da

¹ Os *Quilombos dos Palmares* foram dos fins do seculo XVII.
Les Premières Civilisations.

litteratura portugueza, e voltou-se para o *turanismo* : agora vê *turanos* por toda a parte!... Si existe uma poesia lyrica no sul da Europa, é porque lá andaram os *turanos* ; si este lyrismo tem certos pontos de contacto em diversos paizes ... foram os *turanos* ; si o basco existe na Hespanha ... *turanos* ; si os gallegos têm um lyrismo aproximado ao dos portuguezes ... *turanos* ; si os cantos europeus passaram á America e alli conservam-se ... é porque ali encontraram os seus irmãos de raça, os cantos dos *tapuias*, que eram *turanos* !... E isto em nome dos ultimos avanços scientificos, quando justamente os derradciros achados da sciencia desmentem a velha e orthodoxa theoria de que os americanos vieram da Asia pela ponte *aleutica* ou pela Oceania.

As ultimas affirmações de Lenormant, repetidas sem criterio por Th. Braga, vêm a ser : — que as raças humanas se reduzem a tres classes — turanos, semitas e arianos ; que a civilização dos turanos precedeu as outras ; que elles foram os descobridores dos metaes.

Ora, a divisão de todos os povos da terra em tres grupos é hoje insustentavel depois dos novissimos trabalhos da linguistica e da anthropologia ; a existencia de algumas civilizações, não semíticas ou indo-européas, não produz só por si a prova de que ellas fossem de uma só especie e turanas ; a descoberta dos metaes, pe'lo que toca aos indios do Brazil, é justamente um argumento contra o Sr. Braga. Nossos indios desconheciam o uso dos metaes ; não tinham, portanto, a caracteristica principal da pretendida raça *turana*. Para explicar, pois, a persistencia das fórmulas lyricas no Brazil não é mister fazer dos indios uns grandes poetas, nem mascarar-os de turanismo. A lyrica existiu sempre entre todas as raças.

Arianos, semitas, uralo-altaicos, malaios, polynesios, dravidianos... todos conheceram o lyrismo, como um producto espontaneo do espirito popular. Para isto não se faz mister inventar parentelas phantasticas de raças.

Para explicar tambem o facto do naturalismo poetico dos brasileiros do seculo passado, devemos esquecer as aberrações

de Th. Braga. O facto é simples: a presença de uma natureza brilhante, a juvenilidade da nação que se ia formando, o predomínio das faculdades imaginativas num povo criança, tudo isto explica o lyrismo brasileiro. A variedade de seus tons prova-se pelas impressões diversas das tres raças, que contribuíram, cada uma, com a sua parte. A uniformidade dos moldes metricos finalmente demonstra-se pelo facto de uma só ser a lingua que foi predominando sobre as outras: a lingua do vencedor, que imprimiu as suas fórmulas metricas e estrophicas ás canções de todos. ¹

No seculo actual (XIX) nós precedemos os portuguezes na vida revolucionaria e constitucional.

Antes de seu insignificante movimento de 1820, nós havíamos tido os successos de 1817; antes de terem elles uma constituição, mais ou menos liberal, nós a tínhamos; antes de se verem livres de D. Miguel, nós havíamos jogado D. Pedro para longe. Em uma palavra, elles nada possuem que se possa equiparar aos nossos impetus revolucionarios deste seculo. ²

O romantismo marca, intellectualmente, o primeiro passo decisivo que fizemos para deixar de lado a cultura lusa.

Os nossos moços, de 1822 em diante, começaram a ler os escriptores francezes e inglezes de preferencia aos livros de Portugal.

E tinham razão: o velho reino havia feito completa bancarôta de idéas, e não tem passado neste seculo de infimo glorificador dos desperdícios francezes.

Si continuassemos a pensar sómente pelo criterio dos livros de Lisboa, teríamos chegado, como eu já disse uma vez, á completa *paralysis intellectual*. ³

¹ O turanismo do Sr. Th. Braga começou a despontar em 1877 no prefacio ao seu *Parnaso Portuguez Moderno*; accentuou-se mais em 1878 na sua *Historia Universal*. Lenormant fez, quasi que por si só, as dospezas desta transformação recente.

O seu positivismo, tambem de data proxima (*Constituição Positiva da Esthetica* - 1875 e *Traços Geraes de Philosophia Positiva* - 1878), — não o garantiu contra fallaciosas theorias ethnologicas.

Os successos de 1817, 24, 31, 35, 42, 48.

³ O *Romantismo no Brazil*. (Trabalho de 1873.)

A maior vantagem, a meus olhos, que nos trouxe o romantismo, vem a ser o facto apontado: o seu maior defeito o ter pretendido concentrar exclusivamente, e em certo tempo, toda a poesia brasileira no circulo do *indianismo*.

Não devo repetir aqui o que em outro tempo escrevi sobre o *romantismo brasileiro*; ainda hoje aceito as conclusões de então. ¹

Pela acção da Independencia, do movimento romantico e do enlarguecimento commercial, começámos a conhecer o mundo e vimos a figura minima que Portugal ahi representa. O velho reino perdeu definitivamente o encanto a nossos olhos.

Dahi certa exasperação que se tem, de tempos a tempos, aponderado dos escriptores portuguezes no seu modo de tratar o Brazil e os brasileiros.

Os casos das *Farpas* e do *Cancioneiro alegre* são ainda muito recentes. Ahi está um symptoma pathologico evidente da apathia intellectual do velho reino. Esbofa-se hoje em objurgatorias estereis, falhas de seriedade e de sentimentos elevadós.

Entretanto o espirito imparcial irá descobrir que neste seculo a poesia lyrica brasileira excede a portugueza em brilho e verdade. Th. Braga reconhece este facto; é que este escriptor, apezar de seus arrojamentos gratuitos, tem mais senso critico do que o geral de seus compatriotas. ²

O romantismo no Brazil atravessou phases diversas: o primeiro momento foi de character *religioso*, ao gosto das *Meditações* de Lamartine. Gonçalves de Magalhães symbolisa esta feição. Seguiu-se o nacionalismo *à outrance*, por meio do *indianismo* de Gonçalves Dias. Depois veiu a época *sceptica*, á moda de Byron e Musset. Alvares de Azevedo e depois B. Guimarães, Junqueira Freire e Casimiro de Abreu são os seus melhores representantes.

Despertou em seguida o *naturalismo bacchico* de Varella e outros. Estava ainda em vigor esta tendencia, quando em 1862, no terreno do jornalismo, antes da reacção de Coimbra, entre

¹ *O Romantismo no Brazil. (Trabalho de 1873.)*

² *Parnaso Portuguez Moderno, 1877.*

nós a escola do Recife reagiu contra os nossos pretensos chefes por meio de Tobias Barreto e seu discipulo Castro Alves.

Este movimento, de character revolucionario, propagou-se por todo o paiz, acordando decidido enthusiasmo na escola de S. Paulo e no Rio Grande do Sul.

Dividiu-se depois em dous grupos, um critico-scientifico symbolizado nos *Cantos do Fim do Seculo*, e outro que se chamou especialmente *realista*, mistura do gosto de Zola e Richepin com as idéas de Baudelaire.

Esta ultima fórmula conta como adeptos quasi todos os novos poetas do Brazil, o que explica-se pelo attrahente da *besogne*.

Esta é a ordem chronologica na successão dos diversos momentos da idéa poetica neste seculo no Brazil.

E' facil, porém, de ver que alguns movimentos foram quasi simultaneos. A acção de Varella, por exemplo, foi contemporanea da de Tobias. A idéa varelliana, contudo, é um tanto anterior á do escriptor sergipano. Quando o cantor das *Vozes da America* foi assistir no Recife ao apparecimento revolueionario de Tobias Barreto e Castro Alves, já elle levava um nome feito de S. Paulo, já tinha seu systema completo, e foi rebelde á acção dos dois *innovadores* do norte.

O autor destas linhas, chegando ao Recife, achou Varella e Castro Alves ausentes, para pouco depois morrerem ; e encontrou Tobias voltado para a critica. Mas os acontecimentos eram recentes.

No seu tempo a escola pernambucana tomou as duas direcções simultaneas acima indicadas : a dos *Cantos do Fim do Seculo* e a especialmente *realista* de Celso de Magalhães, Souza Pinto e outros.

E' esta a tendencia que predomina hoje no Rio de Janeiro e na escola de S. Paulo. Esta ultima, nos derradeiros cinco annos, conta uma pleiade brilhante de jovens de talento que vão levando decidida vantagem á sua rival do Recife.

O movimento emancipador e critico partiu, é verdade, da capital do norte ; mas S. Paulo agora tem a primazia.

Não sei si vae nisto algum engano ; mas, pelo que tenho lido, os continuadores mais intelligentes e aproveitaveis da nova fórmula da poesia nacional, com quem quizera estar de accôrdo, si certas idéas, que, talvez erroneamente, julgo mais exactas m'oe permittissem, estão em S. Paulo.

O leitor comprehenderá, sem esforço, o motivo por que insisto nesta circumstancia, que parece minima. E' que os nossos mais alentados movimentos poeticos têm sempre partido do seio das nossas faculdades de Direito. A vantagem ora está n'uma escola, ora na outra. Por outro lado, nas artes, como a pintura e a musica, neste seculo, levamos incontestavelmente vantagem aos portuguezes.

Elles não têm nem um Carlos Gomes, nem um Pedro Americo ou Victor Meirelles.

Ainda mais, por nossa vivacidade, um pouco mais activa que a dos portuguezes, antes delles, nossa geração actual começou a estudar e a seguir as idéas de Comte e Darwin. Tambem os antecedemos nas longas viagens terrestres, como as de Couto de Magalhães.

A primeira collecção de contos anonymos publicada em lingua portugueza foi a deste viajante sobre as lendas *tupys*.

Os escriptores brasileiros dos quatro ultimos séculos podem ser divididos, na medida de seu merito, em primarios, secundarios e ainda terciarios.

Na primeira categoria só devem ser collocados aquelles espiritos de valor, que, por sua acção energica, representam um principio qualquer de differenciação nacional e de incentivo de progresso. Eu só conheço seis escriptores neste caso no Brazil :

Gregorio de Mattos, que indica, pela satyra e pelo cynismo, um momento psychologico da luta dos tres povos que iam constituindo a actual população do Brazil, e onde começa a consciencia nacional a despontar ; Gonzaga, que personalisa a transformação do velho lyrismo portuguez conservado na America ; Durão, que nos faz aproximar da natureza, desprezando os moldes classicos, e desperta a consciencia *brazileira*, lem-

brando-nos que nós não eramos só descendentes de portuguezes, mas que outras raças, como a dos *caboclos*, nos tocavam de perto ; Martins Penna, que, achando já a patria constituida, symbolisa o ridiculo popular contra a chata burguezia (herança portugueza) dos tempos da regencia e do segundo reinado ; Alvares de Azevedo, que, por meio da poesia, lançou-nos na alma as duvidas da velha Europa, indo procurar as suas inspirações sempre longe de Portugal, ensinando-nos assim o cosmopolitismo moderno ; finalmente Tobias Barreto, que, como poeta, resume todos os outros, e, como critico e politico, despertou-nos de nosso atrazo, retalhando bem fundo as chagas de nossas miserias de povo inculto e semi-barbaro, provocando uma reacção benefica.

Fôra destes seis, só conhecemos typos mais ou menos secundarios, sem grande individualidade, sem allo valor significativo.

II

E' possivel que a alguns leitores do Rio de Janeiro, ainda imbuidos de lusismo, afigure-se incontestavel até hoje a grande importancia das letras portuguezas. Nas provincias eu sei bem que ninguem mais jura na santa palavra dos pontifices do Tejo. Para o publico fluminense atrevo-me aqui a depor ainda algumas notas sobre o desenvolvimento intellectual da antiga melropole em face da antiga colonia neste seculo.

Sem entrar detalhadamente em questões de preferencias, que são sempre decididas ao sabor de nossos caprichos, venho aventurar algumas reflexões que me não parecem destituidas de fundamento.

Tanto o Brazil como Portugal fazem mesquinha figura no quadro das nações cultas, e o movimento espirital em ambos os paizes é quasi insignificante.

Entre aquillo que é mediocre e quasi nullo é obvio que se não deve muito distinguir.

Basta apreciar os dous momentos mais decisivos na vida pensante dos dois paizes neste seculo : a evolução *romantica* e a *critico-positiva*.

Naquelle, em Portugal, distinguiram-se muitos espiritos medianos, e os vultos de mais brilho foram: Herculano, Garrett, Castilho, Mendes Leal, Rebello da Silva e Castello Branco.

Taes escriptores, porém, que a nossa ignorancia, a par da ignorancia portugueza, tem levantado á altura de semi-deuses, não passam de figuras de terceira ou quarta ordem, cotejados pelo padrão dos *representative men* da romantica européa.

O proprio Herculano, o maior de todos, o que é ao lado de um Mommsen, de um Gervinus, de um Ranke, como historiador ? O que é elle, como poeta, em face de um Goethe, de um Schiller, de um Byron, de um Hugo ? Como critico, religioso ou litterato, diante de um Strauss, de um Taine ? Como estylista, á face de um Renan, de um Thierry ?... Creio que a idolatria de alguns portuguezes não subirá ao ponto de duvidar na escolha, si é que de idolatras se pôde esperar algum discernimento.

Nós outros, os brazileiros, nesse tempo tivemos os nossos: Magalhães, Gonçalves Dias, Azevedo, Alencar, Macedo e Varnhagen, que bem se pôdem pôr em paralelo com os portuguezes citados. Não mui grandes, como são, pouco têm a invejar aos seus rivaes lusos, si é que lhes devem invejar cousa alguma..

Si a *Historia do Brazil* de Varnhagen não é comparavel á *Historia de Portugal*, Herculano, por sua vez, nada possue que se possã comparar ao trabalho do nosso historiador: *Les origines touranniennes des Américains Tupis Caribes*.

Na época actual de evolução e desenvolvimento critico, tempo imbuido de idéas positivas, Portugal apresenta a mesma inferioridade diante da Europa culta.

O que são os seus Bragas, Coelhoos, Cordeiros, Oliveiras Martins... em face da brilhante pleiade de jovens escriptores allemães, inglezes e até italianos, que illustram a época actual ?

O velho reino não vae bem ; a superioridade que suppõe ter sobre nós é meramente occasional e apparente. O que elles assim

denominam não passa de mais um pouquinho de espirito litterario proveniente de sua maior cohesão social, que, por seu turno, é um resultado todo negativo, por ser filho da estreiteza do paiz.

Não é isso uma superioridade real e que os faça levantar a cabeça um pouco além do permittido.

Ainda mais, Portugal só tem uma vantagem sobre o Brazil e que dá grandes proventos aos seus: o contar neste paiz uma opulenta colonia, que, para faltar a nostalgia, é a principal consumidora de seus productos.

A este imperio falta isto; o pouco que produzimos não é lido, nem tem sahida no mercado á mingua de espirito litterario e de cohesão nacional.

Aos quatro corypheus portuguezes, por ultimo citados, temos a oppôr nossos escriptores recentes: Couto de Magalhães como ethnologo, Barboza Rodrigues como naturalista, Baptista Caetano como philologo, Ladislau Netto como botanico e Araujo Ribeiro (visconde do Rio Grande) como geologo.

Não creio que a sciencia esteja menos dignamente representada por estes illustres autores do que pelos bons portuguezes lembrados.

Si os nossos antagonistas os não conhecem, procurem minorar tal indlgencia pondo-se um pouco mais a par da evolução espirital americana, para não abudarem em disparates quando houverem de fallar a nosso respeito.

Dizem, porém, os encomiastas desajuizados das lettras lusas que nada temos a oppôr, na orbita das idéas emancipadoras, a um Ortigão, um Eça de Queiroz, um Guerra Junqueiro...

E' simplesmente opinatico. Como já fizeram de Herculano um sem rival entre os historiadores contemporaneos, em breve irão fazer de Ramalho um commensal de Comte, de Spencer, de Buckle... quem sabe si não tambem de Häckel e Darwin?!

O innocente autor de — *Em Pariz* — escriptor que melhor se tem distinguido por sua habilidade de pamphletario nas *Farpas*, será de prompto transformado em um dos oraculos da sciencia positiva!...

Nem tanto assim... Aqui tambem ha livros e aqui tambem se estuda. Não nos queiram illudir com despropositos. Nós outros tambem temos criticos e poetas, philosophos e escriptores, munidos das novas idéas, que o positivismo e o darwinismo têm espalhado pelo mundo.

Tambem contamos anti-romanticos e anti-metaphysicos, e sectarios entusiastas do monismo scientifico. São elles, para não fallar de alguns outros: Tobias Barreto, de Pernambuco, Guedes Cabral, da Bahia, e Pereira Barreto, de S. Paulo, a quem pôdem addir os jovens escriptores Miguel Lemos, Teixeira Mendes, Lopes Trovão e J. do Patrocínio.

Si alguns destes espiritos, que mourejam quasi incognitos nas provincias, são como inexistentes para o publico fluminense, a culpa não é delles. Accusemos antes a nossa presumpção, que nos leva a crer que o Brazil é a *rua do Ouvidor*... que os nossos homens são sómente os que fazem discursos no parlamento, para obterem as palmas dos enfatiados e os applausos dos dilettantes.

Si aquelles escriptores, com todo o valor que os distingue, permanecerem obscuros, é que não vivem aos embates da *claque* fluminense, ou lisboeta, e differente é o viver desgarrado pelas vastas provincias deste imperio do estar ao conchego amigavel e animador que encontram os seus *pares* em Lisboa, por exemplo.

Assim, minha conclusão é que não ha superioridade de Portugal para o Brazil; ambos os paizes têm o privilegio de produzir epygonos, ambos vivem ajôujados á mediocridade que os distingue.

Para que então fazer selecções e ter preferencias?

Taes parallellos, além de peccarem por falta de base scientifica, trazem sempre o sainete dos odios nacionaes, que se não devem avivar.

Não é meu empenho passar agora revista ao que no Brazil se tem escripto nos diversos ramos do saber humano; antes, porém, de concluir perguntarei aos portuguezes:

— Si tanto vos ufanaes do vosso Herculano, e, por amor delle, já vos suppondes tão distanciados de nós, que acreditaes levar-nos vantagem pela intelligencia, tambem haveis de leval-a nas artes: e onde estão os vossos— Carlos Gomes, Victor Meirelles e Pedro Americo ?

Não os conhecemos ; no mundo artistico executaes o velho dito de Tacito : « Brilhaes pela ausencia. »

III

Eu disse algumas linhas atraz que a feição *realista* vae predominando hoje em nossa poesia, e é exacto.

Não me sinto em disposição de espirito de vir tratar de novo desta questão, entre outros motivos, porque aceito o dito de Julian Schmidt: E' uma prova de incultura ainda vir hoje discutir sobre a questão vencida do *idealismo* e *realismo*. » ¹

Devo, porém, notar que esta ultima palavra foi mal escolhida pela nova, ou antes pela que se suppõe nova, escola.

Sabe-se que a philosophia allemã contemporanea chama as actuaes conquistas do espirito de *realismo scientifico*, o qual muito se distingue do pretendido *realismo litterario*. Si, pois, o nosso *realismo poetico* pretende pôr-se de accôrdo com as grandes vistas da sciencia, não procurando ao menos contrarial-as, elle tem toda a razão de ser, e todos o acompanharão com fervor. Mas, si entende que *a ultima fórma que tomou o lódo do Sena*, como tambem dizem os allemães, é a suprema e unica verdade em litteratura, illude-se tristemente.

Si acredita que com retratos, mais ou menos descarnados, das *podridões sociaes*, achou a ultima palavra da *perfectibilidade*, engana-se.

¹ No artigo—*realismo* o *Idealismo*, inserto no *Movimento*, em 1872, Recife, e num artigo sobre as *Poesias* da Sra. Narcisa Amalia, publicado na *Republica*, do Rio, em 1873, discutimos a questão.

O velho sestro das pinturas aphrodisiacas e picarescas é um antigo peccado romantico, amigo do passado, existente em todas as litteraturas nas épocas de decadencia.

Não seria difficil, partindo dos tempos antigos, agarrar esse pobre mono pela orelha, e atravez da Grecia, de Roma, da idade média, puxal-o até Portugal e, no seculo passado, apreciar os seus esgares no celebre *setimo* volume de Bocage !..

Neste seculo bem tolo será aquelle que, compulsando as poesias, romances e dramas romanticos, não descobrir as orelhas do macaco.

A aphrodisiaca, a erotica litteraria, é velha como o *Corcovado*; e não era mister que Zola nol-a ensinasse, a nós que a tinhamos de sobra nas *galhofas* de nossas mulatas e nas pilhérias do *Album da Rapasiada*.

Mas eu não desconheço que o realismo, o *falso e pobre realismo*, já preveniu esta objecção, que o feria de morte. Elle diz : « Aquillo que os romanticos faziam por *alegria*, nós o fazemos por *tristeza*, isto é, elles deliciavam-se com a infamia e nós queremos corrigil-a ; elles a pintavam como consocios, nós a plntamos como adversarios ; elles a querlam perpetuar, nós a queremos extinguir !... »

Muito bem ! Si assim é, ainda neste caso, o programma não é novo, nem é vosso. Vós sobre as pinturas escandalosas choraes algumas lagrimas de *velho pessimismo*... Deveis lembrar-vos que antes de vós, já Byron e Leopardi tinham esgotado esta veia.

Sim ; a poesia, o romance, o drama, a litteratura toda emfim, deve ser *realista*, quero dizer . deve estar de accôrdo com a natureza, com a verdade, com a sciencia ; deve ser um écho fiel da verdade *humana*.

Ora, esta é multipla, variada, complicadissima, tem aspectos diversos, e, por certo, a sua face minima é a que o neo-realismo apanhou, para sobre ella estender-se.

Eu não contesto a veracidade de muitas das scenas dos livros da nova escola. O defeito desta, porém, está em ter-se voltado para certo lado da montanha e suppôr que dalli descortina todo o céu.

Sempre que uma fórmula só da realidade, um lado exclusivo dos factos, pretende impôr-se pela verdade toda, temos ahí um phenomeno de pouca duração. A natureza reage e o systema cede. E' o que se deu com o romantismo : entendeu que devia chorar de mais, e acabou por *ensandecer*.

O mesmo acontecerá com o *neo-realismo*. Acabará rheumatico, corro o um sandeu tornado impotente pelas orgias.

A boa poesia é aquella que tem uma nota para todas as harmonias humanas. A tristeza, a alegria, a dôr, o enthusiasmo, o crime, a honra, a virtude, a devassidão, todas as faces da vida humana podem e devem ser vistas.

O bom realismo é aquelle que interpreta tudo isto. O mau—aquelle que vive a rimar fingidos casos eroticos, sem graça e sem elevação, desgostando-nos até das doces illusões da materia. Oxalá que alguns soubessem repetir a realidade da *belleza prostituida* ; mas nem isso !

Uma obra d'arte é tanto mais *idéal* quanto mais fielmente reproduz a realidade. E' um conceito velho e verdadeiro.

Por que é que se diz que uma estatua de Phidias representa o *idéal* na arte respectiva ? Justamente porque o celebre estatuario reproduziu a *verdade* das cousas. Por que é que uma lei astronomica de Newton é o *idéal* na respectiva sciencia ? Porque uma lei concebida pelo grande sabio é uma fórmula comprehensiva e explicadora da evolução *natural* dos astros. O que de mais *idéal* e ao mesmo tempo mais *real* do que um axioma geometrico ?

Nenhum homem de bom senso admittirá, pois, que, na hora actual, toda a humanidade tenha ingerido uma boa porção de *cantharidas* e esteja toda ella...entregue ás seducções de Aphrodite !

Já vêem os nossos talentosos rapazes de hoje que o circulo da poesia é muito vasto e não se abrange todo elle só com o raio de que dispõem.

« O romancista, o poeta, deve estudar o homem *no seu trabalho*. »

Fecundas palavras de um autor germanico, que exprimem o grande, o bom *realismo*. Mas...isto não nos veiu de Pariz, e nós preferimos ainda *faire l'amour* á franceza....

IV

Todas estas idéas me occorreram pela leitura dos *Novos Idéaes* do Sr. Mucio Teixeira.

Este poeta, já vantajosamente conhecido entre nós, filia-se um pouco ao realismo em voga.

Um pouco, disse eu, para fazer notar que elle não está de todo eivado pela molestia.

Não vá algum leitor menos attento suppôr que, assim me exprimindo, defendo os direitos de uma celebre seita que ahi anda intitulado-se *idéalista*. Meu intento é outro; advogo o largo realismo contra o estreito, e, posto este em face do idealismo aleijado, eu o aceitaria de preferencia ao ultimo.

Quando digo que Mucio Teixeira não está de todo devastado pelo mal, quero expressar que sua lyra tem outras cordas, além da hoje vibrada por *moda*, isto é, elle não amputou a verdade.

Assim, em seu bello livro, a *primeira parte*, sob o titulo *Flóres do Pampa*, muito me agradou, porque é *realista*, mau grado a moda, quero dizer, exprime a *verdade* da vida *pampeana* pelo seu lado innocente e sério.

O poeta não teve necessidade de encher aquella parte do seu livro de almas enfermas e de pernas e corpos nus...

E elle fez bem.

Mucio Teixeira é homem de seu tempo, e obedece ás inclinações da época; é tambem homem de seu paiz e não esquece o meio em que ha vivido. Seu livro accusa este dualismo a que obedecem sempre os bons poetas.

Esse moço tem já produzido e publicado muito, e conta apenas 22 annos de idade. Seu espirito é generoso e franco; seu talento aberto a nobres impulsos.

Seu temperamento é e será sempre o de um poeta. Difficilmente tomará outra direcção.

Nem elle deve fugir ao seu destino ; no meio do nosso pavoroso epygonismo litterario, está predestinado a representar um grande papel.

Mucio Teixeira é um cimo no meio de algumas dezenas de rapazes, que ahi vivem a fazer ... *alexandrinos* cheios de *párias*, de *crimes esverdeados*, de *alcouces e barregãs*, e outras tantas palavras obrigatorias, depois que se lhes metteu em cabeça que o portuguez Guerra Junqueiro é um grande vulto que deve ser imitado.

Bem cégo, porém, é quem custa a ver que Junqueiro não fez mais do que pegar no ar algumas sedições idéas socialistas e revestil-as da velha fórmula eriçada de Victor Hugo em decadencia.

Si o desejo é seguir a fórmula do bello lyrismo do Hugo dos bons tempos, não será então preciso atravessar o Atlantico para ouvir Junqueiro.

Nós, antes d'elle, tivemos as arrojadas producções de Tobias Barreto e de Castro Alves.

Mucio Teixeira parece ter recebido sua actual intuição litteraria do portuguez citado.

Pela fórmula já disse que era inutil tel-o feito ; quanto ao fundo, *soi-disant* moderno e exacto, aquillo é moeda velha entre nós. Desde 1868 deu o que podia dar na escola do Recife, nas mãos de Celso de Magalhães, de Souza Pinto e outros.

Deixemos Portugal em descanso e estudemos o nosso paiz e a culta Europa, que não será pouco.

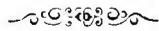
Nesse rumo teremos muitos fructos a colher, e Mucio Teixeira, si o quizer, ha de ser dos mais avantajados na faina.

Seu ultimo livro é uma realidade ; mas seu talento promette ainda mais.

Rio de Janeiro, Outubro, 1879.

SYLVIO ROMÉRO.

PRIMEIRA PARTE



FLORES DO PAMPA

AO MEU AMIGO

Benjamin Villas-Bôas

Leubnera D'Alta



I

FLORES DO PAMPA

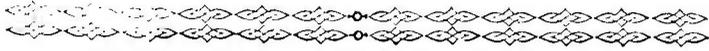
 minha amante, a Musa, outr'ora uma criança
Franzina, delicada, anemica e nervosa,
Que cantava ao luar uma canção saudosa...
Fallando-me de amor, de crenças, de esperança!...

Ella, que teve um dia (esplendida lembrança!)
A idéa de vestir saióte côr de rosa;
E ao dorso d'um corcel — valente e gloriosa —
Foi dar aos generaes exemplos de pujança!...

A indígena, a cabocla, a virgem das florestas,
Que dormia ao mormaço as languorosas sestas,
E ia banhar-se ao mar, saltando d'uma rampa ;

Aos louros dos heróes e ás c'rdas das Ophélias,
Prefere uma ideal grinalda de *bromélias*,
Bellas flores do Sul, bellas flores do Pampa.





II

O PAMPA



Pampa é um mundo novo, o El-doirado

Das chimeras de um cérebro beijado

Por columbeas visões !...

Tem immensas planícies viridentes,

Límpidos lageados transparentes,

Inhóspitos rincões !

No tôpo das coxilhas verdejantes,

Os pinheiros athleticos, gigantes,

Vigorosos e nus,

Abrem os braços — destendendo os galhos,

Talvez pedindo ás noites mais orvalhos...

Aos dias menos luz !...

São elles as perdidas sentinellas,
Que annunciam a vinda das procellas,
A' vanguarda dos céus...
Como mastros de náos bem arvoradas,
Resistem dos pampeiros ás rajadas,
Em plenos escarcéus !...

N'aquelles solitarios descampados,
Outr'ora os indios fortes, bronzeados,
— Os indígenas nus —
Envergavam os arcos, disparando
As settas, que voavam, sibilando,
Nas vastidões azues...

E as caboclas, morenas e lascivas,
Ao pôr do sol ficavam pensativas,
Choravam sem querer...
Talvez lembrando os juvenis guerreiros,
Que — a ficar n'outras *tabas* prisioneiros —
Preferiram morrer !...

Foi aqui que os FARRAPOS invenciveis
Escreveram poemas indiziveis,
Que traduzir não sei...
Quando de Trinta e Cinco os lutadores
Tentaram esmagar uns vis senhores...
E um despotico rei !...

Nunca viste um Gaúcho soberano,
Mais rapido que o vento minuano,
O régio vendaval?...
Elle transpõe coxilhas e canhadas,
Sôlto o palla dos ventos ás rajadas...
No dorso do bagual!...

Vou descrever os usos e costumes
Dos meus págos nataes, sem ter ciumes
Das outras regiões...
O Pampa é um mundo novo, o El-doirado
Das chimeras de um cérebro beijado
Por columbeas visões!





III

CREPUSCULO MATINAL

QUANDO a luz d'alva desata
Rubras fitas pelo azul,
Chora lagrimas de prata
O firmamento do Sul !

Os pingos d'agua, trementes,
Cahindo sobre as canhadas,
— Essas pérolas algentes
Do collar das madrugadas...

Os frios glóbos de orvalhos,
Como uns rosarios de luz,
Das folhas descem p'ra os galhos...
Dos galhos p'ra os troncos nus !...

E brilham, de manhã cedo,
No verde manto dos campos,
Como em sombrio arvoredos
Cardumes de pyrilampos. . .

Sáem as aves dos ninhos,
Sáem as sómbrias do val ;
— Na orgia dos passarinhos
Rompe a orchestra matinal !

Nos rincões ou nas quebradas
As féras buscam abrigo...
Como tropas debandadas
Por exercito inimigo !

E o sol, — eterno vaidoso —
Abre as janellas do ar...
E vai mirar-se garboso
Na superficie do mar !





IV

A SÉSTA

EM pleno zenith, brilhante e ardente,
Embala-se em rêde de chispas — o sol...
A sombra s'esconde, medrosa, tremente,
Por baixo dos galhos...
Que á mingua de orvalhos
Aguardam sedentos o vir do arrebol.

A' sombra excitante, serena, tranquilla,
Das arvores altas do sul do Brazil,
Erguidos os braços, cerrada a pupilla...
Formosa môena
Dormita serena,
Sorrindo, opiada n'um sonho gentil!

Tão nua... e tão bella ! tão cheia de encantos,
Provoca lascivias em tal languidez !...
As pálpebras tremem, humentes, sem prantos...
 E em câimbras de gozo
 Seu corpo nervoso
Dá saltos felinos por mais de uma vez...

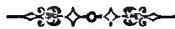
Sem medo e sem vestes... os seios trementes,
Os labios convulsos nas ancias de rir ;
Si soltam as aves seus cantos dolentes,
 Os braços agita...
 Seu peito palpita,
Mas — vendo que é nada— sorri, a dormir !

E dorme, sonhando, tão bella e tão calma,
Qual fada das lendas do povo allemão,
Que a um principe loiro, que rouba-lhe a alma,
 Se entrega rendida...
 E dorme, esquecida,
Por mezes, por annos, por sec'los... em vão !

Seus negros cabellos, compridos, olentes,
Se agitam aos sopros dos genios do ar...
E vêm-lhe ao ouvido, de manso, plangentes,
 Os echos perdidos
 Dos longos gemidos
Que soltam os ventos da banda do mar !...

Mas ah ! que a araponga soltou no arvoredó
Um grito estridente, metallicó... então:
A pallida moça, tremendo de medo,
 Em casto receio,
 Co'as mãos cobre o seio ;
E os negros cabellos cahiam-lhe ao chão !...

Para uma lagôa, que perto corria,
Dirige seus passos, transida de horror ;
Ao pé do salgueiro, que á margem se via,
 A agua faz bulha...
 Seu corpo mergulha...
E — escondem as aguas thesouros de amor !





V

DESEJOS

QUANDO, aos tremulos raios do crepusculo,
Penetro a sós na solidão das mattas,
Ao marulhoso múrmur das cascatas
Que rolam das pedreiras colossaes,
A legião phantastica das arvores,
De galhos retorcidos para os ares,
Assim como uns gigantes seculares
Dia e noite affrontando os temporaes ;

Faz-me lembrar, não sei por que mysterio,
Os guerreiros das tribus indianas,
Que tinham nas florestas as cabanas
E nas cabanas a cabocla em flor.
Ah ! flor morena dos vorgeis da America !
Quem me dêra poder (nem sei si o diga)
Desatar de tua perna a rubra liga,
Nos delirios de um ímpeto de amor ! . . .

Quem me déra embalar-me, nas vigílias,
Na rêde onde dormias ao relento,
Tendo por cortinado o firmamento
E por tapête as flores do vergel...
Das estrellas ao vivo alampadario
Ver-te núa e medrosa em meus joelhos,
E nos teus labios quentes e vermelhos
Em beijos prelibar favos de mel l...

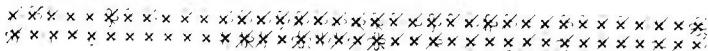
Comtigo, á claridão de um luar límpido,
Cortando na barranca uma taquára,
Com ella ir dirigindo a leve ygára
Do manso rio á superficie azul...
Cantando juntos a canção dos indios,
As lendas d'essa raça extincta agora,
Lendas que o céu da patria ouvia outr'ora
Do Prata ao Tocantins...do Norte ao Sul l

E depois, quando a lua e o silencio
Por alta noite povoassem tudo,
Ir pisando subtil, tremulo e mudo,
Para não despertar o piága ancião...
—Lutando os meus desejos com os zephyros
Que beijassem-te os fios dos cabellos,
Ébrio de languidez, ébrio de zelos,
Levar-te nos meus braços ao sertão.

No centro mais sombrio e solitario
De uma gruta de galhos entrançados,
Onde outros corações apaixonados
Não batessem de amor, nem uma vez ;
De rosas brancas desfolhando as pétalas
No capinzal, eu formaria o leito
Para dormirmos—peito contra peito—
Labio com labio, em languida mudez !...

Quando, aos tremulos raios do crepusculo,
Penetro a sós na solidão das mattas,
Ao marulhoso murmure das cascatas
Que rolam das pedreiras com fragor,
Vêm-me então á lembrança, em vagos extasis,
Os guerreiros das tribus indianas,
Que tinham nas florestas as cabanas
E nas cabanas a cabocla em flor !...





VI

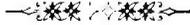
VIAJANDO

 noite. As antas dormem á vontade
Na sombria mudez dos precipícios...
Emquanto além, os loucos sem hospícios,
Mascam blasphemias contra a sociedade.

Aqui...na serra, longe da cidade,
O formigueiro túrgido de vícios...
No terreiro do rancho os meus patricios
Descantam na viola, em liberdade !

Uma criança arteira, gorda e nua,
Vai, correndo e gritando, á luz da lua,
De um morcego seguindo as azas pretas...

Eu *sento* o meu cavallo...E ouço a grita
Com que entoam ao longe a *Chimarrita*,
Aos metallicos guinchos das carrêtas !...



Quando a ave da noite abriu as azas,
Annunciando a hora do repouso,
Eu, que andava em viagem d'escoteiro,
Dei de rédea a buscar seguro pouso.

VII

CHINÓCA

(POEMA DA SERRA)



Quando a ave da noite abriu as azas,
Annunciando a hora do repouso,
Eu, que andava em viagem d'escoteiro,
Dei de rédea a buscar seguro pouso.

Dormir a sós no campo, em noites frias,
Sem barraca, sem poncho e sem peães,
Exposto aos desertores e aos tigres,
Sem ao menos uns tres ou quatro cães ;

Fôra facilitar ; e eu, que prézo
Com todo o interesse a minha vida,
Preferi galopar mais légua e meia,
A passar uma noite mal dormida.

E toquei-me, no mais, coxilha fóra,
Não sentando nem mesmo nas canhadas,
Sem medo de rodar entre a macéga,
Once as perdizes dormem socegadas.

Atravessando o passo, cujas aguas
Cahiam d'uma íngreme pedreira,
Sombreadas por folhas verde-escuras
Da restinga entrançada em capoeira ;

Pela estrada real segui no tranco,
Resolvido a pedir uma pousada
Na primeira fazenda ou mesmo sítio,
Que ficasse mais proximo da estrada.

Não tinha *troteado* quadra e meia,
Quando avistei á esquerda do caminho
Uma luz que aos bocados transformou-se
N'uma fogueira á frente d'um ranchinho.

Para ali me tocando, á meia rédea,
A' porteira soltei o « O' de casa !
(Tirei de traz da orelha o meu cigarro
Que accendi d'essa feita n'uma brasa.)

Mal a porta se abriu, velho caboclo
« Chegue-se » murmurou em voz amiga ;
E ouvi as vibrações d'uma vióla,
Que acompanhava os sons de uma cantiga...

Era uma voz alegre, clara e fresca,
Como a voz das crianças innocentes ;
Dando a uns versos antigos e sem arte
Uns *tremulos* lascivos e dormentes.

Puxei o meu picasso pela rédea,
Levando-o para baixo da ramada ;
Desensilhei-o ahi, tirei-lhe o freio
E deixei-o na sóga, em bôa aguada.

O animal rinchou alegremente,
Sacudindo garboso as longas crinas,
Espojou-se na relva humida e verde
E gachou-se a pastar pelas campinas.

Era uma noite fresca e constellada,
Como são sempre as noites estivaes
Sob o azul — crivado de brilhantes,
Das nossas regiões meridionaes.

Como lanternas mágicas accesas
No sombrio recinto de um salão,
Faiscavam inquietos vagalumes
No recanto trevoso d'um capão.

A mudez do noctívago silencio
Era d'espaco a espaco entrecortada
Por latidos monótonos e tristes
De cães soltos em torno da morada.

Era bem tarde já ; porém os gallos,
Os lascivos sultões do gallinheiro,
Nem se lembravam de *rachar o bico*,
Encolhidos nas varas do poleiro...

Entrei no rancho : - Abanque-se, patricio, -
O caboclo me disse, e ao fogão
Indo logo buscar uma chaleira,
Encheu a cúa e deu-me um chimarrão.

Matteámos os dois, fallando ácerca
De coisas passageiras, méros nadas ;
Nos pôtros que domára n'esse dia,
Nos estragos das muitas enchurradas...

Fallou-me de um rapaz dos arredores,
Que por causa das ultimas carreiras
Déra algumas facadas no Manduca,
O pobre do Manduca das Mangueiras !...

Contou-me que indo além parar rodeio,
Encontrára umas vaccas pesteadas,
Mas que havia cural-as das bicheiras,
Com umas benzeduras muito usadas...

Que tinha em seu piquete dois cavallos,
— Um malacára e outro tobiano —
Com gafeiras, coerudos e com brócas,
Mais tristes do que um vento minuano.

Emfim, elle fallou-me das miserias
Que perseguem os pobres criadores,
Que p'ra ter um churrasco sobre a cinza
Andam á chuva, ao sol e aos calores.

Tive pena do misero caboclo ;
Consolei-o com phrases corriqueiras,
E perguntei quem era que á viola
Cantava ali modinhas brasileiras :

- E' minha filha » respondeu-me, e indo
Para a porta que dava p'ra varanda :
« Chinóca disse, « escondes-te da gente ?
Por que foste p'ra dentro ? vem cá, anda.

Pouco depois, o rosto mais mimoso
Que eu tenho visto em corpo de donzella,
Assomava, modesto, ingenuo e tímido,
Tornando-a em seu enleio inda mais bella !

Só co'a palheta magica de Rubens,
Ou o pincel de Sanzio em mão de Apelles,
Eu podéra alinhar aquellas fórmas,
Pintar a maciez das suas pelles.

Havia em seu olhar, *quebrado* e humido,
Um mar de aspirações indefinidas...
E nas túmidas pomas, meio núas,
Viam-se jambos e romãs partidas.

Fugiu por minha causa ? - Perguntei-lhe,
Fitando-a com respeito e com surpresa :
- Não, senhor ; como um hospede chegasse,
Fui fazer o café, que está na mesa. »

Entrámos na varanda : era pequena,
Mas alegre, bem clara e arejada ;
Tinha duas janellas p'ra o terreiro
E uma rêde n'um canto pendurada.

Sobre uma grande caixa de madeira,
Capaz de accomodar uma baleia,
A carôna, o baixeiro e os pellegos
Formavam uma cama de mão cheia.

Depois, por travesseiro—um serigóte,
Sob a chêrga, enfronhada na badana...
Podia-se dormir a somno solto,
Mais a gosto que em languida *ottomana*.

Sobre a mesa de pinho, sem toalha,
Tres tigélas de louça, um prato raso,
A chaleira por cima d'um tijolo
E uns grãos de milho esparsos ao acaso...

A um canto, uma espingarda de dois canos,
Encostada á parêde enfumaçada,
D'onde pendia um velho polvarinho
E um chumbeiro de pelle retouvada...

Taes eram os adornos resumidos
D'aquella habitação singela e pobre,
Onde um lindo thesouro de virtudes
A sorte confiára a um'alma nobre.





VIII

OS FARRAPOS

(À MEMORIA DE MEUS TIOS OS MENNA BARRETOS)



MONTADOS em pingos fogosos, ligeiros,
Outr'ora os Farrapos aqui pelejavam ;
Mais bravos, mais fortes que os fortes pampeiros,
Sem soldo e sem farda, valentes luctavam,
Montados em pingos fogosos, ligeiros.

De Bento Gonçalves aos sérios conselhos,
Puzeram em pratica idéas de um Dante !
Com facas de ponta, trabucos e rêlhos,
Os régios soldados tocavam por diante,
De Bento Gonçalves aos sérios conselhos.

Luctaram dez annos ! . . . Sedentos, com fome,
Descalços, despídos, por longe dos lares ;
Sem beijos de amante, sem gloria, sem nome,
Expostos ao tempo por invios lugares,
Luctaram dez annos, sedentos, com fome ! . . .

Qual féra que morre no fundo de um ermo,
Sem prantos, sem rézas, sem cova, sem nada,
De tantas façanhas heroicas ao termo,
Nem tu, Cruz do Christo, Ihes deste pousada . . .
Qual féra que morre no fundo de um ermo !

Assim como Ovidio chorava—exilado,
O' fortes Gaúchos, valentes e guapos !
Sósinho vagueio, no Pampa isolado,
Chorando o destino dos bravos Farrapos,
Assim como Ovidio chorava—exilado !





IX

NA ESTANCIA

(AO AMIGO FELISBERTO B. D'ALMEIDA SOARES)

E manhã cedo, quando as aves trinam,
E a cerração nos descampados dorme...
Saltar de cima do lombilho e logo
Lavar o rosto na lagôa enorme...

Ir ao curral, e, mesmo na porteira,
Uma guampa beber de leite quente ;
Sovar a palha e ir picando o fumo,
A conversar com essa boa gente...

Ensilhar o matungo, ir no tranquito
Dar uma volta por aquelles pagos...
E na venda mais proxima apeando
Cantar ao violão, tomando uns tragos...

Depois voltar ao rancho ou ao sobrado,
Tanto n'um como n'outro ha bôa gente ;
E na rêde suspensa de dois caibros
Saborear um chimarrão bem quente...

Em seguida, na mesa da varanda,
Tendo a faca de ponta na bainha,
Deixar esta na cinta e com aquella
Comer churrascô gordo com farinha...

Dormir ao meio dia um somno á sésta,
Debaixo da ramada verdejante ;
E despertar aos gritos do moleque,
Que annuncia a comida fumegante...

Jantar feijão com charque, carne fresca,
Costelletas de porco, arroz da terra ;
E após a sobremesa de cangica
Passear té sol posto pela serra...

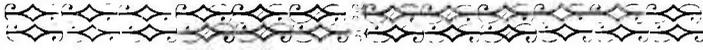
Eis a vida que levam dia a dia
Os robustos e bons estancieiros,
Que si têm luxo—é só na prataria
Com que arreiam os ágeis parrelheiros...

E a pescaria á noite? e as cantigas
De analphabeto e rude menestrel,
Que improvisa bons versos, sem que saiba
Nem escrever seu nome n'um papel?

E os olhados gentis da mulatinha,
Que os dedos nos aperta ao dar o matte?...
E depois...desfallece na viola,
Com saudades talvez d'algum mascate...

E os sorrisos ingenuos da morena,
A quem chamam Chinóca ou Inhazinha?
E as proezas dos moços caçadores?...
E as historias da trémula velhinha?...

...Eu gosto d'essa vida ignorada,
Que passam nas estancias meus patricios;
Longe das multidões, longe dos vicios,
Aos lúgubres mugidos da boiada.



X

NO POUSO

Aqui...perdido n'amplidão do Pampa,
Onde o Gaúcho no ginete vòã...
Mais veloz que de cima d'uma rampa
Uma pedra que cahe n'uma lagôa ;
Aqui...aonde a cruz de qualquer campa
Os mais heroicos feitos apregôa ;
Onde outr'ora os Farrapos destemidos
Batiam-se—sem nunca ser vencidos !...

Aqui—ha mais encanto e poesia
Do que chega a sonhar a creatura :
Quer seja á luz esplendida do dia,
Quer das noites na côr azul-escura...
A agua dos lageados, clara e fria,
A aragem das coxilhas, fresca e pura,
Tudo emfim sob o céu do meu Rio-Grande
Falla á alma, que em extasis s'expande !

A' sombra dos angicos e figueiras,
Ou das grapiapúnhas colossaes,
Onde dormem a sésta horas inteiras
Os tropeiros, ao pé dos animaes,
Que, ou atados á sóga, ou pelas beiras
Dos banhados, por entre os bamburraes,
Pastam tranquillamente, emquanto o dono
Sem cuidados se entrega a um leve somno...

Quantas lendas não dormem esquecidas,
Cobertas da poeira das estradas ;
Quer sejam peripecias revestidas
Das mais tragicas scenas, borrifadas
Do sangue gottejante das feridas
Abertas pelas facas afiadas...
Ou sejam innocentes devaneios
De amantes corações, sensiveis seios !

...Que nuvem é aquella, de poeira,
Que em novellos se eleva da picada?...
E' tão densa e cerrada a polvadeira,
Que eu não posso d'aqui descobrir nada...
Ah! lá vejo uma dona feiticeira,
N'uma mula manhosa, estropeada,
Pouco adiante de um lindo ginetaço,
Que vem vindo do tranco no compasso...

Mais atraz, um andante, já velhusco,
Aponta para cá de tal maneira
Que, si bem não m'engano, esse patusco
Vem de certo pousar n'esta aroeira;
O seu pingo, da côr do lusco-fusco,
Si não é parlheiro, de carreira,
E' de certo bagual de estribaria,
Pois cançado não 'stá da montaria.

Um piá, uma velha e um *bahiano*
Que, em vez de *esc'ramuçar*, sócca cangica,
E um cargueiro, onde um negro, muito *ufano*,
Mostra uns dentes — que muita gente rica
Nem mesmo de um dentista americano
Consequiria iguaes...ora, aqui fica,
Para não nivelarem-me aos massantes,
A descripção d'aquelles viajantes.

Eil-os que se aproximam... Desensilham
Os animaes, que soltam d'uma feita ;
As pratas dos lombilhos inda brilham
A' frouxa luz do sol, que além se deita...
Uns procuram gravêtos, já os pilham ;
Aquelle outro ao esqueiro a pedra ageita,
Lasca fogo — o qual surge de verêda:
E á faisca succede a labarêda.

Outro a chocolateira enche no rio,
Que á meia braça corre mansamente...
E a velha, que não ter nenhum fastio
Mostra — pela maneira diligente
Por que do *revirado*, mesmo frio,
Dá que fazer aos queixos habilmente...
Diz á morena : Chega-te, Nhazinha,
Prova, como é gostosa esta farinha !

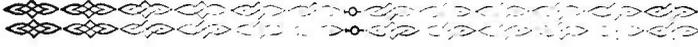
O monarcha, que já está deitado
Sobre a carôna; á sombra da figueira,
Ao passo que o piá 'stá occupado
Em botar lenha á roda da fogueira ;
Depois de haver a palha retouvado,
Nos beiços a segura : e na carreira
Pica o fumo na mão, enrola a palha
E fuma... enquanto a velha come e ralha :

• O' negro ! pois não vês que já é hora
De fincar o churrasco n'esse espêto ? »
Diz ao misero escravo a má senhora,
Que tem raiva de tudo quanto é preto :

Anda ! salta d'ahi . . . vê lá si agora
Queres que vá o pobre do meu neto
Fazer o teu serviço—emquanto ahi
Ficas que nem um rei cheio de si ! ? . . .

Já é noite cerrada . . . E eu, que tenho
De acordar ao raiar da madrugada,
Pois, si de longe, meu *patricio*, venho,
Não estou nem no meio da jornada ;
Dou como terminado este desenho,
Que é singela *paysagem* esboçada
Das pinturas *gentís* de um mundo novo,
Onde ha *monarchas* . . . sim, porém — no povo !





XI

CANTO DÔ MONARCHA

Eu sou o moço Gaúcho,
Valente como os mais guápos ;
Filho e neto de Farrapos,
Republicano no mais !
Com o meu poncho de pála,
E laço e bolas nos tentos,
Vou mais ligeiro que os ventos
Por sangas e bamburraes...

O rei, montado no throno,
Tendo os ministros comsigo,
Não se compara commigo
No dorso do meu bagual ;
Si elle é rei—eu sou monarcha !
Si elle tem sceptro dourado,
Tenho o rêlho prateado
E a cancha do meu punhal !...

Por Deus e por minha vida,
Tenho uma vontade ardente
Que ainda outra vez rebente
Aqui—a revolução !...
Mostraria á bahianada,
Que treme, a morder cartucho,
P'ra quanto presta o Gaúcho,
N'um pingo de opinião !...

De vez em quando—apparece
Um *orador* que se arrisca :
E n'assembléa se prisca
Para a banda popular...
Mas sempre encontra quem logo
Comece a pellegueal-o,
Arme-lhe certo o piálo
E faça o bagual *sentar* !...

Lá no Rio de Janeiro,
Um *jornalista* de fama,
Deixava tudo na lama...
Barbaridade! — gritou!...
Mas encolheu as orelhas
E deu-se por « affrontado »
No capão d'um *consulado*,
Onde se aquerenciou...

Hépucha, mano! Parece
Que os sentimentos rodaram!...
As crenças s'encurrallaram...
E o povo—murcha o garrão!
Estropeado e macêta,
Empaca o patriotismo,
E anda no passo o cynismo
Por toda a povoação.

Eu, que sou moço largado,
Valente como os mais guápos,
Filho e neto de Farrapos,
Republicano no mais;
Hei de correr a rebenque
Os reúnos sem valia,
Que, para mais picardia,
São filhos de nossos pais!...



XII

AO VIOLÃO

(RECITATIVO)

MORENA filha da columbea terra,
Lyrio da serra, onde a poesia dorme,
Ha nos teus labios muito mais frescura
Que n'agua pura do lageado enorme.

Tu tens nos olhos mais fulgentes lumes
Que os vagalumes nas doiradas azas ;
Como a phalena a voejar em flores,
Váis entre amoros ... e jamais te abrazas !

Ah ! quem me déra n'essas níveas pomas,
Ebrío de aromas, desmaiar de gozo . . .
Entre teus braços me prender de zelos
E em teus cabellos encontrar repouso ! . . .

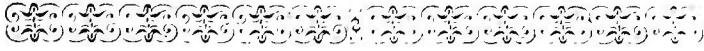
Morena filha da columbea terra,
Lyrio da serra americana, ardente,
Tua voz, mais doce que o gemer da viola,
Tudo consola . . . porque tudo sente !

Tu és o pouso, que o tropeiro errante,
Que anda distante de seus charos pagos,
Avista—á luz que no poente brilha—
Junto á coxilha, por detraz dos lagos . . .

Tu és mais bella do que a imagem santa
Que se alevanta no altar da igreja ;
T'ens mais mysterios do que a cruz divina,
Que na campina, solitaria, alveja . . .

Morena filha da columbea terra,
Lyrio da serra, onde medita o monge . . .
Pede-te um pouso, no teu seio amante,
O viajante—que chegou de longe.





XIII

GAUCHADAS

(A BERNARDINO DOS SANTOS)

FUI tomar ares fóra, ha quatro ou cinco mezes,
Na estancia de um amigo ; e repetidas vezes
Toquei-me campo fóra e fui parar rodeio,
Montado em pingos taes que nunca viram freio.

Eu ia, a toda a brida, á tóa, pelos Pampas,
Os touros apanhando a laço pelas guampas,
Repontar os baguáes, as égoas, os potrancos,
Rodando nos cupíns, saltando nos barrancos !

Era um guasca largado ! A's minhas gauchadas
Diziam os peões : « Não é de caçoadas
Aquelle *doutorzito*, a meio abalhanado,
Por Deus que é genetáço e moço abarbarado !

Quor fosse na atafona, ou fosse na senzala,
Por sobre os hombros meus cahia em regra o pála.
Prendia o meu cigarro á fita do sombreiro :
E arrastava por gosto a espóra no terreiro !

Nos fandangos, á noite, a china mais bonita
Olhava para mim—cantando a Chimarrita . . .
E si eu ia p'ra róda ; então . . . barbaridade !
Por Deus e um patacão—não era da cidade ! . . .

D'uma feita, eu já tinha atravessado o passo,
E estava retouvando as bólas junto ao laço,
Quando vi, a banhar-se, uma chinóca airosa,
Lindassa como o sol, fresca como uma rosa .

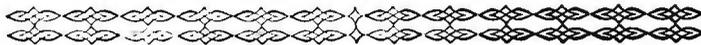
Não sei o que sentí ; parece-me sómente
Que eu quiz abrir de raia e me tocar p'ra frente . . .
Mas—si os olhos gentís d'aquella tentação
Manearam-me logo o triste coração ! . . .

Prisquei-me para traz e refuguei p'ra um lado,
Mas como *trotear* — si eu 'stava pialado?
A china aprisilhou-me uma olhadura terna..
Assim como quem diz : « Já te passei a perna ! »

Embuçalou-me, a rir, e em tom de voz tyranno
Perguntou-me depois : « Perdeu-se o vaqueano?...
Caramba ! eu via bem que aquillo era um desfrute...
Mas a gente, patricio, ás vezes não discute !...

.....





XIV

NOSTALGIA

(AO MEU PRIMO OSCAR PEDERNEIRAS)

QUEM me déra trocar todos os nadas
Que cercam-me esta vida de illusões,
Pelas horas com *ella* deslisadas
Na paz das solidões !...

Vossê nem sabe como eu penso agora
N'esse tempo feliz, que não vem mais...
Quem me déra poder andar lá fóra
Nos meus pagos nataes !

O rumor dos burguezes m'ensurdece,
Enoja-me das turbas o vai-vem ;
Aqui...tudo definha e desfallece,
Tudo revive além l...

Além l esta palavra em si resume
Campinas, virações e céu-azul !
E flores e lampyros em cardume
Pelos vergeis do sul l

Além l... andar, cantando, o dia inteiro,
A' sombra d'essas arvores titães :
Nas costas a espingarda e o chumbeiro,
A' frente uns quatro cães.

Mais tarde, á branda luz d'*ave-maria*,
Veltar contente ao ranchô de sapê :
Comer um prato de coalhada fria,
Depois — tomar café...

E os carinhos ingenuos da roceira,
Que não sabe illudir quando quer bem ;
E tem n'um corpo esbelto de palmeira,
Um'alma — de cecém !

Dormir na rêde as séstas languerosas,
Nas horas do mormaço abrazador ;
Cantar ao violão tróvas saudosas,
Cheias de muito amor !...

Nas noites em que a lua pelo espaço
Vai desfiando pastas de algodão...
Passearmos, com *ella* pelo braço,
Na sombra do sertão.

Voltar bem tarde ao rancho, onde na frente
A chamma da fogueira bruxoleia,
Sem medo de que a nossa confidente
Nos tráia... a lua cheia !

A lua ! quantas vezes não chegava
A sua discrição ao ponto de
Occultar-se na nuvem que passava,
Quando... veja vossê !

.....

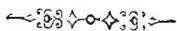
Mas, deixemos a lua e tudo aquillo
Que nos possa fallar ao coração,
E tratemos de quem viver tranquillo
Não soube — no sertão:

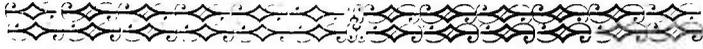
Estou emmagrecendo de maneira
Que ando em risco de ir para o *Cajú*...
Já perguntou-me *alguem* : - Mucio Teixeira,
Que é isso, que tens tu ?...

Por isso é que me diz constantemente
Meu amigo o doutor Lopes Trovão :
Mucio, toma cuidado, andas doente,
- Trata-te, quando não... »

Sabe lá como arrasto esta existencia
Mettido aqui na côrte ?..E' como vê :
Chamam-me por *doutor*...dão-me *excellencia*...
E nem sei mais o que !...

Quem me déra trocar todos os naças
Que cercam-me de fátuas illusões,
Pelas horas com *ella* deslisadas
Na paz das solidões !





XV

O VIAJANTE

I

Bom dia, moço triste ! gottejante
Trazes o manto, e rosto pezaroso ! . . .

Tens aqui um abrigo :

— Vem commigo. »—

Obrigado, bom velho ! eu vou distante
N'outros climas buscar um outro pouso.

II

« Contempla, moço, a tarde agouizante . . .
Olha . . . vês ? — já são horas de repouso.

Tens aqui um abrigo :

— Vem commigo. »—

Obrigado, Senhora ! eu vou distante
N'outros climas buscar um outro pouso.

III

« Bello moço ! em meu seio palpitante
 Trina um bando de passaros de gozo !...
 Tens aqui um abrigo:
 — Vem commigo. »—
 Obrigado, donzella ! eu-vou distante
 N'outros climas buscar um outro pouso.

IV

.....

V

Elle seguiu... Além — horripillante
 Bramia em furia o temporal raivoso !...
 Procurando um abrigo
 — A sós comsigo, —
 Do lar e da familia tão distante...
 No chão de um cemiterio teve o pouso !



SEGUNDA PARTE



VIVANDEIRAS



I

Un Idéal succede à un autre Idéal.

(E. QUINET.)



Musa do passado, a sombra luminosa
Que povoou de Homero a noite tenebrosa,
Que estendeu a Virgilio a vigorosa mão,
Guiando-o pela estrada em flor da inspiração ;
E mais tarde soltando as azas pelo espaço
Chorando penetrou no cárcere do Tasso ;
A Musa triumphal dos grandes idéaes,
Que descia com Dante ás trévas *infernaes*,
Ou com Milton subia ao claro *paraiso*,
Aonde o beijo é flor e aonde a flor é riso ! . . .
A Musa do passado, a filha do Senhor,
Casta como o luzir da estrella do pastor,
Impeccavel e boa, immaculada e pura,
Feita de luz, de sons, de frémitos, de alvura . .

Que tem nos seios bons, fecundos, maternas,
 O leite que dá força aos pulsos colossaes
 De Hercules, de Sansão !...

A Musa do passado

Cahiu como um guerreiro aos golpes d'um soldado,
 Cahiu, como um heróe envolto no pendão
 Que symbolisa a honra, os brios da nação,
 Nos labios abafando, em convulsões de gloria,
 Os irritantes sons de um hymno de victoria !

.....

Alevantou-se então a Musa do presente,
 Anemica, affectada, hysterica, doente,
 Cheia de hypocondria e cheia de rancor,
 A escarnecer de Deus, das illusões, do amor,
 Com os peitos sem leite, as faces carminadas,
 A dar cynicamente enormes gargalhadas !...

E as lendas varonis dos tempos medivaeas,
 Altivas como os sóes, claras como os chrystaes,
 Batidas pelo vento, envoltas na poeira,
 Passam como a espumante e marulhosa esteira
 Que deixam após si, do mar nas vastidões,
 Os vapores — que são os braços das nações !

E a Musa que de espada á cinta ia, de farda,
A passo marcial, dos bravos á vanguarda,
Bater-se peito a peito, em desvairado ardor,
Expondo-se a morrer, demente de valor !
Agora...

Oh ! irrisão ! vergonha !

A passos lentos,
Como os frades que vão, ébrios, para os conventos,
Cambaleando muito, assim como quem vai
Alevantar do chão o que das mãos lhe cái,
Caminha pela rua, á tóa, a dar topadas,
Com a cabeça baixa, as palpebras cerradas,
Levando, a muito custo, uma garrafa... aonde
Lá no fundo, entre a bôrra, um vinho mau s'esconde.

Ella, que foi outr'ora a deusa dos combates,
O anjo das victorias !
Passa os dias agora ao lado dos mascates
E as noites a contar phantasticas historias.

Não afasta, ao passar, os verdes reposteiros
Dos palacios reaes ;
Vive pelos bordeis, ao lado dos cocheiros,
Até morrer de fome ao pé dos hospitaes.

Canta *auroras do sul* em tímidos ensaios,
Saída a madrugada entre os lençóis da cama,
Toma café com pão á mesa dos laçaios
E em copos d'aguardente a inspiração inflamma.

Estende a mão leprosa ás meretrizes éthicas,
E, si cahem-lhe aos pés uns cobres esverdeados,
Resmunga em voz fanhosa exclamações pateticas,
Que inspiram compaixão aos rotos aleijados.

E' o requinte immoral de todos os cynismos,
A masc'ra das traições,
A lama dos paúes, a tréva dos abysmos,
O dente dos chacaes, a garra dos leões !...

Não vibra mais a sonora tuba
Dos homericos hymnos marciaes,
Fazendo que nos morros corra, suba
A matilha das cabras tropicaes,
Arripiando a leonina juba
Em contorsões selvagens e brutaes...

Toca viola á porta das amantes,
Cantando serenatas languorosas,
Fallando só de flores odorantes,
Ou trémulas estrellas luminosas,
Fechando o livro aos tristes estudantes
Que consagram-lhe as horas ociosas.

Assim os dias passa e leva os mezes,
Da *bohemia* na mútua liberdade,
Ante a raiva encoberta dos burguezes
E o desprezo integral da sociedade.
Quantas vezes, ó Musa ! quantas vezes
De vir a ser um cão não tens vontade ?...

Eu sei que tens momentos prolongados
De tristezas enormes !...
E que sonhos trevosos e pesados
Os que sonhas á noite, quando dormes :
Devem ser uns vampyros esfaimados,
Desinquiétos, horríficos, disformes !...

Ave ! Musa de outr'ora ! envolta em branco véu,
Vem derramar na terra a grande luz do céu !...

Tu, que seguiste á frente das cruzadas,
Um corcel insoffrido cavalgando,
Quando o límpido aço das espadas
Os lampejos ao sol iam roubando...
Tu, que, no mais renhido das batalhas,
Erguida sobre o alto das muralhas,
Desfraldavas o panno das bandeiras
— Que adejavam em leves caracóes —
Ao compasso das musicas guerreiras,
Que echoavam na bocca dos heróes ;

E, depois d'uma lucta gigantesca,
Desapertando do joelho as ligas,
Ias — por entre a morta soldadesca—
E gritos e lamentos dos feridos,
Atar os ferimentos dos vencidos
Que te erguiam as dextras inimigas !...

O' Musa varonil das velhas tradições !
Tu, que, de bocca em bocca, ás mortas gerações
Foste estímulo forte, altivo, sobranceiro,
Áquelles corações leaes que ao mundo inteiro
Legaram um punhal, um copo, ou uma cruz,
Dizendo-se:— Catão; Sócrates ou Jesus...
Por que não vens sentar-te á mesa do progresso,
Onde a sciencia quer a Deus tolher ingresso ?...

Transpõe a porta enorme e férrea das prisões ;
Dá ao bandido um livro em vez d'expições ;
Dá um asylo ao velho, ao morto um ataúde,
Liberdade á mulher, luzes á juventude.

Faze que o povo aprenda a lêr aquellas leis
Que o livram do poder despotico dos reis.
Transpõe do Vaticano as tenebrosas portas,
Atira a uma officina aquellas vidas mortas...
Faze que o *padre-santo* — o déspota real,
Ponha os oc'los... e leia o gothico missal !

E com que a igreja (em vez de casa de negocio,
Ou templo alevantado á hypocrisia, ao ocio)
Apague as velas e abra as portas p'ra que a luz
Do dia — bata em cheio á face de Jesus ! . . .

.....
.....

Manda inscrever na historia o nome dos valentes :
Bento Gonçalves, Netto, Osorio e Tiradentes.

Na mão de cada pobre atire-se uma esmola,
Ao pé de cada igreja eleve-se uma escola.





II

Ha muito que fazer, muito que trabalhar,
(GUERRA JUNQUEIRO)

O Poéta, hoje em dia, o pensador austero,
Satyrizando o Mal, a Realeza, o Clero,
Sóbo ao altar da Imprensa, o pulpito sagrado,
— Lanterna que clareia os antros do passado,
— Estrella a scintillar em horizonte escuro,
Guiando á eternidade os Magos do Futuro ;
E, abrindo ás multidões as folhas do Missal
Do Bem e da Verdade — a Bíblia do Ideal —
Desmoronando a Igreja e esboroando o Throno,
Faz com que o Povo, o pária . . . a boçejear de somno,
Inda esfregando as mãos nos olhos inflamados,
Sahindo dos lençóes revoltos, machucados,
Do leito sensual, ao banco do Trabalho,
No Templo da Officina, aonde é Cruz o Malho,
Procure o seu lugar, bem como o guerrilheiro
Ao lado dos heróes, nos campos do estrangeiro,
Quando é de fumo o ar, quando é de sangue a terra,
Ao som provocador das musicas de guerra.

E' tempo de saltar da bocca dos heróes

O hymno da victoria:

Os Novos Ideaes, brilhantes como os sóes,

Surgem.... são as visões phantasticas da gloria !

Dois atletas estão luctando em agonia :

A Tréva com a Luz.... a Noite com o Dia.

De um lado — a Ignorância, o pavoroso abutre

Que rasga o proprio seio e com seu sangue nutre

Os filhos do furor, do desespero insano

Que chama-se Miseria — o grande Pelicano !....

D'outro lado a Instrucção, a boa mãe, que ensina

O caminho da Eschola, as portas da Officina,

Aos filhos varonis, que a trabalhar, sem sustos,

Seguem para o futuro alegres e robustos.

Não tarda a começar da Liberdade a Missa

No templo da Razão:

Vai-se desenvolver o thema da Justiça,

A' luz da Nova Idéa, ao sol — Revolução !....





III

?

(AO COMPANHEIRO E AMIGO MARIANO DE OLIVEIRA.)

O ONDE sahimos nós?... Da sombra do mysterio...
Aonde vamos? não sei: a cruz do cemiterio
Póde ser uma porta aberta á eterna vida,
Mas póde ser tambem uma barreira erguida
Entre a luz e a tréva!...

Assim, a humanidade
Caminha, sem saber para onde vai...

Quem ha de
No Oceano fatal das duvidas etornas
A sonda mergulhar?...

As boccas das cavernas,
Os olhos dos leões, o ventre dos abysmos,
Têm imans, attracções, fluidos, magnetismos...

As ruínas ao luar e o interior dos templos
Produzem impressões mais fortes que os exemplos
Das severas lições!...

Em vão nós procuramos
Saber quem foi que deu ás arvores os ramos,
Canto ao passaro, aroma á flor, espuma á vaga...
A flamma da razão bruxoleia e se apaga
Em plena escuridão!

Por essa noite escura
Passam as gerações do berço á sepultura.





IV

A GLORIA

SINTO amor pela gloria: a eterna companheira
Dos genios, dos herócs, artistas e poetas !...
E' ella quem desfralda a marcial bandeira...
E' ella quem dá força ao pulso dos atletas !

A gloria é uma mulher morena e de olhos grandes,
Cheia de seducções e cheia de languores ;
Faz que os amantes seus subam além dos Andes,
N'um vôo inda maior que o vôo dos condores !...

Seus labios sensuaes provocam mais desejos,
Que as virgens de Murillo em languidas posturas...
Virgilio fez-lhe a côrte... Homero deu-lhe beijos...
E Milton vai com ella ás gerações futuras!

Foi amante de Tasso e de Petrarca e Dante:
Rival de Eleonora... e Laura... e Beatriz!...
Festejava Mozzar, quando elle ind'era infante...
Tem o berço na Grecia — e casas em Pariz.

Traz na fronte um laurel de estrellas em myriades,
Tem o escôpro, o pincel, o camartello, a penna;
Com Sólon meditou... sorriu com Alcybiades...
Cantou com Mallibran, chorou com Magdalena...

Subiu com Jesus Christo o monte do Calvario...
E desceu com Moysés do alto do Synái!...
Abriu as cathedraes antigas ao templario...
Sua mãe é a humanidade: e Deus — é o seu pai!

Nos castellos feudaes das épochas lendarias,
Ao ver as castellãs em seus balcões em flores,
Inundava de amor o coração dos párias,
Dando filtros fataes á vez dos trovadores...

Em todas as nações e em todas as idades,
Ella foi sempre assim: esplendida, divina !
Espalha os filhos seus por todas as cidades:
Em Pantheons e hospitaes... no theatro e na officina !...

A Gloria !... Essa mulher, por todos venerada,
Embora aperte ao seio o peito dos amantes,
E' mais pura que o ar no azul d'uma alvorada...
Casta como o botão das flores odorantes.

E' pura, é casta — e é mãe ; assim tambem Maria,
A Mãe do Nazareno, o martyr divinal...
Si a crença de meus pais não era uma utopia:
Era pura, era casta: e mãe... e virginal !...

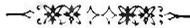
Na floresta cendrada, onde ella passa os dias,
Brincam Faunos gentis e Sátyros tambem ;
E ella mergulha, a rir, nas aguas claras, frias,
Onde a Náyade, a furto, espreita mais alguem...

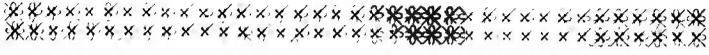
Esse alguem — é o ideal do seculo das luzes,
O ideal do trabalho, o ideal da sciencia ;
Elle — que adormeceu aos gritos dos obuzes...
Elle — que despertou á voz da consciencia !

Pois bem ! essa mulher, eterna e legendaria,
Que abre as mãos ao heróe e off'rece o braço ao genio,
Cedeu a Bevenuto a mão da estatuaria...
Ouviu Racine — e entrou, com Talma, no proscenio !...

O mais... vós o sabeis: seus filhos são gigantes,
De têmpera tão forte e dimensões tamanhas,
Como as aspirações dos moços estudantes...
Ou a sombra que cái do alto das montanhas !

.....





V

O INFINITO

(AO MEU PRIMO O DR. NICOLÁU FRANÇA LEITE.)

— POSITIVISTA —

Onde o corpo não vai — projecta-se o olhar,
Onde pára o olhar — prosegue o pensamento ;
Assim, n'esse constante, eterno caminhar,
Ascendemos do pó, momento por momento.

Além da athmosphera e além do firmamento,
Onde os astros, os sóes, não cessam de gyrrar,
Ha de certo mais vida e muito mais alento
Do quê n'esta prisão mephitica, sem ar...

Pois bem ! si não me é dado, em vigoroso adejo,
Subir, subir . . . subir — aos mundos que não vejo,
Porém que um não sei quê me diz qu'ind'hei de vê. . .

— Quero despedaçar os élos da materia:
Perder-me pelo azul da vastidão ethérea
E ser o que só é — quem já deixou de ser ! . . .





VI

OSORIO

AO POVO FLUMINENSE

— Todos choram a morte do guerreiro !...
Como é bello, meu Deus, um povo inteire
Chorando um homem só !

(MUCIO — *Violetas.*)



Eu vi o nosso heróe nos transe derradeiros

Do derradeiro instante !

Forte como um leão, grande como um gigante :

Parecia passar nos campos das batalhas,

A' frente dos guerreiros,

Por entre um temporal desfeito de metralhas !...

Não é mais bello o sol, como um Tilão sangrento,
 No occaso avermelhado !...
 Eu vi (sonho ou visão ? — febril deslumbramento !)
 Nos olhos seus profundos,
 Com tristezas de morte e audacias de soldado,
 — Vivas radiações
 De esplendorosos mundos
 No sombrio estendal das amplas vastidões !

.....

Ha não sei quê de forte
 Na maneira de olhar dos velhos legendarios !
 Parece até que a morte,
 Varrida pelo espaço
 Na eterna repulsão dos vultos planetarios,
 Já talvez na suprema angustia da impotencia,
 Aos céus levanta o braço,
 Feito de musc'los d'aço,
 Fundido na bigorna azul dos arrebóes...
 Bradando: « O' Providencia !
 « O' Deus das tradicções
 « Da tragedia sagrada !
 « Dá-me impetos de mar e furias de tufões
 « Para eu poder lançar á solidão do nada,
 « No poente da morte... o vivo sol dos sóes !...

E eu vi que o legendario
Era de certo assim: bello, sereno e forte,
Nas horas em que a morto
Deixava-o solitario
Na vastia extensão dos campos de batalha...

Quanta vez, encostado a uns restos de muralha,
Não seismava na patria o luctador valente !
O' Dante ! as tuas visões passavam-lhe na mente,
Envoltas em trophéus e envoltas em mortalha !...

Depois... quando soavam
Clangorosos clarins metallicos, vibrantes,
Ao rufo atroalor de innumerados tambores...
E as bandeiras então — como azas de condores —
Nos ares fluctuavam !...
E longe, muito ao longe,
Extensas legiões,
Escuras como a côr do habito de um monge,
Tomavam posições,
Emquanto que as espadas
Scintillavam ao sol, vivas, desembainhadas !

Como que se operava a transfiguração,
 Dos cimos do Thabor !
Osorio, aureolado em ondas de um clarão,
Era o genio da guerra — assombro do valor !

 No confuso vai-vem
Dos inquietos corcéis das bravas cav'llarias,
Que mascavam o freio em chóleras sombrias,
 Varados pelas balas
 Que voavam d'além...
Abriam-se de chôfre os pelotões em alas
 Para passar alguém ;
 Então, n'esse momento,
Ao dorso de um corsel de crina sôlta ao vento,
N'um galope febril, phantastico, infernal,
Forte, como o exemplo eterno do Calvario,
 Passava o general...
O general Osorio, — o nosso legendario!...

 Ia colher mais louros,
Si mais louros houvesse ainda por colher...
Bradava então a Morte : - Eu posso te sosteer
 Com meus pulsos fataes !
Respondia o heróe : - Eu vou para os vindouros !
 E galopava mais !...

E galopava mais! e mais... e tanto, tanto,
Que os primeiros heróes perdiam-n'ò de vista :
Viam sómente, ao longe, attonitos de espanto,
Um vulto indefinido... o anjo da conquista!

Procuravam em vão seguir de Osorio os rastros
Os bravos generaes :
Assim, tambem na esphera esplendida dos astros,
Estão longe do sol — planetas immortaes !

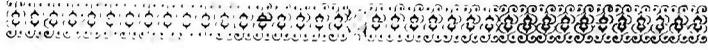
Foi assim que o heróe nos campos de batalha
Glorificou a vida — exposto sempre á morte.
Como é que vem a sorte
Envolver seus trophéus nas dobras da mortalha?!...

Patria! não vês que chora uma nação inteira
Aos pés de um homem só?
(O presente não sonha em mystica cogueira
A escada de Jacob...)
E' mister levantar um monumento a Osorio,
— O maior general dos nossos generaes —
Um monumento enorme, assim—como o zimborio,
Das amplas cathedraes :
Bem o pódes talhar ao molde do seu nome,
Que o tempo não consome.

— E si faltar material bastante
Para nas praças erigir-lhe estatuas,
Si essas vaidades transitorias, fatuas,
Perdem-se á sombra d'esse heróe gigante ;
Não vás grinaldas ennastrar de flôres,
Nem ás estrellas mendigar fulgores...
— Temos na terra o que não ha no céu :
Apanha as armas que a seus pés cahiram,
E ajunta as balas que os canhões cuspiram
Lá na provincia onde esse heróe nasceu !...

Curva-te, ó patria ! sobre o chão do Pampa,
Recolhe os ossos dos titães soldados,
E então de sabres e canhões e balas,
Lanças partidas, pavilhões rasgados,
Levanta o alto pedestal da estatua,
Que irá nas brumas se perder do espaço...
E assim aos astros erguerás seu craneo
E ao mundo inteiro estenderás seu braço.





VII

AO VISCONDE DO RIO BRANCO

Os genios e os heróes parecem ser talhados
A um molde especial, de enormes dimensões ;
Por isso eu vejo em ti um não sei quê de nobre,
De grande, de ideal... é que esse olhar descobre
Phantasticas visões !

Subiste, por ti só, ao ponto culminante
Das altas posições na esphera social ;
Deixando atraz de ti, como os eternos astros,
Um lucido cordão do scintillantes rastros,
Na marcha triumphal !...

Si, ao cérebro arrancando um turbilhão de idéas,
Mandavas pela imprensa ao povo o teu pensar,
Sentiam emoções os teus antagonistas...
Prophetisando então as glórias, as conquistas
Do luctador sem par !

Depois... si, na tribuna, em pleno parlamento,
Teu vulto sobranceiro erguia-se entre os mais,
Bastava desprender-se a phrase de teus labios :
Via-se em teu olhar a luz do olhar dos sabios...
Uns brilhos ideaes !...

.....

Não contente em colher tão viridentes louros,
Pensaste no destino atroz da escravidão...
Quizeste fazer jus a mais sinceros *bravos*,
E abrindo os braços teus aos miseros escravos :
Foste a moderna cruz da nova redempção !



VIII

COLOMBO

A MUCIO TEIXEIRA

I

A alma é uma vaga?... Oh! eu não creio,
Que a vejo ao sopro das paixões librar-se
Mais serena e capaz
De, resistindo das paixões ao norte,
Em busca da grandeza embriagar-se
E dormir em paz...

A alma é uma vaga?... Oh! não! Não creio;
Que ella sorri da sorte ás tempestades
E enflora-se de amor,
Quando, crestados os vergeis da vida,
Do peito humano enchendo as soledades
Irradia-se em flôr!...

A alma é a bussola; o futuro os mares;
A idéa é a coragem que nos guia...
Combatentes, a pé!
Os que podemos affirmar que as ondas
Nos batem, mas recuam, affirmemo!-o
De Colombo na fé!...

Si um dia a terra estreita foi p'ra o nauta;
Si insurgido, arrojado, o pensamento
Todo o mundo correu,
Outro sol clarou-lhe a profundeza;
Inda mais estendeu-se fulgurante
De sua mente o céu...

Ser grande não é muito; é um symptoma,
Um modo de ser visto, uma corôa
Na frente e nada mais;
Ser o réprobo dos reis e do seu tempo,
Da propria idéa a victima rebelde
Vale tudo... O que achais?

Ser grande não é muito ; ser o unico
Em que a réstea de luz bateu de chapa
E a maldição tambem ;
Pisar no erro e distinguir nas trévas
Um som que ninguém ouve, e tudo encerra ;
Ter em paga o desdem...

E' ser Colombo. O nauta foi terrivel ;
Sabia onde se asyla a aguia da historia,
Que ha muito se soltou !...
Desde que o homem lucha, ella esvoaça ;
O genovez sabia onde, em que ninho
O genio se occultou.

Todo o vulto que acima se alevanta
Do alto dos mais, do nivel dos humanos,
Tem uma tentação...
Uns — uma flôr, têm outros — uma dama ;
Elle — teve o prodigio por fraqueza,
O mar — por attracção !...

O mar possúe os ventos que rebramam,
A profundeza, a immensidade turva,
Em si o abysmo tem...
Dar amor a essa féra é uma excellencia,
Sabel-a captivar — é magestoso
E mui raro tambem...

Sabel-a captivar, tornal-a amena,
Tirar-lhe ao seio as pérolas mimosas,
Seus segredos contar...
Colombo o conseguiu. Em troca o monstro
Deu-lhe um nome no céu, na terra um mundo...
Que presentes do mar !...

E quanto o amou !... A America soberba
Um resultado foi dos beijos quentes
Que o nauta recebeu
Das ondas, que são furias, que se encrespam,
Mas só para elle — garças revoando
Alli — ao lado seu.

II

Partiram navios... nas velas ligeiras
O vento rebrama ; se encurvam de mais...
Não bate a refrega ; são sopros do genio
Que abalam as quinas ! Colombo, alli vais.

Lá vais... o navio pesado, perdido,
Mergulha-se a peito nas trévas do mar.
O céu tem seu astro que aclara-lhe as sombras,
As ondas teu vulto para n'ellas brilhar.

Si a terra supporta cem genios alados,
Cem homens que o tempo distinguem então,
A quina do louco, largada nas vagas,
Transporta-lhe a idéa, — de um mundo a visão.

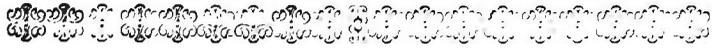
Luthero, faminto de amor e verdade,
Fulmina a grandeza que o Angelo ergueu...
Calado, soturno, ao colloquio dos ventos,
A' luz dos teus olhos a terra cresceu.

Amaste o futuro e a vida, a utopia,
E as salsas espumas que a vaga produz...
Espumas de idéas geraram-te a America !
Scentelhas de um genio, que inda hoje seduz.

(*Poema das Americas*)

SYLVIO ROMÉRO.





IX

OS SOCIALISTAS

A SYLVIO ROMÉRO

 **QUE idéa fazes tu dos magros operarios,
Que tentam esmagar o novo Luiz Onze?...
São Christos, carregando as cruzes aos Calvarios...
Altivos Prometheus, em Çáucaos de bronze !...**

***Elles veem de longe... exaustos e cançados,
Assim como os heróes que voltam do combate ;
Mas, ah ! os párias vis, os grandes desgraçados,
Não ouvem o clarim mavórcio do resgate !...***

Elles de longe vêm... Famintos e sedentos,
Debalde irão bater ás portas da officina ;
Tostados pelo sol, transidos pelos ventos,
Vão da miseria ao crime... e d'este á guilhotina !

E assim passando vão, sombrios, desvairados,
Os filhos, os irmãos, os pais e os maridos ;
Deixando na mudez dos lares apagados
A próle, sem arrimo, exposta a vís bandidos.

Andaram dia e noite a procurar trabalho,
Nos palacios dos reis, nas quintas dos burguezes ;
Podiam muito bem co'as cartas d'um baralho
Ter mais sério papel nos *nossos entremezes*...

Podiam muito bem, á beira d'uma estrada,
As bolsas arrancar aos filhos da opulencia,
Que costumam passar, ás tres da madrugada,
De volta dos bordeis, *quebrados* de indolencia....

Podiam muito bem, á móda dos bandidos,
Fazer uma emboscada, á noite, nas esquinas...
Ou seguir o exemplo uzado entre os maridos
Que cedem a mulher por libras *sterlinas* !...

Sim, porque tu bem vês que a meretriz da noite
Occulta sob o chaile o adulterio, o crime ;
Nem falta por ahí albergue onde se acoite
O criminoso audaz que ás nossas leis se exime.

Podiam, porém não !... Aquellas grandes almas,
— Salamandras da honra em fogo de miseria —
Preferiram colher de martyres as palmas,
A sentir o remorso a lhes queimar a arteria.

E esperaram, de pé, humildes, macilentos,
Com o chapéu na mão, a ferramenta ao lado,
Nas ruas, nos hotéis, nas lojas, nos conventos,
Que lhes dessem trabalho e dessem ordenado.

Esperaram á tóa... Os velhos argentarios
Passavam na fluidez das séges opulentas ;
Sorria a messalina aos moços millionarios...
Cantava a burguezia umas canções sebentas...

Esperar é soffrer, soffrer é um delirio,
O delirio é loucura, ao louco Deus perdôa...
Como é então que o rei, zombando do martyrio
Da triste multidão, que espera em vão, á tóa ;

Condemna o desvario esplendido, sublime,
De quem — quiz trabalhar — para matar a fome,
E, não vendo trabalho, então pensa no *crime* :
Procurando um allivio á magua que o consome ?...

Fidalgos ! Padres ! Reis !... Tremei da Idéa Nova,
Que vos reduz a isto : — infamia e cobardia.—
Socialistas, — avante !... Abri a grande cova
Que ha de esconder os reis, o cléro, a fidalguia !...





X

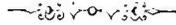
AOS POETAS LYRICOS

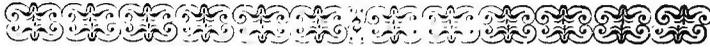
 **O** physicos Romeus! ó corações docentes,
Que ficais, ao luar, scismando horas inteiras...
O' magros menestreis, tristes — como os poentes
E estéreis como o seio anemico das freiras!...

Prophetas ideaes, phantasticos videntes,
Que andais pelos bordeis, dormindo nas cadeiras...
Porque tanto chorais?—soffreis de dor de dentes?
Deixaram-vos sem roupa as vossas lavadeiras?...

Avés do madrigal, canarios sem gaiola,
Que andais, como um mendigo, a supplicar a esmola
De um *bravo* á insipidez d'algum *recitativo*...

Atirai para um canto as vossas elegias,
Deixai de plagiar o morto Jeremias,
Imitai Baudelaire, que mesmo morto é vivo.





XI

A GUERRA DO PARNASO

(A ERNESTO SILVA)

Dm outro menestrel eis que surgiu na arena,
Vestido a gladiador, com ares de *Quixóte* ;
Nervoso sonhador, feroz como uma hyena,
Investindo p'ra mim de um formidavel bóte.

O loiro menestrel de pallido semblante,
Não podendo suster o arnez que o atrophia,
Vem atirar-me á face a luva — n'um descante...
Disposto a perecer em prol de D. Armia !

Às armas! é a voz que sôa a cada passo,
Às armas! ao combate, ao exterminio... á guerra! »
As boccas dos canhões cospem risadas d'aço...
O sangue dos Romeus corre ensopando a terra...

Emquanto, em Portugal, se vê Guerra Junqueiro
Cercado de um tropel de magros Jeremias,
Aqui... os menestreis, deixando o formigueiro,
Tomam-me de surpresa... armados de elegias!

E os franzinos campeões das lyricas cruzadas,
Pedindo a D. João a lança dos Tenórios,
Desfraldam os pendões á frente das sacadas...
O' doces Napoleões! ó meus gentis Osorios!...

Então vocês estão em campo de batalha,
Chamando-me ao combate a rufo de tambores?
— De pét'las de jasmims cortais uma mortalha,
Para depois dormir n'um tumulo de flores...

Defendam-se, meus bons, meus doces inimigos,
Eu alevanto a luva e desembainho a espada;
Tenho mais de uma vez me visto em taes perigos,
Que as vossas legiões aguardo na tsplanada.

Mas, como os coroneis antes da acção travada,
Uzam passar revista ao batalhão inteiro,
Vou vêr si a minha Muza está disciplinada
E pôr mais um reforço á bocca do tinteiro.

Vós acampastes bem : de cima do Parnaso,
E' só virar p'ra baixo as boccas dos canhões...
Visse-me eu lá tambem— deixava tudo razo :
Estais perto do céu... podeis juntar trovões !...

Demais, podeis montar vossas cavallarias
No Pégaso — o corcel de Homero, Tasso e Dante ;
Eu... só tenho animaes magros, como as fatias
De pão que com o chá me dão n'um *restaurant*.

Os peitos resguardais com armaduras d'ouço,
Tendes escudo, arnez e gladio e capacete...
Eu nada d'isso tenho, além de um rude braço
Prompto ás evoluções rápidas do florete.

Vós tendes madrigaes, doces como os canarios,
E elegias — que são como o dobrar d'um sino...
Andais a descobrir cruces pelos Calvarios...
Emquanto que eu só tenho o verso alexandrino !...

O verso alexandrino ! . . . O' mórbidos prophetas,
Que andais a descobrir astros ao meio dia . . .
Quereis que a multidão vos chame de poetas ?
Então lançai p'ra um canto a inchada fantasia.

Cantai o bom e o bello, o justo e o sublime ;
Azorragai o mal, divinizai o bem ;
Cortai a parasita, equilibrai o vime :
Dai aos grandes desprezo, ao misero um vintem.

Deixai junto das mãis as castas Julietas,
E ide vêr — sómente á noite — as barregans . . .
O tempo encaneceu as longas tranças pretas,
Que cantastes outr'ora, em faces de romans.

Eu tambem já levei assim noites e dias,
Sonhando, sem dormir, com alvas Eleonoras :
Umás—leves, ideaes, franzinas, doentias . . .
Outras—gordas, sensuaes e de madeixas louras !

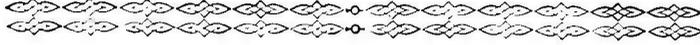
Quando passais por mim, sombrios, solitarios,
Como as virgens que têm accessos de hysterismo,
Eu não me rio ; eu lembro, ó tristes visionarios,
Que andei d'essa maneira em tempos de lyrismo.

Esses tempos, porém, passaram—qual nos ares
A luz crepuscular do sol já descambando ;
Como somem-se além, na solidão dos mares,
As velas de uma náu que segue, bordejando....

O' magros menestreis do *sentimentalismo*,
Que andais de chapéu-alto e *pince-nez* (gráo zéro)
E á noite improvisais sessões de *espiritismo*....
Invocando, com medo, a alma atroz de Nero ;

Vós lestes Julio Verne, oh ! não negueis ; por certo
Fostes *da terra á lua*... e vistes coisas taes
N'aquelle grande mundo, aquelle céu aberto...
Que—até aqui—na lua ainda vos julgais.





XII

GANGANELI

(CLEMENTE XIV.)

Presto será séde vacanti...

(P. S. S. V.)

Tu, sim ; foste fiél ao voto de humildade
Prestado ante o altar, na paz das orações ;
Regaste com escrup'lo a flor da castidade,
Alma cheia de crença e nua de paixões.

**Mas, como em toda parte ha sombra e claridade,
Tambem nos dias teus encontram-se borrões :
Atiraste a Voltaire — Apóstolo da Verdade —
Marmontel e Rousseau, rijas excommunhões.**

Eras Papa, bem sei, devêras sêr tyranno ;
Quem acceita a Theára e sóbe ao Vaticano,
Tem de sêr, como os reis, despótico e cruel...

Mas que morte fatal te estava rezervada !
Quando irias pensar que a *aquêtta* era injectada
No fructo, aos mais tão doce, .. e para ti de fél ! ? ...





XIII

CANTO DE NÉRO

(N'UMA PAGINA DE VICTOR HUGO)

I

VEREIS em breve arder a velha Roma inteira ;
E eu, qual salamandra entre voraz fogueira,
Si fôr muito o calor que me abraza a fronte,
Como na embriaguez das régias saturnaes,
Do alto d'esta torre, escura como a noite,
Hei de entoar na lyra uns canticos fataes ! . . .

Debalde a multidão procura onde se acoite.

No píncaro do monte,
Quem vale ao infeliz, que lucta braço a braço
Com o tigre — que atrôa as solidões do espaço ?...

Sete collinas vejo a meus pés estendidas,
Formando o grande circo, onde Roma, a devassa,
Tapa com mão de fogo a bocca de mil vidas,
Amordaçando os vis com pannos de fumaça ..

Meus subditos assim não de pagar bem caro
O ter nascido aqui n'esta enfadonha terra,
Onde um tédio mortal por toda parte encaro...
E a saciedade atroz com seu olhar me atterra !...

Jove ! eu sei, como tu, vibrar o raio ardente !
Vês ?.. a noite cahiu ... vai começar o jogo :
Já o incendio fatal, na sombra pavorosa,
Como uma hydra informe—elástica serpente—
Com cem línguas de fogo
Lambe o espaço, enroscando a cáuda luminosa !...

Olha ... a trémula chamma
Sobe aos muros veloz como um audaz ladrão ;
Empallidece ... cáí ... levanta-se ! ... s'inflamma !...
Gyra em torno de si, n'um doudo turbilhão,
E n'um instante só
Torres e tudo mais ella reduz a pó !...

II

Pensas, Jove, que as chammas me apavoram?
Não ! que os ciúmes no meu peito pulam...
Quem me déra esses beijos—que devoram !
Quem me déra os abraços—que estrangulam !...

Vejamos os sinistros resplendores:
Vê como correm tímidas as gentes...
Escuta esses clamores,
Uns suffocados, outros estridentes !...

Columnas e obeliscos vão cahindo,
Com formidavel som tombão, rolando,
Como trovões medonhos ribombando !
E, disfarçando o horror, a angustia, o lucto,
Dão as chammas ao Tibre por tributo
Rios de fogo líquido rugindo !...

Tudo referve !... Pórphyros, granitos,
Marmores, bronzes !... Espectac'lo horrendo !
Cáí o portão dos gonzos ignitos...
E de seus reforçados pedestaes
As estatuas deslocam-se, tremendo,
As estatuas dos mortos... immortaes !

Bravo incendio !... Só tu me comprehendes !
Por toda parte corres e te inflammas...
E ao sopro dos tufões rapido estendes
N'um mar de fogo um temporal de chammas !...

Quando o sangue manchar os vossos mantos,
Lavai com vinho as nódoas, meus amigos !
Só no sangue hoje em dia eu acho encantos...
Ou na hora suprema dos perigos !...

Mal haja quem do triste moribundo
Ouve compadecido as maldições !
Suffocaremos o clamor profundo
Aos sons de dithyrambos e canções...

E tu, Roma ! no fogo que te abraza
Vê das minhas vinganças este exemplo !
E já que em tua adoração incerta
Roçaste no teu vôo a ponta d'aza
Pelas fronte de Jupiter e Christo...
Roma ! lembra-te d'isto :
Consagra-me tambem glorioso templo.

Sim ! que si agora vejo-te deserta,
Si envolta em cinzas hoje te contemplo,
Amanhã surgirás—inda mais bella !

Mas a cruz nos teus muros soberanos
Não has de reerguer... Entre os humanos
 Eu sei que a crença n'ella
Bruxoleia e se apaga, pouco a pouco,
Como os instantes lucidos d'um louco!...

Os filhos de Jesus—foram fataes
 A' desgraçada Roma!

Escravo! não ha nada como o aroma
 Das flores do Oriente...
Traz-me, pois, depressa, incontinente,
 Rosas orientaes!...





XIV

A VIDA E A MORTE

São irmãs e rivaes , ambas têm seis mil annos...
Uma nasceu do amor, a outra do peccado ;
E os santos e os reis, os papas e os tyrannos
Deixam uma por outra... embora de má u grado.

Uma — é louca e cruel: desfolha desenganos,
E tem o corpo seu de abysmos rodeado !...
A outra — é bôa e triste: embrulhá-se n'uns pannos
E deita-se a dormir n'um tumulo fechado...

Uma véla na orgia, outra dorme na igreja ;
Esta sem ambições, aquella ébria de inveja . . .
Uma languida e fraca . . . a outra má e forte !

Os homens, pela má, furiosa, enraivecida,
Luctam com seus irmãos ! . . . E, por amor á Vida,
Chegam a blasphemar da bôa e triste — a Morte.





XV

A NOITE DAS VISÕES

(AO COMPANHEIRO E AMIGO O DR. LOPES TROVÃO.)

 Tu estava á janella, a pensar, só e mudo,
Aberta a alma á terra, ao mar, ao céu... a tudo l...

Na terra as maldições soavam n'um concerto,
O mar bramia em furia, o céu era um deserto...

Abri os olhos d'alma a tudo: e vi— o nada,
Silente como o ar, frio como a geada.

As virações do mar, gemendo muito ao longe,
Faziam-me pensar nas orações de um monge...

Lembrei, ao vêr cair a chuva sobre o mundo,
A lagrima que cái no rosto moribundo.

Os ventos, apagando as trémulas luzernas,
Pareciam leões rugindo nas cavernas.

Era uma noite negra, ameaçadora, horrenda,
Prolongada... sem fim!
Era uma noite irmã da biblica legenda
Do sombrio Caim!...

A chuva, que cahia dos espaços,
Fazia em estilhaços
Os vidros das janellas;
E ao rolar sobre a terra, enraivecida,
Pulava, recuava — espavorida...
Ella, com medo: a filha das procellas!...

Ante a furia brutal dos rugidores ventos
Tremiam de terror os muros dos conventos.

Cahiam pelo chão as folhas do arvoredado ;
Os homens tinham raiva... as fêras tinham medo !...

Os trovões, a rolar na escuridão do espaço,
Eram carros de bronze entre caminhos d'aço !...

Eu julgava escutar os berros d'um gigante,
De algum d'esses heróes descriptos pelo Dante...

Não causa tanto horror a fauce do Vesuvio
Como uma noite assim — reflexo do Diluvio !...

Era a franqueza d'agua, a sátyra do vento,
A hypérbole da tréva em pleno firmamento !

.....

Então, eu vi surgir do ventre d'um abysmo
Um monstro, um Satanaz, impávido, disforme:
Tinha ó corpo felpudo, arripiado, enorme...
Olhar de cão damnado !...

Era *elle* o Scepticismo.

Volteavam-lhe em torno, emmagrecidos, fracos,
Inquiétos pygmeus,
Soltando uns guinchos d'aço, assim como os macacos
Mostrando os filhos seus
Ao caçador que os deixa e segue, admirado
De vêr aquelle instincto assim pronunciado.

E saltavam ao pé do monstro vil, ligeiros
Como a cobra que dança aos gritos do selvagem ;
Assim, quando um *captivo* expira, os seus parceiros
Prestam-lhe a derradeira e funebre homenagem,
Dansando ante o esquife, alegres, prazenteiros,
Pensando que do morto a alma está no céu...
Ou ao lado dos seus — na terra onde nasceu.

E o monstro pavoroso,
Athletico, grosseiro,
Como o vulto orgulhoso
De um velho granadeiro ;

Em tom de voz medonho e abafado,
Como o agonizar d'algum gigante,
Ou um vulcão ha sec'los suffocado
Que rasgasse a cratera chammejante,
Firme o olhar, cabello desgrenhado,
Humido o pello, a bocca faiscante,
Estas palavras disse, sem tremer,
Fazendo a propria tréva ennegrecer :

« O céu é um vácuo enorme ; a terra — a sepultura,
Onde apodrece, exposta aos vérmes da vaidade,

A triste humanidade ;

A virtude é um sonho, a honra uma mania ;

A intelligencia — um crime, a gloria — uma utopia...

A vida—dia claro : a morte—noite escura !...

« A aguia da razão, librando-se no seio
Das vastidões do ar, aninha-se no espaço...

E, desatando o laço

Que a humana geração prendia á ignorancia,

Deixa as religiões na mais pungente ancia,

Fazendo vêr que o céu — é puro devaneio.

Alma—palavra vã, que o sabio não exprime ;
Deus—orgulho sem fim, eterno despotismo....

Vida—sombrio abysmo.

Morte—transformação de um ser em muitos seres ;

Homem—filho da dôr e orphão dos prazeres....

Materia—o que ha de eterno, o unico, o sublime !...

O mais—tudo é mentira !... As grandes cathedraes
Abrem ao bom e ao máu as portas igualmente.

O verdadeiro crente

E? aquelle que descrê, ou o que crê—no nada....

O mundo é um carnaval !... sorri d'esta farçada

A caveira que rôla ao pé dos vegetaes. -

Depois... a lua cheia, o pallido satéiyte,
A vaporosa Ophelia a fluctuar no azul,
Tremendo appareceu na solidão ethérea,
Ao leve respirar das virações do sul.

Vinha languida e triste... a face de uma phytysica,
A' embaciada luz do scl crepuscular,
Não tem mais pallidez, nem é mais branca a pétala
De um molhad; jasmin rolando á flor do mar....

As nuvens cor de chumbo, os grandes mantos fúnebres
Que toldavam do céu o puro azul sem fim,
Reposteiros ideaes do negro umbral dos tumulos,
Mostram constellações n'um fundo de setim.

E o monstro da descrença, esse vampyro tétrico,
Anguloso, felpudo, informe, colossal,
Desfez-se com a tréva: a lugubre irmã gêmea
D'aquella alma da côr de um grande tremedal.

E então eu vi surgir... — apparição phantastica !
Das bandas do oriente uma visão immensa :
Transparente, ideal, clara, rosada, lucida,
Era a filha do Céu—o cherubim da Crença !

O' Crença ! raio ultimo
Dos olhos de Jesus,
Quando, sobre o Calvario,
Fechou as rôxas palpebras,
Abrindo os braços nús...
Dos braços de uma cruz !...

Tu és um riso candido
De candida criança ;
Tens azas : és um passaro,
Passaro de esperança !

Adeja, sóbe, eleva-te
Por esse espaço além...
Mas ah ! os braços abre-me :
Christo os abriu tambem.

Deus ! como é bella, tímida,
Meiga, modesta e calma,
Ella — que vem de jubilos
Encher a nossa alma !...

Tinha o olhar sereno e doce das crianças,
Um riso aberto e claro — assim como as janellas
Que deitam para o mar... e um turbilhão de estrellas
Estava a engrinaldar-lhe as perfumosas tranças !...

Em delirios a luz cahia dos espaços,
Ajoelhando em torno áquella visão branca ;
E com sonora voz, sincera, alegre, franca,
Disse — as azas abrindo e levantando os braços :

Eu sou um mixto encantado
De aromas e sons e luz.
O Christo, o Deus humanado,
Abriu-me os braços da cruz.

Quando o ultimo sorriso
Frisou os labios de Adão,
Ao deixar do Paraiso
A celestial mansão ;

Aclarei da noite a tréva,
Accendendo — astro de amor —
Na face pallida de Eva
Uma pérola de dor.

« Enchuguei, com uma penna
Das azas de Jehovah,
O pranto da Magdalena...
As lagrimas de Eloah !...

Da luz do nascer do dia,
Das ardentias do mar,
Das brizas *d'ave-maria*
E dos orvalhos do ar ;

« Do trino dos passarinhos
E da espuma que fluctua,
Do morno calor dos ninhos
E dos serenos da lua ;

Das neblinas, das pennugens,
Dos aromas, dos fulgores,
Dos arminhos e das nuvens,
Mais das petalas das flores,

Fiz o manto de rainha
Que pende dos hombros meus :
E — leve como andorinha —
Desço aos homens... subo a Deus !

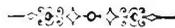
Da igreja, a esposa suave
De Jesus, filha dilecta ;
Fiz o meu ninho de ave
No coração do poeta.

E' em mim que elle se inspira :
Com a fronte no meu seio,
Ou fére as fibras da lyra
Ou perde-se em brando enleio.

De meus olhares aos prismas
Eu o deixo, em mago effluvio,
Boiando em lagos de scismas,
Como a area no Diluvio...

Si a alma christã se aninha
No calor dos seios meus :
Tão leve — como andorinha —
Desço aos homens... subo a Deus ! »

A muita luz do dia, em turbilhões, em jôrros,
Cahindo d'amplidão, descendo pelos Morrões,
Tremendo sobre o mar,
Fez com que o anjo bom, o seraphim dos erentes,
Batendo n'um instante as azas transparentes
Se perdesse pelo ar !...



TERCEIRA PARTE



SOMNAMBULAS

Á

OPINION

Rio de Janeiro, 1879.

Mucio Teixeira.

I

NDINA, minha Ondina ! é muito cedo ainda,
Para que possas tu comprehender, ó linda !
A sublime intenção d'esta singela offerta . . .

E' que um presentimento horrivel me desperta
A idéa de morrer bem cedo . . . — me perdôa,
Si esta revellação sombria te magôa !
Mas . . . nem eu sei : minh'alma está compenetrada
De que em breve de mim não restará mais nada . . .
Além de uma lembrança em coração amigo,
E um nome — que talvez nem leiam no juzigo !

Deixo o teu nome aqui, para que quando um dia
Eu dormir para sempre em cova escura e fria,
Vás, chorando, rezar na campa ignorada
De um infeliz . . . por quem tu foste muito amada !

Assim, si um dia tu, na sala de visitas,
Do album folheando as paginas bonitas,
Demorares o olhar ante a photographia
De um pallido rapaz, cuja visãõ sombria
Inspirar-te tristeza, e esse não sei quê...
Isso que a gente sente, ás vezes, quando lê
Castro Alves, Casimiro...ou mesmo as poesias
De Alvares de Azevedo, ou de Gonçalves Dias...
Si pensares então em mim, como em ti penso,
Bem sei que has de levar aos olhos o teu lenço.

Si outras vezes, sentada a um banco do jardim,
A' luz crepuscular — lembrares-te de mim...
Pede á tua mãi que leia os versos d'este louco,
Que amou e soffreu tanto... e que viveu tão pouco !

Si uma lagrima então rolar na face d'ella,
Como gotta de orvalho em pétala singela
De purpurina rosa... oh ! nem eu sei se o diga !
Ondina, meu amor ! minha innocente amiga !
Abraça-a, beija-a, sim ! enchuga os prantos seus,
Esconde o meu retrato... e rasga os versos meus !





II

SUB UMBRA

(Á EXMA. SRA. D. ANNA MATTOSO DE AZEVEDO CASTRO)

 HA umas almas sensíveis
De umas eternas crianças,
Que dormem com esperanças
E sonham com *impossíveis*.

São bandos de pombas mansas,
Que com azas invizíveis
Vôam por céus indizíveis
Entre saudosas lembranças.

Scismando, de plaga em plaga,
Tambem minh'alma divaga
Sem ter destino e sem medo.

E assim, perdida na bruma,
Parece um flóco d'espuma
Que a onda lança ao rochedo.



... ..

III

NOSTALGIA... IDEAL!



alaúde hebralco ! ó cythara divina !
Eu tenho o coração a transbordar de amor...
Case-se a minha voz á oriental surdina
Que vê Tritões na espuma e Dryades na flor !

O' minha phantasia ! ó desvairada céga,
Que vagas — nua e só — por plaga solitaria...
O que procuras tu ? — a formosura grega,
Premiada em Sparta, em Lesbos... a estatuaria ?...

A Grecia ! a Grecia ! a Grecia !... O berço dos poetas,
Dos deuses, dos heróes, da plastica e da idéa...
Onde as Nymphas, Cupido e as Cycladas dilectas
Banhavam-se, ao luar, á flor da onda egéa !...

A Grecia ! sempre a Grecia !... Aonde, á luz poente,
Sentava-se o Nestor da choça ao limiar...
E revivia assim extraordinariamente,
Qual phtysico que sorve as virações do mar.

A terra das paixões, dos sentimentos charos ;
Onde Homero nasceu, á margem do Melés...
Lá — onde o escôpro cái no mármore de Páros,
E cái Pygmalião — de Galathéa aos pés !...

Que importa que do norte as plagas vis, estranhas,
Mostrem *steppes* só, por sob um céu vazio,
Si ella tem ao Levante as nuvens, as montanhas,
E Nereydes no mar... e Nayades no rio ? !...

A Grecia ! sempre a Grecia !... E' lá que o estrangeiro
E' mais do que um amigo : um deus em fôrma humana ;
E encontra sempre aberto um lar hospitaleiro,
Uma benção de ancião e um beijo de lesbiana !...

Eu quero, como o Lord errante e peregrino,
Que imaginou *Manfredo*, *Haydée* e *D. Juan*,
Deixar o meu paiz, seguir o meu destino...
Morrer — no seio nú da sensual pagan !

A Grecia é um condor, que adeja no horizonte
Dos mundos ideaes — com azas de fuzis !...
Canta... e a gente escuta a voz de Anacreonte !
Surge... e a gente vê prodigios de Zeuxis !...

Eu quero consagrar de minha lyra os threnos
Ao braço dos heróes e ao craneo dos poetas !
Assistir a um festim de Jupiter, ou Venus,
Fazer um brinde a Apollo... e rir-me dos ascetas !...

Tenho uma compleição nevrálgica e franzina,
Sujeita ás impressões da mais ligeira idéa :
Si hei de sentir o amor de Othélo, que assassina...
Quero sentir o amor de Myrrha ou de Medéa !...

Vivo a sonhar contigo, ó patria dos poetas,
Dos deuses, dos heróes, da plástica e da idéa...
Vejo as Nymphas, o Amor e as Cycladas dilectas,
Banhando-se, ao luar, á flor da onda egéa !...



IV

AMAR

(A. A. L.)

 AMAR aos vinte e dois annos
E ser poeta, mulher,
E' um desvendar de arcanos
Que os não desvenda qualquer!...
E' um desfiar de bagas
De um collar feito de chagas
Abertas no coração...
Um fulgir de vagalumes,
Com tantos brilhos, taes lumes,
Que nos deslumbra a razão!... .

Assim, em louca cegueira,
N'essa voragem fatal,
Noss'alma vai de carreira
Bater ás portas do mal...
E como a leve phalena
Queimando as azas sem pena
Em deredor de uma luz,
Em busca de primaveras,
Vai, tropeçando em chymeras,
Cahir nos braços da cruz...

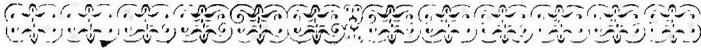
Amar—é viver, sósinho,
Tendo alguém perto de si ;
Ser pombo, fazer o ninho :
E a rolinha sempre alli !...
E' um nunca fechar de braços,
Que se trocam em abraços
Que estreitam dois corações ;
Um turbilhão de desejos
Que se desmancham em beijos...
E passam como illuções !...

Amar—é fechar os olhos
E vêr-se o que não se vê...
E' caminhar entre abrolhos,
Colhendo grinaldas !... e ...

Depois... não sei ; mas, eu penso
Que a gente fica suspenso
Por azas de um cherubim !
E vai voando... voando...
Por entre estrellas passando...
N'aquellas plagas sem fim !

Amar—assim como eu amo
E' um delirio talvez !
Uma loucura não chamo,
Pois louco não sou, bem vês ;
Mas... ha por força um mysterio
N'esse *não sei quê* de ethéreo
Que *não sei d'onde* hade vir....
Umhas attracções de abysmo,
Uns fluidos, um magnetismo
Que sentimos... sem sentir !...





V

ADDA

(LUDWIG)

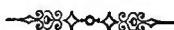
Ri... e as vibrações dos risos argentinos,
Sonóras, petulantes,
São pérolas de alguns collares scintillantes,
Desfiadas, cahindo em lagos chrystallinos !...

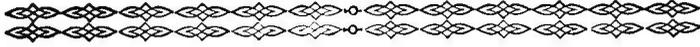
Falla... e a gente escuta uma harmonia louca,
Confusa como os sons d'uma canção saudosa;
Parece ter um echo essa vermelha bocca
Dos sons de um'harpa-eólea, ethérca, mysteriosa.

Sua voz desperta sempre uma lembrança vaga,
Que um intimo sentir, sem o sentir, resume ;
Penetra-nos na alma... e pelo azul divaga
 Como um subtil perfume!....

Olha... e a branda luz que doira-lhe a pupilla,
Como um branco luar em pleno firmamento,
Derrama em deredor aquella paz tranquilla
De um silencio profundo em triste isolamento.

Fallar-lhe d'este amor... bem sei que em vão seria,
 Não ousarei, Senhora ;
— Sómente o palpitar do coração podia
Dizer-lhe o que dizer não sabe quem a adora!...





VI

STROPHES SOLTAS

UNS qualquer coisa de vago
Na abstracção d'esse olhar,
Manso ás vezes como um lago

Visto em noites de luar ;
Outras vezes scintillante,
Como um *broche* de rubis,
Ou a pedra de brilhante
D'esse teu anel de *onix*.

Os fios dos teus cabellos
São fibras d'um alaúde,
Por onde passam meus zelos,
Vibrando argentinos sons,
Na orchestra selvagem, rude,
Das minhas inspirações.

Ha nos teus seios morenos,
Macios como as maçãs,
Uns fluidos castos, serenos,
Que parecem ser um mixto
Dos olhos de Jesus Christo
E o rir das nossas irmãs ;
E um não sei quê de veludo,
De plumagens e de arminhos,
Umás rêdes entre uns ninhos...
Uns nadae — que encerram tudo !

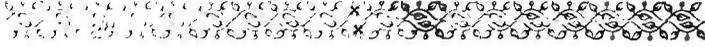
Teus pés são dois demeninhos,
Magicos prestigiadores,
Que passam por entre espinhos
Deixando rastros de flores!...

Tuas mãos, á similhaça
D'alguma historia encantada,
D'essas que a gente em criança
Adormece quando escuta...

Essas mãos são chaves d'ouro,
Que abrem a porta da gruta,
Onde repousa uma fada
Por sec'los adormecida,
Até que um príncipe louro
Vá n'um beijo dar-lhe a vida !...

Quem me déra, ó minha amada,
Quem me déra, ó meu thesouro,
Que tu fosses uma fada...
E eu — um príncipe louro !...





VII

FOLHAS DA MINHA CARTEIRA

Tenho notado que a maior parte dos homens têm pressa de entrar na posse da mulher que lhes consagra a amor; tenho feito sempre o contrario, não por calculo, mas por um sentimento natural.

(ALFREDO DE MUSSET.)

PASSOU... era orgulhosa e petulante,
Como o sol nas manhãs de primavera:
Tinha na voz sonora um tom vibrante,
E no seio — a erupção d'uma cratera!...

Lançou-me os grandes olhos, de relance,
E proseguiu — silenciosa e bella—
Então... sombrio heróe d'esse romance,
Mandei os meus desejos atraz d'ella...

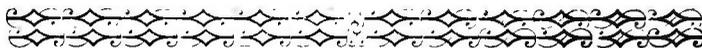
Havia em seu olhar, límpido e forte,
Magneticos fluidos luminosos...
Era olhar de leão, que sente a morte,
Contemplando os desertos arenosos !...

Nos seus gestos elásticos, felinos,
Tinha a vivacidade das serpentes ;
E entre os labios macios, purpurinos,
Collares d'alvas pérolas humentes...

No movimento rapido dos passos
Requebrava os quadris, como a Andaluza
Que por sob a mantilha move os braços,
Quando o *Cid* a seus pés estende a blusa...

O meu olhar, audaz como o bandido
Que entra, pé ante pé, n'um quarto escuro,
Atravez do setim de seu vestido
Roçou na maciez de um seio duro...

Senti então arfar, voluptuoso,
Seu collo esculptural da cor do jambo ;
E de seu labio trémulo, sequioso,
Como que ouvi os sons d'um dithyrambo !...



VIII

INTIMA

Si houvesse uma palavra que exprimisse
Tudo o que sente um'alma de poeta,
Ou si um olhar ao menos traduzisse
Todas as lendas da paixão secreta ;

Então feliz seria quem sentisse
Este fogo que eu sinto e que me inquiéta...
Quem, chorando de amor, de amor sorrisse,
Na sombra da mudez a mais discreta.

A verdade, porém, é tão amarga,
Que quanto mais a aspiração se alarga
Mais longe devo estar — de quem procuro...

Ah ! e *ella* não sabe... e eu não lh'o digo !
Mas... hei de ter commigo — quem comsigo
Tem minh'alma, meus sonhos, meu futuro !





IX

NADA

(AO POETA E AMIGO O DR. A. BOMSUCCESSO)

PASSEI entre ovações por baixo das arcadas,
D'onde pendem laureis de viridentes flores;
E volto, sem trazer nem um d'aquelles nadas,
Que enchem o coração dos moços sonhadores.

Em noites estivaes, silentes, luminosas,
Quando o azul do espaço é um jardim de estrellas...
Eu colhia com *ella* as mais purpureas rosas,
Cantando distrahido umas canções singelas... :

E iam os dois, sem mais ninguem, sósinhos,
Entre os galhos em flor do trémulo arvoredó :
Dormiam em silencio os passaros nos ninhos...
Dormia o nosso amor na sombra do segredo !...

Mas, uma vez... parando ao pé d'um grande lago,
Que parecia ser do céu um dos espelhos...
Nos grandes olhos d'*ella* eu vi um brilho vago !
Beijei-a, me prostrando, humilde, de joelhos.

Ella ficou vermelha... e tímida, assustada,
Disse-me... nem eu sei o que *ella* disse a esmo !
— Só posso me lembrar que a luz da madrugada
Ainda nos achou n'aquelle sitio mesmo.

Depois, eu me ausentei d'alli por muitos annos,
Correndo, como um louco, em vão, atraz da gloria...
Fui com aspirações : voltei com desenganos !
Eis qual do meu passado a resumida historia.

Mas sempre, em toda a parte—aqui... além... mais longe...
Eu via a imagem d'*ella* em todo o meu caminho:
Gozasse como um rei, soffresse como um monge,
Jamais aquelle amor deixava-me sósinho !...

Fui, pensativo e só, bater um dia á porta,
Aonde tanta vez eu lhe beijára a mão!...
Vi no meio da sala — uma pessoa morta...
E umas velas de cêra á roda d'um caixão...

Quiz entrar, mas meus pés, ao assoalho presos,
Pesavam como chumbo... Eu presentia tudo!
Os conhecidos meus fitavam-me sorprezos,
Como loucos olhando á tôa para um mudo,

Era uma noite fria; um denso nevoeiro
Cahia sobre o chão das solitarias praças;
Uivavam tristemente os cães pelo terreiro...
Gemia a viração nas frestas das vidraças!...

Emfim, a muito custo, após um grande esforço,
Consegui penetrar no funebre recinto:
A duvida é talvez mais negra que o remorso!
E eu era alli — o heróe da *Noiva de Corintho*...

A um canto do salão chorava uma senhora,
Sem que entre os mais alguem ousasse erguer a falla;
'Stavam sobre o piano as musicas — que outr'ora
Eu a ouyia tocar, n'aquella mesma sala...

Vi seu corpo gentil, esculptural, perfeito,
Branco e frio estendido á claridão das vélas ;
Tinha as mimosas mãos unidas sobre o peito...
E um lenço, como um véu, por sobre as faces bellas!...

Chorei!... Reguei de pranto as flores derradeiras
Da minha mocidade — alli amortalhada !
Ella me despertára as illusões primeiras,
Sem *ella* n'este mundo eu via-me sem nada!...

Ergui, sabe Deus como, o lenço de cambraia...
Um raio lampejou ! — scintillações fataes !...
O silencio é a dor. O homem que desmaia,
Embora torne a si, não vive nunca mais..

Eis porque sinto em mim um mórbido canção,
Um tédio sem igual... — atroz melancholia !
Como si de um gigante o musculoso braço
Estivesse a apertar meu peito noite e dia !...





X

A PECCADORA

RECLINADA sobre a sége,
Sorri, ao ver *D. Juan*,
Aquella formosa herége...
Aquella moça pagan.

E passa altiva, orgulhosa,
Nas almofadas do carro,
Tendo n'um corpo de rosa
Um'alma que é um escarro...

Si o seu olhar de veludo
Vê alguém chorar, sorri ;
Descrê de todos, de tudo,
De Deus, dos homens, de si !

Rosa, tem pet'las e olencias :
Os beijos mais os carinhos ;
Quanto ás muitas exigencias,
Tambem tem a rosa espinhos.

Resequida, estéril, árida,
Aquella alma é um Sahára...
A's vezes—uma cantharida !
Outras—mármor de Carrára !...

Ai do louco que a acompanhe
Na noite da embriaguez...
—Voga em lagos de *Champagne*,
Mergulha em mar de *Xerez* !





XI

A LUVA

(AO POETA E AMIGO A. E. ZALUAR)

I

No Jardim dos Leões, diz Schiller que se achava
A côrte reunida em massa, e esperava
Que o rei Francisco dêsse algum signal co'a mão,
Para surgir na arena o rugidor leão.

Em deredor do circo estavam aggrupados
Padrões e corpezãs, duquezas e soldados,

Misturavam-se ahi as sedas dos vestidos
Das deusas do bom tom, co'os *paletots* compridos
Dos *dandys* de luneta e luvas de pellica,
Romeus . . . que andam atraz de *Julietta* — rica .

O rei dá o signal : range o portão de ferro,
Tremem todos ouvindo um horroroso berro,
E surge n'esse instante, a passo firme e lento,
O rei dos animaes : a juba sôlta ao vento,
O olhar a desprender lampejos inflammados,
Garboso, a caminhar d'um para os outros lados,
Relanceia o olhar por sobre o povo inteiro
E estende os membros seus no centro do terreiro.

Novo signal do rei faz outra porta abrir-se :
E um rugido maior que o outro deixa ouvir-se . . .
Aparece na arena um tigre, n'esse instante
Raivoso como um rei ! . . . Bramido horripillante
Sólta o leão, torcendo a cauda, a contemplal-o
Com um olhar talvez capaz de atravessal-o . . .
Atrôa rudemente os ares ! . . . E de novo
Descança o corpo enorme, olhando para o povo .

Ao terceiro signal novos portões se abriram
E então de seus covis horrificos sahiram
Dois leopardos mais, que investem destemidos
Para o tigre—que assesta as garras . . . Aos rugidos

Que desprende o leão, n'esse momento a erguer-se,
Fictam-se os animaes ! . . . Era horrivel de vêr-se :
Arrojam-se ao leão o tigre e os leopardos !
Vigorosos, crueis, terriveis e galhardos,
Estrangulam-se os bons guerreiros sem espada :
A luctar e a rolar na arêna ensanguentada ! . . .

II

Mas, n'isso, do amphitheatro,
Uma donzella, a sorrir,
Descalça a mão e a luva
Deixa na arena cahir .

Leviana, como muitas
D'essas cabeças gentis,
Olhando para seu noivo
Estas palavras lhe diz :

Disseste que morrerias
Por nosso amor . . . eis aqui
A occasião de provar-m'ò
Erguendo a luva d'alli.

III

E o rapaz, mais ligeiro que o vento,
N'esse instante atirando-se á arena,
Ergue a luva do meio das fêras,
Encarando-as com fronte serena .

Toda a gente, em redor, contemplando
D'esse moço a bravura sem par,
Eu não sei si de assombro ou respeito
Nem podia sequer respirar.

Quando á moça o rapaz corajoso
Dava a luva, modesto e cortez,
O silencio rompeu em applausos...
E os applausos cahiram-lhe aos pés !...

IV

Erguendo-se a donzella, então, formosa e languida,
Contempla-o com respeito e com amor sorri ;
E diz-lhe, ao receber a luva, com voz trémula :
« O quanto hei de te amar !... por que deseri de ti ?... »

Mas elle, recuando um passo e cortejando-a
D'esta fórma agradece os cumprimentos seus :
« Guardai o vosso amor dentro da luva ; odeio-vos,
Esquecei-vos de mim— que vos desprezo. Adeus !





XII

AS MÃIS

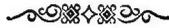
O Mães ! da Mãe de Deus vós despertais lembranças,
N'essa augusta missão — tão cheia de poesia ;
Quando embalais ao collo as tímidas crianças,
Eu penso vêr Jesus — nos braços de Maria !

Vós sois uns anjos bons ! de amor e de piedade
Tendes um ninho em flôr nos seios virtuosos ;
— Nos filhos reflectis a vossa f'licidade,
Como em limpido espelho os corpos luminosos.

Vós sois a inspiração primeira dos poetas,
Vós sois o pensamento extremo dos doentes...
Quem antes osculou a fronte dos profetas,
Vindo a cerrar mais tarde os olhos dos videntes?...

O' Mães ! de minha Mãe vós me trazeis lembranças...
Encheis-me de saudade !... Eu amo-vos por isto.
Quando embalais, cantando, aos seios as crianças,
Eu sonho vêr Maria acalentando o Christo !...

Meu Deus ! não sei dizer o que ha de mais ungido
De balsamos do céu, si ha mais sublime cousa
Que a Mãe que embala ao berço o filho adormecido,
Ou si o filho que reza ante a materna lousa !...





XIII

A LYDIO

NO DIA DO ENTERRO DE SUA ESPOSA

Pulvis, cinis et nihil.

PEREGRINOS na senda do mysterio,
Vamos todos rolar no pó funereo
Dos frios maosoléus...
Não póde a fragil mão da humanidade
Arcanos desvendar da eternidade,
Erguer tão densos véus.

Ha leis fataes, impostas pela sorte,
Que nos condemnam á mudez da morte,
 A' sombra d'uma cruz.
Os dias passam, como as horas correm,
Murchem as flores, como as crenças morrem,
 Como se extingue a luz !...

O riso de Voltaire queimou-me os labios !
Tenho a tristeza glacial dos sabios...
 Um ermo dentro em mim !...
Contemplo a natureza, mudo e triste,
Porque vejo que tudo quanto existe
 Um dia ha de ter fim.

Tudo ha de se acabar !... As sepulturas,
Abertas para o céu, frias, escuras,
 Esperam os mortaes:
De tanta aspiração que a mente inflamma,
Ficam sómente os ossos sobre a lama...
 Ossos — e nada mais !...

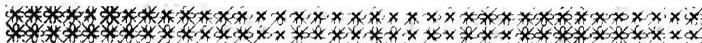
E' bem triste morrer !... Mais triste ainda
E' vêr a esposa, carinhosa e linda,
 Na aurora do viver,
Fechar os olhos para a luz da vida,
Dizer, chorando, o adeus da despedida...
 Partir p'ra não volver !...

Muito cedo apagou-se, meu amigo,
Na sombra luctulenta do jazigo,
A luz dos dias teus...
Muito cedo no chão de um cemiterio,
Teu amor transformou-se n'um mysterio,
N'um segredo de Deus!...

Não ha consolo para dôres d'estas ;
Si a sociedade no vai-vem das festas,
Insulta a nossa dor...
No seio dos amigos inda achamos
Almas irmãs, que choram, si choramos,
Amor p'ra o nosso amor!...

Mas, si dá linitivo ao soffrimento
O pranto de um sincero sentimento,
Que em rosto alheio cái,
Eu aperto-te a mão — e sabe agora
Que, quem a tua dor lamenta e chora :
Já não tem mãe nem pai!...





XIV

PAGINAS DE UM SCEPTICO

(À EXMA. SRA. D. MARIA FAUSTA DA CRUZ RIBEIRO)

Mas o orgulho na dor é o silencio profundo,
A profunda mudez...
E a minha dôr cruel eu não a conto ao mundo,
Porque a não contaria á minha mãe talvez!

(GUERRA JUNQUEIRO)

QUEREIS mesmo, Senhora, lêr a historia
Da minha vida, que se extingue aos poucos?...
Pois bem ; vou descrevel-a de memoria,
Na febre intensa dos assomos loucos.
Ha n'estas folhas a legenda ingloria
De muitos gritos abafados, roucos,
Arrancados do intimo do seio
Nas contracções febris d'um longo anjeio.

Perdão, si vou ferir vossos ouvidos
Com phrases toscas de linguagem rude,
Perdão — si aos vossos olhos, embebidos
Nos deslumbrantes prismas da virtude,
Vou levantar uns anjos decahidos
N'um antro — inda peor que o ataúde :
Fallo da saturnal — o cemiterio,
Onde a taça é a cruz, o mais... mysterio !...

Transpuz, sorrindo, o limiar da vida,
Como o noivo feliz, que aos vinte annos
Na alcova nupcial, fresca e florida,
Penetra — cheio de subtis enganos !...
Uma esperanza vaga, indefinida,
Tentava erguer o véu de mil arcanos...
Pareciam-me, aos raios das estrellas,
Irmãos os homens, anjos as donzellas !

E cantei !... E' que eu tinha dentro d'alma
O dom fatal dos martyres sombrios,
Que procuram colher da gloria a palma
E vão cahir nos tumulos vazios...
A febre de aspirar, que não se acalma,
Bem cedo me arroxou os labios frios !
Foi o canto do cysne... a voz da morte :
O agourento uivar do cão da sorte !

Senti que no meu peito havia um ermo,
—Povoado sómente de desejos...—
Temi chegar d'esta existencia ao termo,
Sem ter libado o doce mel dos beijos!
Nos meus delirios — sonhador enfermo —
Louco ideal me despertava almejos
De unir um dia ao palpitante peito
Mimoso corpo virginal, perfeito!...

E amei, com ancia, com delirio intenso,
Uns labios róseos que p'ra mim sorriram...
Meus pensamentos, como um leve incenso,
Para alcançal-os — para o céu subiram!...
E' que eu amava com affecto immenso!
Mas... esses labios, a sorrir — mentiram!...
— E a ironia sarcastica de um riso
E' um inferno — por traz d'um paraiso!...

Então, Senhora! abandonado e triste,
Lancei-me a sós por este mundo enorme...
Sombrio e mudo, como um velho antiste,
Ao coração de balde disse: = Dorme.
A debil flôr, que ás virações resiste,
Jamais resiste á tempestade informe:
O amor — é um lyrio, no jardim de um peito,
E uma traição — é um temporal desfeito!...

Como na areia que o *simoun* levanta,
Nos vastos plainos do Sahára ardente,
Ave nenhuma apaixonada canta,
Nem desabrocha uma só flôr olente ;
Assim na alma que a paixão quebranta,
Gelada, esteril, sem rumor, silente,
— Como lampada em templo abandonado —
Bruxoleia a lembrança do passado !...

.....





XV

SULTÃO

(AO MEU CIARO AMIGO O DR. J. P. REGO CESAR)



CHAMAVA-SE *Sultão* :

Era grande, delgado e escuro, como o são
Nas regiões do pólo as noites de seis mezes...
Tinha o pello macio e crespo e scintillante,
Como árabes corceis de azevichada cor ;
A cauda extensa e basta ; os olhos, umas vezes
Humidos de languor,
Como os olhos sensuaes das mórbidas donzollas,
Hystéricas, nervosas...
Outras vezes então de um brilho fulgurante,
Como as scintillações esplendidas e bellas
Das pedras preciosas.

Creado de pequeno

Com toda a profusão de mimos e desvelos,
Que dispensam á infancia os corações singelos,
Os corações das mãis ;
Sultão, o mais ditoso e o mais fiel dos cães,
Passava o dia inteiro entregue a seus instinctos
E as noites— a fitar a pallidez da lua...
Cedendo de bom grado os restos do jantar
Aos magros cães da rua,
Humildes e famintos,
Que andavam, como Job, leprosos e a uivar...

Seu dono, que o amava,
Bem como o Nazareno ás tímidas crianças,
Como sabem amar as almas chrySTALLINAS,
Frescas como as campinas,
Verdes como esperanças !
Seu dono via n'elle a imagem d'um amigo
Discreto, estremeado, e sempre bem disposto :
Que não trepidaria em face de um perigo,
Contanto que o livrasse assim d'algum desgosto.

Prendia ao dono o cão

O laço da amizade

Mais desinteressada e mais affectuosa,
Que prende a sombra ao corpo e prende ao galho a rosa ;
Exemplo: o amor das mãis ; o ideal da verdade

Perante Epaminondas ;
A oscillação constante e perennal das ondas,
As immutaveis leis
Que regem o fatal systema planetario ;
A crença do templario...
A embriaguez dos reis !...

Passaram tempos... uma vez, o amigo
Do venturoso cão,
Tendo de viajar, por terra, diz comsigo:
Levarei o *Sultão*.
E partiram os dois, tranquillos, silenciosos,
Unidos e sósinhos ;
Atravessando a nado os rios caudalosos,
Dilacerando os pés na sarça dos caminhos...

O dono ia buscar, ditosa creatura !
A inesperada herança,
De um tio, que ao baixar á fria sepultura
Tivera-o na lembrança.
E o cão, o cão fiel, contente e satisfeito
Por estar a seu lado,
Disfarçava o canção, a fome, e de bom grado
Velava toda a noite em torno do seu leito.

De volta para casa,
Pousaram no caminho, á beira d'uma estrada.

O dono, que trazia a herança cubiçada,
Sêntia um anjo máu roçar-lhe a ponta d'aza...
O anjo da ambição !
—Levantava no ar castellos fabulosos !...
Via baixelas d'ouro em deslumbrantes mesas...
Mulheres ideaes em leitos voluptuosos...
Amigos em tropel, servos em profusão ;
Conquistas nos salões, encontros ao luar...
Orgias de duquezas !
Festins' de Balthazar !...

Assim que amanheceu,
Levantou-se nervoso, inquieto, aborrecido,
Como um homem que espera alguém que se demora
E ouvindo passos fóra
Reconhece não ser ainda quem procura...
Monta a cavallo, parte... E o cão, o pobre cão,
Que passou toda a noite a lhe velar o somno,
Não recebe um olhar, um gesto de seu dono,
Que da louca ambição na febre que o tortura
De tudo se esqueceu...
Ai misero *Sultão* !

O fiel companheiro,
Lendo talvez no olhar raivoso do senhor
A rapida mudança,
Que lhe inspirava medo e lhe causava dor ;
Ao ver ficar na relva o sacco de dinheiro
Investe allucinado e resolutivo avança:
A saltar e a latir...
Com o olhar em lava !
Procurando impedir
O passo do animal que o dono cavalgava...
Na impotencia fatal de lhe dizer então
Em alta voz : « Senhor ! olha-me, escuta, espera...
A tua ingratição
Enche-me de pezar, mas não me desespera ;
« O que me faz soffrer
É não ter nem sequer a mimica de um mudo,
N'este instante cruel em que abandonas tudo,
Até mesmo o dinheiro
Que te fez esquecer este fiel rafeiro !

O dono, que seguia
Ao trote do animal,
Mergulhado n'um mar de méra phantasia...
Arrancado de chofre á rêde imaginaria,
— Essa teia ideal —
Onde a chymera embala e prende os sonhadores,
Não pôde resistir á raiva involuntaria :
E n'um d'esses repentos
Que tiram a razão aos calmos pensadores,

Avança contra o cão (que humilde, supplicante,
Corre a lamber-lhe os pés...)
Impetuoso, cruel, na furia dos dementes,
Dá-lhe um tiro ! mais outro... e o arroja distante
A duros pontapés!...

O misero animal

Lambia, uivando triste, o sangue das feridas,
Cahido sobre o secco, inhóspito areal...
De vez em quando, erguia as vistas doloridas
P'ra o logar onde estava o sacco de dinheiro ;
Depois—relanceava o doloroso olhar
Para as bandas por onde o dono ingrato e louco
Sumiu-se pouco a pouco...
Assim como o sombrio e triste forasteiro
Que em vão procura ver o tecto de seu lar !...

E o barbaro senhor,

Já bem longe d'ahi, sombrio como Othélo,
(Como quem acordou de um longo pesadelo,
Que inda causa-lhe horror)
Lembra-se commovido
Do misero *Sultão* — aquelle bom amigo,
Discreto, estremecido e sempre bem disposto,
Que não trepidaria em face d'um perigo:
Contanto que o livrasse assim d'algum desgosto...

No espirito humano,
Passado o atroz momento
Do odio, da vingança, ou desespero insano,
E' que surge o remorso... o arrependimento !
D'essa fórma tambem
Depois da tempestade é que a bonança vem.

Mal tinha se apeado,
Mesmo antes de abraçar esposa e filhos seus,
Lembrou-se o desgraçado
Do sacco de dinheiro... ó poderoso Deus !...

Como tremem de medo
As almas infantis, ao acordar no escuro...
Como batem d'encontro ao parapeito duro
De escarpado rochedo
Os vagalhões do mar, que os ímpetos do vento
Erguem em turbilhões ao alto firmamento,
Ou cavam no profundo abysmo subterraneo...
Assim, n'aquelle craneo,
A duvida e o remorso, em negra confusão,
Turbavam-lhe a razão !...

Sombrio, desvairado,
Louco, em febre, em delirio, e surdo e cego e mudo,
Salta sobre o cavallo e parte, allucinado,
Pensando em nada... em tudo !

O possante animal encara o vasto espaço...
E sai, mascando o freio, aos saltos, aos arrancos,
Assim como os *potrancos*
Que sentem no pescoço a cócega do laço !...

Não correm mais depressa os ventos no Oceano !..
Era um galope insano !
Erguiam-se do chão, em espiraes phantasticas,
Densas nuvens de pó... Pareciam elasticas
As patas do cavallo!... A crina, sôlta ao vento,
Trazia ao pensamento
A idéa fascinante
Do pennacho ideal do gorro d'um gigante !...

De subito, porém,
O animal empaca ; empina-se... recua...
E sem alento cái !... No azul ethéreo, a lua
Vinha surgindo além...

Rubras manchas de sangue,
E sangue ainda morno, estavam sobre o chão...
O homem decifrou o misterioso enygma
Que o desditoso cão
Deixára alli, talvez já moribundo, exangue,
Como fatal estigma !...

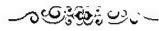
Seguiu, silencioso,
O rastro ensanguentado : o rastro ia direito
Até esse lugar onde elle havia feito
O derradeiro pouso.

Um raio de luar—qual baço candieiro—
Se estendia no chão...
Via-se sobre a relva o sacco de dinheiro,
E a seu lado, já frio — o corpo do *Sultão*!...

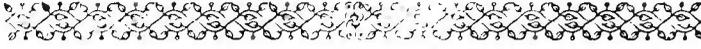


FIM DA TERCEIRA PARTE.

QUARTA PARTE



PAGINAS DE BOHEMIA



I

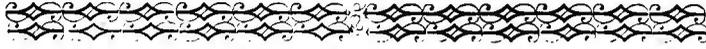
PROFISSÃO... DE FÉ.

 Eu não sou d'esses lyricos poetas,
Os pagens das princezas de comédia,
Que passam pela vida como ascetas
No corcel da *descrença* a toda a rédea...

Não penetram no peito dos atletas
Os ciumes sangrentos da trágedia :
O platonismo das paixões secretas
Morreu co'os menestreis da idade média.

Eu não sou d'esses magros sonhadores,
Que cantam serenatas entre as flores
Dos sombrios jardins de *Capuleto*...

Emquanto elles constipam-se, ao relento,
— Abrigo-me dos impetos do vento
No *boudoir* de Ophelias sem Hamleto.



II

HONTEM E HOJE

(AO NOTAVEL PUBLICISTA E AMIGO C. VON KOSERITZ)

VAI-SE-ME dia a dia arrefecendo
A flamma intensa dos desejos fortes:
Sou outro inteiramente. Não te importes,
Mulher ! eu já não vivo padecendo...

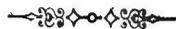
Aos quinze annos fui medroso e triste,
Como as donzellas mórbidas, hystéricas ;
E passavam por mim sombras homericas
Nas noites claras que a scismar me visto...

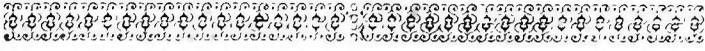
Depois, amei as musicas nervosas,
Cheias de sons, de frémitos, de ardores...
E a maciez das pétalas das rosas,
E a pennugem subtil dos beija-flores !...

Mais tarde, uma *visão* plena de encantos
Mergulhou-me em fatal *mêlancholia* :
Era uma meretriz ; e eu quiz com prantos
Regar a flor já sêcca pela orgia !...

Sonhei então uma existencia calma,
Boiando á flor de um lago de *chymeras* ;
Somnambulo que fui ! eu tinha a alma
Do modesto cantor das *Primaveras* !...

Hoje... sombrio e só, magro e doente,
A vagar n'este abysmo de miseria,
— Discip'lo de Voltaire—frio e descrente,
Penso apenas na força e na materia.





III



(AO AMIGO DE INFANCIA O DR. ANTONIO PALMEIRO)

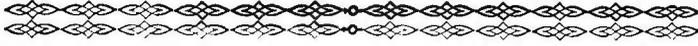
UMA vez... que meu cranco a febre atordoava
E uma tristeza atroz o peito me opprimia...
Lembrei-me de scismar no cemiterio : ao dia
O rubro sol poente o morno *adeus* mandava.

A extrema luz do occaso inda bruxoleava
Na superficie azul da occidental bahia ;
— Aclarando o perfil da escura serrania,
A lua, vagarosa e pallida, assomava.

Entrei, sombrio e só, na habitação dos mortos,
Onde os nautas do nada, a demandar os portos
Da eternidade, o Céu... afundam-se no chão !

E vi os bons e os máus dormindo todos juntos...
— Quem póde distinguir nos ossos dos defuntos
A Virtude do Vicio?... E' tudo — podridão !...





IV

EMBARCADO

(AO POETA E AMIGO LINS D'ALBUQUERQUE)

I

« **S**USPENDE a prancha ! Brada o commandante
A um velho marinheiro bronzeado,
Que fôra pelos ventos embalado
Sobre o berço de vagas oscillante.

- Saia quem é de terra, » N'um instante
Foi a ordem cumprida ; e abafado
Talvez mais de um suspiro, entrecortado
Pelos prantos saudosos de um amante ! . . .

Fez-se ao largo o vapor. Os passageiros
Passeavam na tólda, prazenteiros,
Vendo sumir-se aos poucos a cidade...

E só *elle*, o Romeu expatriado,
A' amurada do arames recostado,
Chorava nos anceios da saudade!

II

O luar merencorio do deserto
Prateia o espaço, as vagas, as espumas...
Crivado de astros, com ligeiras brumas,
O vasto azul parece um céu aberto!...

As ondas se agglomeram, vêm algumas
Contra o vapor, que oscilla, morrem perto...
Sobre a mesa da camara, entreaberto,
Jaz um romance de Alexandre Dumas.

A custo, os passageiros, enjoados,
Os beliches procuram ; apressados
Andam d'aqui p'ra alli os marinheiros...

E o Romeu, já sem vêr a Julieta,
Passa o lenço nos vidros da luneta,
Respingado dos salsos aguaceiros.

Assim que o trem partiu, senhora viscondessa,
Notou que fui postar-me á porta do wagon ?
Pois bem ! é que eu sentia o inferno na cabeça
E em vão dizia : além ! vamos ao ermo, *allons !*

V

A VISCONDESSA

 ASSIM que o trem partiu, senhora viscondessa,
Notou que fui postar-me á porta do *wagon* ?
Pois bem ! é que eu sentia o inferno na cabeça
E em vão dizia : além ! vamos ao ermo, *allons !*

E' que eu sentia em mim a falta da saúde
E da conservação o pronunciado instincto
Ergue-se dentro em nós d'uma maneira rude;
Tentando reviver todo o vigor extincto.

Sei que em tempos de tréva, em tempos d'ignorancia,
O doente invocava — o sobrenatural...
E o sacerdote, ao fim da mais teimosa instancia,
Curava o corpo enfermo-e a affecção moral.

Pythagoras, Platão, Empedocles e Thales,
Constituiram mais tarde a base da razão :
Começou a sciencia a debellar os males,
Cedendo á medicina a *divinal* missão.

Seiscentos annos já antes de Jesus-Christo,
Herophilo chegou a definil-a assim :
O estado anormal do corpo, a causa d'isto,
Altera-lhe a saúde e transforma-o por fim.

N'essa definição succinta a idéa é logica
Da historia natural que ahi se denuncia:
Ha uma causa anatomica, uma acção pathologica,
Therapeutica, hygiene — e physiologia.

Sabe que sobre o corpo influe a athmosphera,
Esteja rarefeita ou mesmo condensada,
A Côrte, humida e quente, o nosso estado altera
E eu sentia a saúde aos poucos transtornada.

Mettemo-nos os dois no trem das quatro e meia
E fomos para fóra, afim de tomar ares :
Sentou-se á nossa esquerda uma alta ingleza feia,
Com os ollhos da cor do panno dos bilhares.

Atraz, um portuguez mostrava uns *a pedidos*
Do *Jornal do Commercio* a uns allemães vermelhos :
Em quanto uma franceza os dedos mui compridos
Passava por um cão que tinha sobre os joelhos.

Uns *dandys*, de pastinha e lenço cor de rosa,
Fallavam entre si, com risos indiscretos ;
Fitava-os em silencio uma senhora idosa,
Que não largava as mãos dos pequeninos netos.

O monstro de metal movia os muse'los d'aço,
Com a viva rapidez das machinas modernas ;
E um pennacho de fumo erguia-se no espaço,
Escuro como o bojo informe das cavernas.

Em pleno seculo XI os Belgas applicaram
O combustível forte, o mineral precioso,
Que, dentro da fornalha apenas o queimaram,
Impregnou o ar de um cheiro bituminoso.

O silvo atoador, frenético, vibrante,
Cortava a solidão com frémits febris!...
Trazendo-me á lembrança os gritos de um gigante,
Ou os hymnos ao sol — na taba dos tupys.

O ar do descampado, oxygenado, hygienico,
Fresco como as manhãs esplendidas de outubro,
Varreu-me da cabeça apprehensões de anemico,
Escorvou-me os pulmões: fiquei alegre e rubro.

O ar, bem sabe, é o gaz que fórma a athmosphera,
E o meio constitúe que tudo desenvolve ;
Leva a semente á planta, a flor á primavera,
Vapores absorve e em agua se dissolve.

Toricelli alcançou verificar-lhe o peso :
O barometro attesta essa verdade ingente ;
Submettem-no á pressão ? — permanece em desprezo...
E é elle quem o som propaga velozmente.

O ar !... pois bem ; é elle o unico remedio
Que debella de todo a hypocondria atroz,
A tristeza sem causa... o indefinido tédio,
Que ás vezes, sem sentir, sentimos dentro em nós.

Tive ímpetos então hystericos, nervosos,
Vontade de correr, de rir e de gritar...
Crispavam-me a epiderme uns fluidos voluptuosos,
Magneticos bem como a luz do seu olhar.

De subito, porém, n'um ambiente morno
O trem diminuiu de força e rapidez:
E o tunnel, abafado, escuro como um forno,
Era um antro de horror, de sombras e mudez.

Foi um instante só; de novo a luz e o ar.
Deram mais rapidez á marcha interrompida.
Vinha tombando a sombra... e a luz crepuscular
Trouxe-me uma tristeza immensa, indefinida.

A mudez do crepusc'lo e a paz do isolamento
Impunham um terror solemne e religioso...
E ao vêr vossa excellencia alli, n'esse momento,
Quasi a chorar de dôr... sorri-me venturoso!

Chegámos á estação. Estava á nossa espera
Um pagem de libré e botas de verniz,
O mesmo que seguiu nos fins da primavera
Seu fallecido esposo a Londres e Paris...

Elle, assim que nos viu, correu em direitura
Da carruagem ingleza, e rapido, veloz,
Fustigou os corcéis, altos, de cor escura,
Parando n'um instante o carro junto a nós.

Entrámos no caleche ; os animaes possantes,
Sorvendo a exhalação das plantas orvalhadas,
Sahiram a gálope, altivos, offegantes,
Sôltas á viração as crinas agitadas !...

Então, vossa excellencia, exhausta de canção,
Pendendo no meu hombro a fronte escultural,
Nem via o meu olhar cahir no seu regaço...
Somnambulo, dormente, opiado, sensual !...

.....



VI

ÉS BELLA

s bella — quando váis, de manhã cedo,
As florinhas regar no teu jardim ;
E voltas, com a barra do vestido
Molhada, de roçar sobre o capim...

E's bella—quando a sós, ante o espelho,
Contemplas o teu vulto sem rival :
E te esqueces de ti — pensando n'elle...
Com ciúmes — do proprio original !...

E's bella — quando passas, ao almoço,
Co'a mão direita a chicara do tutor,
E com a esquerda abertas, ás occultas,
Os dedos enluvados — do *doutor*...

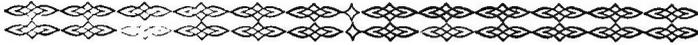
E's bella — quando, em horas de trabalho,
Te assentas á mesinha de coser,
E cantas satisfeita e distrahida
A poesia assim : *Quando eu morrer...*

E's bella — quando, á tarde, embevecida
Contemplas triste o sol a declinar ;
E co'a luz de teus olhos illuminas
As paginas de um livro de Alencar.

E's bella — quando, á noite, só com *elle*,
A' meia voz conversas no salão,
E, mal ouves os passos da madrinha,
Mudas logo de tal conversação...

E's bella!... Ah! fôra eu poeta lyrico,
Para dizer que a luz do teu olhar
Tem mais doce fulgor do que lampyrios,
— Raios de sol e ondas de luar!...

E's bella — quando almoças, quando jantas,
Em toda a parte, acompanhada ou só ;
Mas — ainda és mais bella quando dormes,
Ao lado do... não côres, — do *totó!* ...



VII

TU E EU

(A' MIMOSA POETISA REVOCATA H. DE MELLO)

I

Como em altar de flores
Oscilla a tocha accesa,
Tua alma treme, presa
Em cárcere de ardores...

Tens tons de *morbidezza*,
Volupias e languores ;
Dos astros os fulgores,
Dos lyrios a pureza.

Tens tudo !... No entanto
Eu, que te adoro tanto,
O que é que eu tenho, wyllis ?

Só isto: intelligencia,
Tubérculos... sciencia...
E bilis — muita bilis !

II

Vais indo pela vida,
De scismas opiada,
Como ave equilibrada
Na plaga indefinida...

E eu, sombra perdida,
Cabeça desvairada,
Caminho para o nada :
Ashaverus da jazida !

Tu vais, sempre sonhando,
— Visão do Capuleto —
A lua enamorar...

Eu, como estou morando
Por traz d'um *lazarêto*,
Eu... vou me vaccinar.

III

Estás a toda a hora
Cercada de carinhos,
Bem como á luz d'aurora
Os passaros nos ninhos.

E eu, pelos caminhos
Por que vou indo agora,
Apenas vejo espinhos
Em torno a mim, senhora!

Prendes um auditorio,
Cantando! Na mudez
Algemas os incáutos...

E eu, no escriptorio,
— Das nove até ás tres —
Leio autos e mais autos!...

IV

Amar! Amar! Amar!
— Eis a lição divina
Que a Natureza ensina
Ao céu, á terra, ao mar...

Parece que o luar,
As rosas e a neblina,
Murmuram em surdina:
Amar! Amar! Amar!

E por que não havemos
De acompanhar tambem
A Natureza? Amemos!

Não consta que ninguem
Gastasse com extremos
O imposto do vintem...

V

Tu és a rica herdeira
De um conde millionario ;
Teu tio — um argentario,
Tua avó, essa estrangeira,

Que a velha Europa inteira
Correu, (com seu rosario)
Mandou-te do Calvario
Um ramo de Oliveira...

Além de filha unica,
E's bella, como a tunica
Dos príncipes reaes!

És d'uma estirpe ingente ;
E eu... sou simplesmente
O filho — de meus pais.

VI

Os nossos Lamartines
Chamam-te a Musa viva ;
E's a harmonia diva
Da alma dos Bellinis !

No langue olhar defines
Toda a paixão lasciva
D'essa alma que captiva
Os nossos Lamartines...

Criança !... quem me déra
Da tua primavera
As flores desfolhar !...

Desejo tanta cousa...
Mas, ah ! dizer quem ousa ?
Melhor é me calar.

VII

.....
.....
.....
.....

.....
.....
.....
.....

Tu és o Anjo da Crença,
Na Cathedral immensa
Da Natureza ; e eu...

Eu sou o Scepticismo,
Sombrio como o abysmo...
Profundo como o Céu!...





VIII

ROSAS DE CAMPOAMOR

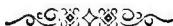
(A PAULA NEY)

I

 **A**SSIM que anoiteceu, *Ella*, n'aquelle dia
Tão esquiva p'ra mim,
« Por que te chegas tanto ? » humilde me dizia :
« Eu tenho medo assim ! »

II

Quando a luz da manhã bateu no cortinado,
Disse, junto de mim :
Por que me foges tu ? por que sáís do meu lado ?
Eu tenho medo assim !





IX

DANSANDO

(A PEDRO FRANÇA LEITE)



Tu sabes que o barão se baba pelas filhas,
Aquelles divinaes archanjos das quadrilhas !

Eu creio que tambem já deves ter notado
Que a mais moça das tres descamba p'ra o meu lado...

Sim, para que ha de estar a gente com historias,
Quando essas coisas são... publicas e notorias ?

Eu cá não sei guardar segredos, salvo se,
Se um marido burguez... ora ! *et cætera*, e ...

Entendes-me, não é ?... Pois bem ; como dizia,
Ando fazendo a côrte á flor da fidalguia.

Sabbado, vinte e dois, recordas-te ? — o visconde
Fez annos — e o palacio abriu a *demi-monde* !

Foi um baile de estrondo !... Oh ! nada alli faltava :
Doces a tres por dois... *champagne*, que enjoava !

Além de um *esquadrão* de moças e um *piquete*
De velhas —cada qual mais rica e mais *coquette*.

O barão quiz me ouvir fallar, e eu, é logico,
Bati palmas e fiz de prompto um *bestialogico*...

Choveram ovações !... Que moço intelligente !
Dizia a baroneza ao vice-presidente.

— Escreve folhetins, faz dramas e sonetos. —

• Pois não ! eu tenho cinco ou seis dos seus folhetos.

E os labios virginaes sorriam-se p'ra mim,
Ternos como um Chénier, doces como um pudim !

D. Lucia, depois, com gésto soberano,
Passando os dedos sobre as téclas do piano,

Despertou sons do céu ! dolentes e suaves,
Como um verso do Castro ou como um trino d'aves.

Quando a orchestra espalhava os sons d'uma havaneira
Eu voava com ella... a doce feiticeira !

Ahi, aproveitando esse propicio ensejo,
Fui dizer-lhe um segredo, e zaz... furtei-lhe um beijo !

Lucia ficou vermelha, assim como no galho
A flor, se a beija o sol e sorve-lhe o orvalho...

Mas não zangou-se, não ; sorrindo, envergonhada,
Chamou-me de ladrão, baixinho ; e, delicada,

Disse: « Se o não quer sêr, dê-me depréssa pois
O beijo que furtou-me. » E foi... eu dei-lhe dois !...





X

A PAGINA 320...

(A JOÃO TALLONI)

 scena representa um *boudoir* sombrio,
Forrado de papel azul com frisos d'ouro ;
A' direita um jardim, ao fundo vê-se o rio...

Entra pela janella, inquieto como um touro,
O vento, que balança o leve cortinado,
E da princeza ideal beija o cabelo louro...

Ella, sobre o *divan* macio, avelludado,
Reclina-se indolente... e mostra, distrahida,
O pésinho chinez n'um borzeguim bordado.

O vento, que lhe arrufa a saia guarnecida
De flocos de escumilha e crivos transparentes,
Vendo-a n'essa attitude, em languidez cahida,

Ergue em ondulações aquellas roupas quentes...
E no vivo crystal dos límpidos espelhos
Reproduz perfeições esculpturaes, trementes !...

O *primo* fecha o livro... Os labios seus, vermelhos,
Febris e sensuaes,—já sem saber de si,—
Da *prima* adormecida osculam os joelhos...

E a voar pelo azul cantava um *bem-te-vi*...





XI

NO CAUCASO

(A JULIO LIMA)

ASSIM como o cáscalho em vão tenta occultar-se
Na transparencia azul dos lagos silenciosos,
Os pensamentos meus, os grandes criminosos,
Que riem-se a chorar ... e vivem a matar-se!...

Procuram no meu craneo embalde concentrar-se,
Vôam aos seios teus, trementes, voluptuosos...
E quaes feras, rugindo em antros pavorosos,
Que a victima aguardando espreitam-na em disfarce ;

Contemplan-te da tréva e na mudez te fallam...
E como os vagalhões que no rochedo estalam,
Atiram-se a teus pés... volvem ao peito meu!

Seduzes como um crime e attráes como um abysmo...
Teus olhos, sóes — gyrando em céu de magnetismo,
São abutres sensuaes... e eu — um Prometheu!...





XII

QUADRO DE F. MAYSTER

(A PEREIRA NETTO)

A luz crepuscular bate-lhe em cheio
Nas fórmas sensuaes ; os olhos bellos
Estão cerrados, soltos os cabellos,
As pernas núas... descoberto o seio !

N'essa languae attitude, em que o enleio
Faz fugir o pudor, ante os anhelos
Que surgem, quaes phantasticos castellos,
Formados do crepuse'lo ao bruxoleio...

Vive, sem vida, a nos tirar a vida !
Em lasciva indolencia adormecida,
Como uma estrella n'amplidão ethérea...

Eu sinto, ao vê-la, as críspações nervosas
Das naturezas tropicaes, fegasas,
Rendido á prepotencia da materia !...





XIII

TYPOS SOCIAES

(AO AMIGO DR. A. NAPOLEÃO DE BARROS)

I

O BARÃO

 gordo quasi sempre, e bruto como um urso ;
Usurario, cortez, hypócripta e glotão ;
Desde *commendador* já pensa no discurso
Que ha de fazer no dia em que sahir *barão*.

Manda o filho estudar n'alguma academia,
Para que *deputado* um dia venha a sêr ;
Francez, musica, inglez e canto e geographia
Manda ensinar á filha... a qual não sabe lêr.

E' *ella* o seu orgulho, o seu maior thesouro :
Tem brincos de brilhante e braceletes d'ouro
E ha de ser mulher d'algum commendador...

Por cima do sofá, na sala, em seu sobrado,
Tem o retrato grande, em quadro emmoldurado,
De... sua magestade o augusto imperador.

II

A BARONEZA

E' bella e sensual, affavel e discreta ;
Gósta das sensações nervosas de um chuveiro...
Inspira madrigaes a um phtysico poeta
E dispõe quando quer do cofre de um banqueiro.

Abre de par em par os seus salões doirados
Aos gordos solteirões e aos magros velhos doutos ;
E, enquanto ella faz sala a uns moços illustrados,
O barão toma chá, a mastigar biscoutos.

Venturosa mulher ! tem tudo o que deseja...
Que santa ha por ahi que em sua propria igreja
Tenha de seus fiéis tamanha adoração ?

E' um'alma (que divaga a esmo nas alturas)
N'um corpo que provoca assombros e loucuras
Aos irmãos de *Basilio* e aos netos de *D. João*.

III

O DANDY

Dorme até meio dia ; e passa ante o espelho
Mais tempo que uma actriz a carminar o rosto ;
Veste o *chambre* que cahe-lhe a baixo do joelho,
Manda pôr o almoço e sente-se indisposto...

Toma uns góles de chá, accende um bom charuto,
Lê por alto os jornaes e as cartas de namoro,
Reclina-se ao divan, cantando, e resolutio
Encaixa no nariz o *pince-nez* de ouro.

Manda o creado vêr si uma vizinha bella
Já tem apparecido ; então, chega á janella,
Comprimenta-a, sorri, assesta o *pince-nez*...

Faz !... outra conquista, além das que já conta:
E a sociedade, a quem impunemente affronta,
Abre-lhe os seus salões e... alcovas, já se vê.

IV

A NAMORADEIRA

Caprichosa, affectada, hystérica e anemica,
Falla mais do que pensa — e falla poucas vezes ;
Faz os *leões* por si baterem-se (em polcmica)
E anda sempre vestida ao gosto dos francezes.

Passeia dia e noite. E' louca pelas walsas !
Si ha visitas, á mesa, apenas próva a sôpa ;
E o dinheiro paterno esgóta em tranças falsas,
Pomadas, pó de arroz, e roupa sobre roupa.

Cita Emilio Zolá, diz detestar Bocage...
Si um Lovelace audaz offende-a, não reáge
E nem diz nada ao pai. Assim correm os dias.

Quando vejo passar essas cabeças tontas,
Digo com meus botões : hão de afinal de contas,
Em vez de bõas mãis, ser... excellentes — tias !

V

O PADRE

Faz, em nome de Deus, o *diabo a quatro* ; come,
Que parece soffrer fome canina ; dorme
E ronca como um porco... e tem tal abdome'
Que parece, de longe, um garrafão enorme.

Quando sabe que alguém morreu, tece louvores
Ao medico assistente, e diz na freguezia
Que vota ao boticario e a uns dois ou tres doutores
Uma extraordinaria, immensa sympathia.

Anda sempre com fome e sempre anda com somno ;
Descobre-se ao ouvir fallar em Pio IX
E si encontra um *maçon*, tem logo um *faniquito*.

P'ra os *santos* pede esmola ao cego e ao mendigo ;
Baptisa muita gente... e sempre tem comsigo,
Além d'uma *comadre*, um sachristão bonito...

VI

A BEATA

Roga pragas, castiga os miseros escravos ;
Não come—sem *benzer* primeiramente o prato...
Falla da vida alheia e *esconjura* os bravos
Que morrem defendendo este paiz ingrato.

Gosta de bachareis e *frangos de botica*,
Ella, que quando dorme é mésmo uma defunta !...
Não diz, seja a quem fôr, que idade tem : e fica
Zangada quando alguém lhe faz essa pergunta.

Tem sempre uma sobrinha, uma creoula e um gato.

.....
.....

Todos os mortos seus estão no céu, diz ella...
Quer, morta, no caixão levar palma e capella
E não perde um domingo a missa da matriz.





XIV

A LENDA DOS AMORES

(AO COMPANHEIRO E AMIGO DR. FERREIRA DE MENEZES)

I

 Tu me pediste, em febre voluptuosa,
E quem pôde esquivar-se aos teus desejos?...
Que eu cantasse o romance de teus beijos
Aos sons da minha lyra harmoniosa.

Fôra preciso, ó pallida formosa,
Para realizar esses almejos,
Ter das harpas-eóleas os harpejos,
Brilhos de estrella e pétalas de rosa !...

O mesmo amor, que eternizára o Dante,
Atordoando o cérebro do Tasso,
De *Marilia* arrojou *Dirceu* distante...

Pois ha de ser tambem de amor o laço
Que ha de unir nossos nomes, doce amante,
Como nós nos unimos. n'um abraço !

II

Si ha nos meus livros paginas brilhantes,
Que fluctuam no azul do romantismo,
Mais ricas de phantastico lyrismo
Hão de ser as estrophes scintillantes

Que descrevam, com tintas cambiantes,
Teus caprichos, teu languido hysterismo...
E as noites de febril sensualismo
Em que apertas-me aos seios palpitantes.

Dizias ser de gelo — e és de fogo !
Da volupia no louco desfogo
Revivias... mais morta do que viva !...

Como eras bella assim sem ser esquiva !
Nós eramos coriscos de desejos
No temporal desfeito d'esses beijos.

III

Tens o sabor dos pêcegos molares,
Um ácido de fructa prohibida...
No seio uma volupia indefinida,
Fluidos fataes nos languidos olhares.

E's a moderna esposa dos cantares...
A sereia do mar da minha vida!...
Tens n'apparencia a calma d'uma ermida,
E a gélida brancura dos luares.

No entanto, Senhora ! ha nos teus seios
Um Vesuvio nevralgico de anseios,
Uma sêde infinita como o espaço.

E' por isso talvez que me fascinas,
Me seduzes, me prendes, me dominas,
Como a attracção do iman sobre o aço.

IV

Não és mais bella, não, quando mergulhas
Em veludo os contornos palpitantes,
Nem quando em teus cabellos odorantes
Scintillam os rubis como fagulhas.

Tu me cravas desejos, como agulhas,
Eléctricos, nervosos, irritantes
Como a tósse dos phtysicos amantes,
Que inflamma do tubérculo as borbulhas...

Uns desejos estranhos, fortes, novos,
Que saltam, indomaveis, aos corcovos,
Como um touro enlaçado pelas guampas !

Quando, após um duello atroz de abraços,
Prisioneira de gozo entre meus braços,
Vivandeira de amor, sorrindo acampas !

V

Tens ás vezes o gelo dos crystaes
E a transparencia vítrea das redomas,
Quando cerras as palpebras e domas
Os pôtros dos desejos sensuaes...

Como as nuvens em fortes temporaes,
Inflamam-se a tremer as tuas pomas...
E desmaias, lasciva, ébria de aromas,
Em volupias sombrias, infernaes !...

E's o Anjo do Mal !... bem o previa...
Tens o riso insolente da ironia
E o cynico disfarce da bacchante !

Perdôa-me, Senhora ! eu sou um louco :
De amor vou definhando pouco a pouco...
De ciume te insulto a todo o instante !...

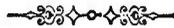
VI

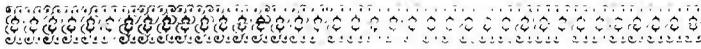
Si inda mais se adorar fosse possível,
Podesse eu vêr-te morta, enregelada,
Innerte, muda, pallida, insensível,
Na escuridão de um tumulo enterrada !...

Nem mesmo eu sei, ó bella desgraçada !
O que faria então... Parece incrível :
Tu serias por mim mais adorada,
Si inda mais se adorar fosse possível !...

Oh ! podesse a nevróse violenta
Arrebatat-te, em noite de tormenta,
Ao fundo escuro de um revolto mar !...

Pois só na placidez de um ataúde
Tu — não ultrajarias a virtude,
Eu — não me envergonhára de te amar !...





XV

CANTIGA DE BRANDER

(GOETHE)

Um rato n'uma despensa
Tanta manteiga comia,
Que nem Luthéro o vencía
No abdomem—que horror !...
Mas, um dia, a cosinheira
--O buraco envenenando—
Fez o triste andar pulando,
Como quem arde de amor...

Como quem arde de amor !

Corre em vão por toda casa,
Agua e mais agua bebendo,
Todos os cantos roendo
Nas ancias de tanta dor ;
Emfim, mais morto que vivo,
Pelo excesso extenuado,
Cái a um canto, abandonado,
Como quem soffre de amor...

Como quem soffre de amor !

Já nas ancias derradeiras,
Já na mortal agonia,
Corre afflicto todo o dia
Da cosinha em derredor...
— E a cosinheira soltava
Gargalhadas insensíveis,
Vendo-o nas ancias terríveis,
Como quem morre de amor...

Como quem morre de amor !





XVI

QUANDO EU MORRER

A TRAJANO CEZAR

Si eu morrer amanhã, ó meu amigo,
Pega n'uma das alças do caixão,
E não deixes ninguém jogar commigo,
Como um fardo lançado n'um porão.

E lá... á fresca sombra do cypreste,
Onde vamos por fim todos dormir,
Faze um discurso (mesmo que não preste)
Mas — que não faça o auditorio rir.

Dize que a nossa patria desditosa
Vê commigo baixar ao maosoléu.
A estrellá mais fulgente e luminosa
Que apenas despontava em pleno céu...

E que eu fui economico e sisudo,
Que duravam-me um mez os meus botins ;
Que podia morrer mais barrigudo,
Embora não comesse em botequins.

E que eu fui um luzeiro da sciencia,
Isso não, porque podem se espantar...
Que conservei intacta a innocencia,
E nem sabia até — jogar bilhar !

E que fui inimigo das *mulheres*...
E que nunca voei de *azas de páu*...
Ora ! dize inda mais, o que quizeres :
Pois sabes que não ha defunto máu.

E depois, quando a enchada do coveiro
Puxar a terra para o meu caixão,
Escreve p'ra o meu leito derradeiro
Esta inscripção :

— Aqui jazem os restos de um poeta,
Que não morreu de frio nem de fome ;
Julgando a sepultura uma indiscreta,
Não quiz dizer-lhe nem siquer seu nome.

Nasceu no dia tal, ás tantas horas,
Como nasce qualquer burguez ou conde ;
Requestou raparigas e senhoras...
E, sem pagar *imposto*, andou de *bond*.

Agora que o cantor bateu a bóta
E contra a fidalguia já não berra :
Pobre vate ! — antes fosse um agióta,
Que é só quem é propheta n'esta terra. —

António





XVII

SONETO A LAPIS

ESTE o sonho de um magro amanuense,
Que morreu de tubérculos, ha um anno ;
Que amor faminto, impetuoso, insano,
O que inspiraste ao moço fluminense !

Sei tambem de um rapaz rio-grandense,
Que imaginava — em noites de *minuano* —
Levar-te, sobre as ancas-d'um *tobiano*,
Dos Pampas n'amplidão que o Sáhara vence...

Muito senhor de engenho suspirava
Pensando em ti, nas séstas do verão,
Sobre a rêde embalada pela escrava...

No entanto, *Yáyá*, — teu coração
Por um triste *rondante* palpitava...
Nas delicias da — *nova sensação* !...





XVIII

PARENTHESIS

Muito embora procurem separar-nos,
Tu sempre serás minha... eu sempre teu !
Sómente a morte poderá roubar-te
Do peito meu .

Amei-te e tu amaste-me. Juntámos
Nossas almas e o nosso coração ;
Fundimos em um só nossos espiritos
N'essa paixão .

Teu peito palpitou contra meu peito,
Teus labios apertei aos meus... e bem !
Unidos desmaiámos... revivemos
Juntos tambem !

Si fosses tu a cortezã das salas,
Que não sente emoções quando nos beija,
Si fosses tu a meretriz das praças,
Que o corpo mercadeja ;

Então, sim, poderias esquecer-me
No mesmo instante em que eu sahisse: e morta
De ambição — te entregares ao primeiro
Que batesse á tua porta...

Mas tu não és a cortezã sem alma,
Que jura amar-nos quando nada sente ;
Não és tampouco a messalina tôrpe,
Vil, — impudente !

E's a mulher intelligente e bella,
Que amou, mais que ao mancebo, ao sonhador !
A Musa de um Poeta ! a irmã dos anjos...
Anjo de amor !...

Tu me inspiraste uma afeição sincera,
Cheia de crenças, esperança e gloria,
Não d'essas afeições que se evaporam
Na vida transitoria.

E' um amor profundo, immenso, eterno,
Profundo, immenso, eterno — como o céu !...
Amor que ha de ir comnosco pela vida
Ao chão do maosoléu.

Não fôras tu, Senhora ! tão formosa,
Não fôras como os anjos do Senhor,
O' mimo do meu Deus ! eu não te amára
Com tanto amor !...

Tu'alma da minh'alma é irmã gêmea,
Teu coração foi feito para o meu:
Ambos são tão iguaes, que, si os juntassem,
Qualquer seria o meu.

Qualquer ; mas, si em teu peito por acaso
Fosse o meu coração ficar trocado,
Desde então tu — serias mais sensivel...
Eu — menos desgraçado !...

Eu caminhava triste pela vida,
Como o hebreu das santas Escripturas,
Sem flores em redor, sem uma estrella
Brilhando nas alturas...

E tu passaste... A tactear, na sombra,
Segui o rastro de teus pés divinos:
Mandei-te no crepusculo a minh'alma,
Nas brisas os meus hymnos!

Bem como a rôla destendendo as azas,
Para estreitar o pombo em effusão,
Abriste-me os teus braços, os teus seios...
Teu manso coração!...

Como eras bôa e como eu era amante!
Nossa vida era um sonho de ternuras;
Que sêde, que desejos, que delirios...
Mulher! quantas loucuras!...

.....





XIX

SONHO ALLEMÃO

(A MATHEUS DE MAGALHÃES)

POR dormir logo após á lauta ceia
Do gordo reverendo, que, a pedido
De uma certa cantora, dignou-se
Enviar-me um convite por escripto,
Tive um sonho allemão...

Allemão digo

Por ser'assim á moda do que o Goethe
Apresenta no *Fausto* — esse tal *Sonho*
Da *noite de Walpurg*...

Embuçado

N'uma capa hespanhola (brazileira)

De chapéu desabaðo e umas botas
 De excellente verniz, como as que usava
 Esse francez audaz que por façanhas
 Elevou-se do povo á realesa,
 Chegando a dividir pelos parentes,
 Thronos como aos parceiros damos cartas
 N'uma mesa de jogo...

Assim vestido,

Mal soðu meia-noite no relógio
 Da casa do visinho, a passos lentos,
 Assim como do *Hernani* os conjurados
 Logo que principia o quarto acto,
 Fui para o palacete da formosa
 Néta da baroneza...

Lá chegando,

Atirei-me a seus pés !... Estava linda
 A tímida criança aristocrata,
 Com os negros cabellos ondeados
 Soltos a fluctuar pelas espáduas,
 Mais alvas do que a espuma que o barbeiro
 Nos põe no rosto ao nos fazer a barba!...

« Nunca estiveste assim tão feiticeira
 Mulher dos meus desejos, flor cheirosa
 Dos vergéis ideaes do pensamento !
 Fosse eu hoje um Sultão, que d'entre todas
 As languidas, lascivas Odaliscas

Havia de dizer ao teu ouvido :

— « És tu só, és tu só a favorita ! —

Mas... si eu nem sou o ultimo dos turcos,

Esses entes felizes, felizardos,

Que têm tantas mulheres quantas calças

Possúe o teu irmão — aquelle *dandy* !... »

« Já sei què vens... »

Pois não ! Advinhaste ;

Venho vêr-te, mais morto do que vivo,

Magro, desfigurado com olheiras,

E tudo isso porque ? — pela saudade,

Aquillo que Garret... Inda não leste

Os versos do visconde ? — Pois não leias.

E tu tambem não pensas muitas vezes

N'essas horas de fogo e de volupia

Em que tremes, desmaias nos meus braços,

Sentindo o maior gosto desta vida,

Emquanto, desvairado e offegante,

Eu sorvo sequioso, a longos tragos,

O licor de teus beijos — pela taça

D'esses labios de amóras, mais vermelhos

Que o miolo das frescas melancias ?... »

E nosso filho ?

Pois nós temos filho ? !

Não falles nunca em semelhante coisa.

Cruzes ! Deus nos acuda ! Pois tu queres

Ir procurar camisa de onze varas ?

(Ora esta ! e eu mettido em calças pardas !)

Não sabes que a mulher depois do parto

Deixa de ser a Deusa decantada

Pela Musa dos lyricos poetas ? . . .

Não falles nunca n'isso !

E nosso filho

Ha de ficar na sombra, abandonado,

Sem mimos maternas, lições paternas,

Um nome— p'ra que possa erguer altivo

A frente varonil entre os mais homens ?

Não ! tu não és um barbaro . . .

E, chorando,

Continuava esse sermão de lagrimas,

Que por certo escutaste muitas vezes,

Talvez de mercador fazendo ouvidos,

Quando eu, vendo que nada n'essa noite

Podia conseguir . . . achei prudente

Dar as costas á bella inconsolavel,

Que soluçava, assim — como as crianças

Quando querem comprar algum brinquedo,

Ou sahir rua fóra atraz das outras.

Sahi.

Até aqui — nada de novo:

Mas agora é que a coisa toma os ares
Das pavorosas lendas d'Allemanha.

Esqueceu-me dizer que isto passou-se
N'uma noite de inverno, noite ingleza ;
Da cúpula do azul cahia em dobras
Um denso cortinado de vapores. . .
E a lua, sósinha no seu *quarto*,
N'uma colcha de névoas embrulhada,
De vez em quando arregalava os olhos
A vêr si alguma estrella se atrevia
A botar o nariz para o planeta
Onde escrevo estes versos, que algum dia
Podem talvez ainda ser transcriptos
Para os jornaes do Sol ou de Saturno !

Mãos á obra. Mal tinha entrado em casa,
Quando o creado (que sou eu) curvado
Tirava as minhas botas ;

Offegante,
Trémula, desgrenhada, esbaforida,
Investe porta a dentro a inconsolavel
Neta da baroneza. . .

Então, não queres
A promessa cumprir ? »

Mas que promessa ? »

Basta, tyranno, basta !. . . Ao menos morra
Em presença do algoz a pobre victima.

E mal essas palavras tinha dito,
 Engatilha um revolver de seis capsulas,
 Ergue os olhos ao céu, benze-se ás pressas
 E nos ouvidos descarrega um tiro l...

A policia, que ouvira o estampido
 A taes horas da noite, em nossa casa
 Apparece de chô're (caso raro)
 Como D. Carlos — o real bandido
 Dos reinos hespanhoes, nesse momento
 Em que sahe do armario (isto se entende
 Com quem lê Victor Hugo, simplesmente).

— Que quer isto dizer? — brada raivoso
 Um esguio sargento, de bigodes
 A Victor Manoel :

— Está bonito !

Matar uma mulher como quem mata
 Uma pulga, um piolho, um carrapato...
 Mas, inda bem que o pilho aqui mettido,
 Como dizem — co'a mão na ratoeira. —
 = Mas, senhor... »

— Qual senhor, nem pêra nada l...

Mataste esta mulher, és criminoso !

Vamos, caminha ! —

: Espere um pouco, eu juro... :

— Quem é que ainda crê em juramentos ?

Não queres ir por bem — irás á força !... —

Puxa-me por um braço...

Arre ! que susto !...

Acordo n'esse instante — in^{da} sentindo

Alguem que me puxava realmente

Pelo braço direito...

Mas não era

O barbudo sargento de policia :

Era a jovem cantora, que fizera

O gordo reverendo convidar-me

Para a ceia da véspera, que estava

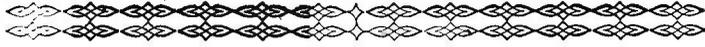
Cançada de esperar que eu acordasse

Afim de acompanhá-la n'esse instante

A tomar o gostoso chocolate

Que esfriava na chícara.





XX

ADEUS A' MUSA

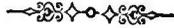


Musa ! eu já não sou aquelle moço triste,
Cheio de phantasias,
Que tantas vezes viste
Pallido como a luz do descambar dos dias...

Já em mim não existe
Nem um traço siquer das taes melancholias,
Que emprestavam-me outr'ora, em noites de utopias,
Os ares de um anthiste !...

Dei de mão para sempre ao meu romanticismo,
Aos tédios ideaes
E ás dormentes paixões, opiadas de lyrismo . . .

Juntei uns capitáes,
Estudo Augusto Comte, amo o positivismo
E não te quero mais.



FIM DOS NOVOS IDEAES.

NOTAS



NOTAS.

NOVOS IDEAES

Este livro, escripto n'um período de transição, é o receptáculo onde recoiho as ultimas paginas romanticas do sentimento, d'envoita com os primeiros fructos da razão.

Tanto nos versos realistas e sociaes, como nas poesias individuaes e lyricas, ha alguma cousa do nosso tempo.

FLÔRES DO PAMPA

Esta parte dos *Novos Ideaes* é uma cópia das paisagens da natureza do sui do Brazil.

Procurei dar toda a *cor local* á descripção dos usos e costumes do povo rio-grandense : povo admiravel pelos seus sentimentos de sinceridade, de independencia-e de heroismo.

Sendo, porém, muitos termos da gyria popular desconhecidos fóra da provincia, acho de indispensavel necessidade as seguintes explicações:

O PAMPA

(Pag. 35)

- Lageado*— fonte, com leito de pedra.
Rincão— matto entrançado.
Coxilha— elevação das campinas.
Farrapos— republicanos, os heróes de 1833 a 1845.
Gaúcho— joven camponez, serrano ou montanhez.
Canhada— declive entre duas coxilhas.
Palla— poncho de fazenda leve.
Bagual— cavallo de estimação.
Pagos— terra natal.

CREPUSCULO MATINAL

(Pag. 39)

- Quebradas*— desvios da estrada.

VIAJANDO

(Pag. 49)

- Sentar*— parar o cavallo.
Chimarrita— cantiga popular, ao som da viola.

CHINÓCA

(Pag. 51)

- Chinóca*— moça morena.
Viajar d'escoteiro— viajar só.
Rodar— o cavallo cahir para a frente.
Passo— logar estreito do rio.

- Tranco* — passo natural do cavallo.
- Picasso* — cavallo de pello escuro.
- Ramada* — coberta de folhas d'arvores, sobre esteios.
- Sóga* — corda (ou *guasca*) com que atam os cavallos.
- Gachar* — em vez de agachar-se, curvar-se.
- Rachar o bico* — dizem assim quando o gallo canta.
- Chimaarrão* — matte, sem assucar.
- Mangueira* — cercado onde encerram os cavallos.
- Parar rodeio* — serviço de campo: para castrar ou marcar os animaes.
- Piquete* — numero de cavallos de reserva.
- Malacára* — cavallo com signal branco na testa.
- Tobiano* — cavallo escuro com grandes signaes brancos.
- Churrasco* — carne com couro, mal assada.
- Caróna* — manta de couro, usada sob a sêla.
- Baixeiro* — enchargão, usado sob a carona.
- Pellegos* — pelles macias, usadas sobre a sêla.
- Serigôte* (ou *lombilho*) — sêla quasi sempre adornada de prata.
- Badana* — pelle ainda mais delicada que os pellegos.
- Retouvar* — trançar a *guasca*.
- Guasca* — tira de couro.

OS FARRAPOS

(Pag. 59)

Aos generaes Bento Gonçalves, Netto e David Canabarro cabem as glorias da revolução do Rio Grande do Sul. O general Bento Manoel Ribeiro, a quem ousam citar entre os chefes politicos, foi um transfuga, um desertor das fileiras republicanas, em cujo character não confiavam os *Farrapos* e os *leaes*.

Já 33 annos de indifferença e criminoso silencio pesam sobre um dos maiores acontecimentos politicos do paiz e não temos um filho do Rio Grande do Sul que tome a si o louvavel encargo de prestar a homenagem devida á memoria dos grandes martyres da nossa liberdade !

NA ESTANCIA

(Pag. 61)

Estancia — fazenda de criação.

Guampa — chifre, corno.

Matungo — cavallo manso.

Tranquito — passo natural do cavallo.

Estancieiro — proprietario de estancia.

Prataria — o adorno dos arreios.

CANTO DO MONARCHA

(Pag. 71)

Laço — guasca trançada com que pegam os animacs.

Bamburral — logar pedregoso e humido.

Relho — látigo. (Dizem tambem *rebenque*.)

Cancha — logar de descanso.

Pingo de opinião — cavallo bom.

Pelleguear — acariciar.

Affrontado — cavallo esbaforido. (Dizem tambem *arreganhado*.)

Querencia — logar do nascimento.

Aquerenciado — acostumado.

Murchar o garrão — humilhar-se.

Estropeado — cançado. (Dizem também *abombado*.)

Macêta — manco.

Moço largado — rapaz desembaraçado e audaz.

Tropilha — muitos cavallos do mesmo pello.

GAUCHADAS

(Pag. 77)

Gauchadas — aventuras.

Potranco — cavallo novo, antes de ser ensilhado.

Guasca — o gaúcho, appellido do rio-grandense.

Atafona — logar onde os escravos trabalham á noite.

Fandango — dança sapateada.

Abrir de raia — sahir do logar.

Manear — prender as mãos.

Priscar — saltar para os lados.

Refugar — recuar.

Pialar — prender pelos pés.

Embuçalar — tapar a bocca.

Vaqueano — conhecedor das estradas.

OS SOCIALISTAS

(Pag. 121)

O autor, quando escreveu esta poesia, tinha as vistas voltadas para a Allemanha.

FOLHAS DA MINHA CARTEIRA

(Pag. 176)

A carteira de um rapaz tem muitas vezes paginas que não devem ser lidas. O autor entende que alterar uma poesia é tirar-lhe o principal merecimento ; e, como as ultimas estrophes escriptas nas *folhas da minha carteira* são de um realismo franco e despido, vai aqui este trabalho incompleto.

SULTÃO

(Pag. 199)

Guerra Junqueiro, no *Fiel*, narra uma lenda do seu paiz. Esta poesia, escripta depois dos versos de Junqueiro, é a narração de um facto que passa por historico na provincia do Rio Grande.

A PAGINA 320...

(Pag. 239)

O autor allude á segunda edição portugueza do *Primo Bazilio*.



FIM DAS NOTAS.

APPENDICE



CEREBRO E CORAÇÃO

POEMA

DE

MUCIO TEIXEIRA

JUIZO DA IMPRENSA DA CÔRTE

POESIAS

Firmada já por mais de uma mimosa produção a sua reputação de bom poeta, deu o Sr. Mucio Teixeira agora á estampa mais um poema — *Cerebro e Coração*. A narração e a descripção alternão aqui de fórma talvez um tanto irregular, mas de industria calculada para mais funda impressão deixar no animo do leitor. A imaginação viva e rica de imagens felizes, não é peada pelo verso sempre fluente e facil.

Mesclão-se neste poema varios metros e varios estylos: por vezes entrelação-se o tragico e o burlesco, o romanticismo e o realismo. Nem sempre estes saltos agradaráo ao coração e ao espirito, como que forçados a estacar de chôfre na verêda por onde erão lançados; mas ha um encanto tal, derramado por todo o poema, que seduz e arrasta.

Da indole da sua obra falla-nos o poeta assim na *dedicatoria*:

Talhei os meus heróes ao molde antigo
Dos poetas românticos que li ;
Fiz de *Armando* uma especie de *Tancredo*,
Com uns tímidos ares de *Manfredo*
E umas vivas audacias de *Antony*.

Magdalena distingue-se sómente
Das anemicas deusas dos salões,
Por detestar —na flor da mocidade,
Os ruidosos festins da sociedade
E preferir viver na solidões.

È isto um tanto lyrico... concordo ;
Mas eu, além de ser um sonhador,
Os modolos que achei por toda parte
Foram abortos typicos, sem arte,
Corpos sem sangue e almas sem amor.

Assim pois preferi soltar as azas
Da minha phantazia — pelo ar...
E (sem offensa á escola *realista*)
Em vez de ser apenas um copista
Tentei ser um Colombo n'outro mar.

E descobri a America das flores,
O paiz das caboclas gñarany...
São os mous pensamentos uns selvagens
Que vagam, a cantar, n'estas paragons,
Vigorrosos o nós como os tupys !...

Sonhar... sempre sonhar ! Se em fim de contas
Esta vida é um sonho e nada mais,
Qno mal faz que um rapaz, aos vinte annos,
Embalado na rêde dos enganos,
Sonhe á sombra dos frescos laranjaes ?...

Tão pouco podemos furtar-nos ao prazer de dar uma breve amostra do estylo descriptivo deste tão joven quão esperançoso poeta :

Era ao cahir da tarde. Agonizava o dia
Aos osculos subtis das virações do sul.
O sol já descambava, a lua já snrgia...
E entre o sol e a lua— a immensidade aznl.

Era ao cahir da tarde. Os passaros trinavam,
Voejando em redor das arvores em flor ;
Mugiam tristemente os bois — o meditavam...
E a matilha dos cães seguia o caçador.

Era ao cahir da tarde. Um canto magoado,
Saudoso; se perdia, ao longe, pelo ar...
Os escravos, em grupo, a um canto do sobrado,
Descançavam, fumando, a rir e a conversar.

As nvnens, a correr nos amplos horisontes,
Projectavam no ar desenhos vaporosos...
E a bruma, que occultava o pincar do montes,
Unia a terra ao cén— por élos mysteriosos !...

De pois... a pouco e ponco, estrellas oscillantes
Fluctnavam á flux do mar da immensidade ;
E a lua — a confidente eterna dos amantos —
Poneirava na terra um pó de claridade.

O' noites de luar, tristes, mysteriosas,
Que effeitos ideaes a vossa luz encerra !
Espargindo no azul constellações radiosas,
Descortinaes o céu e illuminaes a terra l...

Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1880.

JORNAL DO COMMERCIO.



VERSÓS

Sob o titulo *Cerebro e Coração* acaba de publicar O Sr. Mucio Teixeira um volume de versos:

E' mais uma bella producção do joven e talentoso poeta, conhecido já por outros primores litterarios entregues á publicidade.

Pela rapida leitura que fizemos d'estas novas paginas vê-se que uma apreciavel evolução se tem operado na fórma e no ideal das concepções do esperançoso poeta, a quem não se poderá increpar de atardado nos usados môldes do romantismo.

Consta-nos que o Sr. Mucio Teixeira faz imprimir um novo volume, que apparecerá brevemente, e que, é de esperar, não desmerecerá da prova que o livro que acabamos de citar produziu em favor de seu autor.

Rio, 25 de Janeiro, 1880.

DIARIO OFFICIAL.



LIVROS E LETTRAS

Si, na apreciação de qualquer autor, o numero de suas publicações tem algum peso, ninguem da nova geração avanta-se ao Sr. Mucio Teixeira.

Os seus livros já publicados attingem a uma somma consideravel. Os que estão no prélo são numerosos. Naturalmente em seu cerebro existem muitos mais, e em breve, a continuar n'este passo, elle contará mais volumes do que annos.

Ainda agora recebemos um poema seu—*Cerebro e Coração*. E' a historia de uma mulher e de um poeta que se amam. A pobreza d'elle, a riqueza della, as conveniencias sociaes e os desejos da familia da amante põem entre os dois os maiores obstaculos. Porém tudo vence o amor, e, dias antes do casamento, *Magdalena*, a heroína, foge na garupa de *Armando*, o heróe.

Como appendice, a obra traz a acta de uma sessão dos Bachareis em lettras, que, depois de declarar bem elaborado o poema, e affirmar que durante algumas horas prendeu a attenção dos socios presentes, termina assim: «O Sr. presidente em nome do *Instituto* saúda o Sr. Mucio Teixeira, felicitando-o pelo trabalho apresentado, asseverando-lhe que, si já não fosse conhecido e apreciado o seu talento, o *Cerebro e Coração* seria bastante para grangear-lhe posição distincta entre os nossos laureados poetas.

O Sr. Bacliarel Limoeiro offerece-se para escrever uma apreciação sobre o poema.»

Rio, 30 de Janeiro de 1880

GAZETA DE NOTICIAS.



IMPrensa

A livraria Lombaerts & C. acaba de publicar um nitido volume de poesias, que certamente serão mais lidas do que em geral costumam ser trabalhos desta natureza, em nossa terra.

Esta obra, noticiada ha dias, é trabalho do intelligente moço rio-grandense Mucio Teixeira.

Cerebro e Coração é o titulo do poema, que outra cousa não é mais do que essa velha historia de amor, tantas vezes escripta e sempre tentada pelos homens de coração,

O poema do Sr. Mucio Teixeira tem realmente bellezas, que nos fazem esperar do jovem poeta alguma cousa mais do que versos ligeiros, como são os da composição, que ora vai correr mundo.

Ha na obra um quer que seja que dá a conhecer o talento do autor, embora não sejam muito raros os logares communs e os versos a que falta a originalidade.

Paginas se encontram em que é visivel a impressão de alguns poetas. Todavia a obra do Sr. Mucio Teixeira, como dissemos, tem bellos versos e nos parece que será mais procurada do que é costume fazer-se aqui com obras d'arte.

Poderíamos consignar n'este logar versos que justificariam completamente a nossa opinião relativa ao talento do autor. Não o queremos fazer, porém, porque estamos certos de que os leitores procurarão ler a obra do jovem rio-grandense, tendo assim occasião de verificar por si não só os seus meritos como a elegancia, a facilidade, o primor mesmo de muitos versos.

Rio 26 de Janeiro de 1880.

CRUZEIRO.



O ECONOMISTA BRAZILEIRO

O joven e distincto poeta Sr. Mucio Teixeira offereceu-nos um volume das suas ultimas e mais mimosas produções poeticas.

Cerebro e Coração é o titulo do novo livro do incançavel moço, a quem a litteratura brazileira já tanto deve e a quem tão merecida justiça tem por vezes sido feita por juizes em condições de julgal-o, em cujo numero bem sentimos agora não estar, para render-lhe conscientemente todas as homenagens de que o presumimos merecedor.

Tão timoratamente quanto é possivel consinta o joven poeta que, por unica questão, talvez de gosto, lhe digamos :

Largo, brilhante e feliz deve ser o futuro de quem como o Sr. Mucio possui um cerebro capaz de produzir a *Aza Negra* e um coração em condições de sentir assim.

A sua *Magdalena* é um typo, embora lançado em moldes um tanto conhecidos, feliz, tanto mais porque o joven poeta soube opulentar-o das louçanias de um sentir quasi essencialmente seu.

Mais de uma poesia digna de nota orna as paginas do novo livro a que nos referimos e ao agradecer-o sentimos que a carencia de habilitações e de espaço, que não de boa vontade, nos inhiham de mais largamente delle nos occuparmos.

Rio, 31 de Janeiro, 1880.

VICTOR DA CUNHA.



DOIS LIVROS.

Mucio Teixeira, o distincto poeta, cujas producções são apreciadas por todos que as lêem, vai por estes dias expor ao publico dois volumes de versos, sendo um poema e outro contendo diversas composições. A impressão que é da Typographia nacional é elegantissima e está nitidamente feita. (*)

Rio, 23 da Janeiro 1880.

MEQUETREFE.



CEREBRO E CORAÇÃO

E' o titulo de um novo poema que nos foi offerecido pelo seu illustre autor o Sr. Mucio Teixeira.

E' um poema escripto com correcção e belleza de arte, onde o joven rio-grandense revela mais uma vez o seu talento e estro poetico.

Agradecendo tão valiosa offerta, só temos para o Sr. Mucio Teixeira as palavras de animação, que a justiça nos manda dispensar aos moços que trabalham e aos talentos que cultivam.

Rio, 31 de Janeiro, 1880.

O ESTANDARTE.



DIVERSAS PUBLICAÇÕES.

Cérebro e Coração, poema por Mucio Teixeira; I vol.— Rio de Janeiro — 1880.

Tem o Sr. Mucio Teixeira um talento poetico muito notavel. Os seus versos são fluentes, a rima facil e muitas vezes nova. Os leitores da *Revista Brasileira*, que não conhecem os primeiros livros deste escriptor, poderão ajuizar dos seus dotes poeticos pela producção com que o Sr. Mucio Teixeira brindou a *Revista*, e que foi publicada no ultimo numero. E' porém um talento juvenil, que, tendo futuro, occupa-se muito com o passado. Neste ponto estamos de inteiro acordo com o Sr. Machado de Assis em

(*) No numero em que sahio esta delicada noticia, o *Mequetrefe* dignou-se honrar o autor offerendo seu retrato aos assignantes.

seu notabilissimo escripto sobre a *Nova Geração* (*). Pode-se quasi aventurar que o Sr. Mucio ainda não entrou no espirito da nossa época.

Pelo que toca ao poema *Cerebro e Coração*, onde se encontram versos admiraveis e encantadores, nada offerece novo a não serem estes mesmos versos. A acção não se recommenda nem pela naturalidade, nem pela originalidade, nem pela graça, nem pela conveniencia. Armando que é pobre, apaixona-se por Magdalena, que é rica. Interpõe-se um *leão* que pede Magdalena em casamento. Quando este está a realizar-se, Armando rapta Magdalena. Eis o poema.

Seria muito conveniente para as nossas letras que os moços de talento, em vez de procurarem (**) augmentar o numero das suas producções, pensassem antes em dotal-as com as qualidades que são as condições de vitalidade das obras litterarias, ainda que, no fim da sua carreira, não podesse attestar o seu valor mental mais de uma obra de verdadeiro merecimento.

Sómente a pressa, inimiga da perfeição, poderia levar o Sr. Mucio Teixeira a escrever, em um poema que não pertence ao genero heroi-comico, estes versos:

Logo á primeira volta, encalistrado,
O rapaz, que sentia-se já tonto,
Cambaleou por fórma tal ao ponto
De quasi s'espichar pelo salão....

.....

Dirigiu-se apressada ao *toilette*
Afim de endireitar o seu vestido.

.....

O baile proseguiu (*chapa* no caso)

Rio, 1 de Fevereiro de 1880.

REVISTA BRAZILEIRA.

(*) O Sr. Machado de Assis, no artigo *A Nova Geração*, trata do poeta das *Violetas* e das *Sombras e Clarões* (livros do 1875 o 1877) ao passo que o Sr. Dr. F. Tavora refore-se a um trabalho moderno, onde o autor tem plena consciencia de manifestar a transição por quo seu espirito tem passado.

(**) O autor doixa passar sob a autoridade do Sr. Dr. F. Tavora a construcção grammatical.

CEREBRO E CORAÇÃO.

AMIGO MUCIO.

Li o teu livro e dou-te um cordeal aperto de mão.

Acredita, fallo-te com a franqueza de que sou capaz : o teu *Cerebro e Coração* não é um livro para firmar uma época litteraria, nem para deixar uma impressão profunda; mas é um trabalho artistico, delicado, um pouco romantico, é verdade, porém cheio de irradiações que deslumbram.

Não ha no teu poema um verso manco que nos faça irritar os nervos nêem perder o apetite. A tua metrificação é elegante sempre e ha estrophes no teu livro de tal belleza e naturalidade que nós lemos, repetimos a leitura e acabamos por decoral-as.

És um poeta de quem já se orgulha a nossa patria ; um poeta como por ahi não se anda encontrando a cada passo. *Alguem* em artigos desconchavados, que insultam o bom senso e desrespeitam a grammatica, intentou arrancar-te da frente a corôa de poeta. Não conseguio, nem o conseguirá.

Os orgãos da imprensa que estão nos casos de dirigir a opinião já fizeram-te a devida justiça.

E' quanto basta...

Venham os teus *Novos Idéaes*, que eu, desde já, responsabilizo-me a fazer sobre elles um estudo mais consciencioso e mais na altura do teu talento,

Rio, 7 de Fevereiro de 1880.

LINS D'ALBUQUERQUE.



CEREBRO E CORAÇÃO

Poema por Mucio Teixeira.— Typographia de Lombaerts e Comp., rua dos Ourives n. 7 — Rio de Janeiro—1880.

Pensamos que, antes de emittir-se opinião sobre um livro, deve-se examinar o estado intellectual e moral da época em que fôra produzido esse livro e a feição do povo, no seio do qual fôra gerado. E' certamente isso que constitue o meio

physico e o meio psychologico, cujas influencias são assaz predominantes, tanto nos homens como nas cousas.

O Brazil neste momento apresenta a feição bastante assustadora das nações que caminham para a dissolução moral. A corrupção lavra por toda a parte, o desespero, o desanimo, assim como tambem a indiferença fazem-se sentir no seio de todas as classes. A maioria dos espiritos conturba-se nas doridas apprehensões de um futuro tenebroso; sente-se o rouco bramido de uma tempestade longinqua, que ninguem sabe de onde vem.

A onda da degradação invade tudo: a familia está vacillante, inconsistente, emquanto que o mal caminha rapido.

Entretanto isso é um phenomeno assaz natural.

Os organismos doentios têm momentos de crises perigosas, que não são outra cousa senão periodos decisivos.

E quando um povo chega ahi, não se pôde exigir delle grandes committimentos.

..

A nossa feição litteraria resente-se ainda das influencias de uma época que já passou.

O romanticismo, o lyrismo e o agentilismo hão predominado na nossa existencia litteraria, obrigando-nos a viver a repisar velhos ideaes, e a cultivar uma poesia frouxa, estafada e hysterica.

E' que entre nós deu-se á poesia um papel secundario; teve-se-a sempre, não como um instrumento de progresso, mas sim como elemento de diversão, de recreio, sem acção sobre as massas, incapaz de instruir.

Desde que o verso não fosse retumbante, não tivesse o alambicado de phrase, não era poesia; poesia era só aquillo que fosse como que um arranço d'alma *para o infinito*; o poeta não era um homem, era um predestinado!

Assim é que os vates cantarolavam á face apparente da natureza, esquecendo a analyse de seu organismo e dos seus effeitos. O plectro que melhor fazia sóar a lyra, era o amor da divindade e a face pallida das Sands, quando, entretanto, esquecia-se a humanidade, essa grande fonte das maiores inspirações.

Foi esse o legado de nossos pais, que cuidavam menos do fundo que da forma, como se a poesia consistisse na phrase limada, na estrophe polida.

Este estado de cousas imperou por muito tempo e actúa ainda hoje. Eis porque não possuimos já uma melhor intuição critica e trabalhos de maior nota.

∴

Não somos daquelles que acreditam que o povo brasileiro ha de vir a ser um povo gigante por sua omnipotencia scientifica ; todavia temos crença de que um grande futuro nos está reservado como povo artistico e litterario.

O povo francez tambem não é povo talhado para a sciencia ; os seus vultos scientificos são resultado da sciencia estrangeira.

Todavia a França é o entreposto do universo, no commercio da sapiencia humana.

O Brazil, não póde apresentar já a feição dos povos illustres, porque além dos males apontados, a sua idade começou a contar-se de hontem, e sua civilização está ainda na primeira phase da evolução por que passa a de todos os povos.

Antes que possamos ser um povo notavel, é necessario que passemos pela grande transformação moral que só a sciencia effectúa.

Entre nós tudo está por fazer. A sciencia ainda está balbuçiante, temerosa, refugiando-se em pequenos centros ; ella não fez ainda sua entrada triumphal nas nossas academias, para que de lá possa chegar até ao povo que tacteia no meio de uma ignorancia pavorosa.

Eis porque não nos deve causar grande pasmo a fraqueza artistica e litteraria existente até hoje entre nós.

Os povos não se transformam á sua vontade ; ha uma lei que os rege, que os dirige em seu caminhar modificando-lhes e corrigindo-lhes os sentires, as aspirações, os almejos. O tradicionalismo tambem exerce influencia na marcha dos povos.

A nacionalidade brasileira, pois, que ainda agora apresenta a feição dolente dos povos inertes e anarchisados, entra em uma phase de gestação, da qual ha de evolutar uma época de verdadeiro esplendor artistico e litterario.

Sente-se já uma grande tendencia, um impulso valoroso para o alcance do futuro.

A poesia, cansada de arrastar-se pelos moldes senis legados pelas gerações idas, ensaia seu vôo para os horisontes da liberdade.

A' par de muita fraqueza que por ahi anda com ademanes de cousa boa vão surgindo uns reflexos ainda que tenues, mais auspiciosos, de bom gosto e bom senso. Sente-se como que uma reacção lenta mas firme, do pensamento, da philosophia e do saber contra a phantasia e a insciencia.

Desponta a aurora de uma poesia mais vibrante, mais consistente: — a poesia objectiva.

E a mocidade de hoje é quem está denunciando tudo isso.

∴

A nova geração composta de uma mocidade nascida ao ecoar dos trovões medonhos das reacções scientificas, que rebentam lá por fóra, vai afinal conhecendo a necessidade de um trabalho mais consciente e utilitario. Posto que lentamente, apparecem já alguns livros, que attestam o esforço afanoso e aturado de uma geração, que quando não seja ainda a reorganizadora da nossa capacidade intellectual, todavia faz-se carecedora de alguns louvores, por isso que busca acompanhar o movimento geral latente nos grandes centros civilizados.

O movimento que hoje se nota no seio da sociedade brasileira não é ainda daquelles que attestam de modo firme a vitalidade de uma nacionalidade valente.

Sem embargo é já a prova do seu caminhar para o congresso das potencias intellectuaes.

A convicção da necessidade da lucta contra o passado gasto já, vai nascendo em alguns espiritos potentes que se atiram corajosos aos labores.

Uma pleiade denodada de atletas do pensamento ergue-se robusta e vai levantando a propaganda da utilidade do trabalho.

E assim deve ser. O trabalho não é sómente uma consequencia da precisão : é um elemento de progresso ; é a vereda da regeneração tanto dos povos como do homem.

E quem mais deve trabalhar é a mocidade que representa o futuro, que tem sobre seus hombros o encargo do triumpho das idéas modernas.

∴

Mucio Teixeira pertence a essa pleiade.

Joven, cheio dos ardores dos verdes annos, com um espirito formado para os grandes deslumbramentos poeticos e sublimes exaltações das naturezas francas, não podia deixar de tomar parte activa na gloriosa cruzada dos obreiros do progresso.

Grande é já a cópia dos livros que tem publicado. Temos ouvido fallar bem delles; todavia ainda não nos coube o prazer de lêr a nenhum, não podendo por isso dizer si são capazes de dar a medida de uma individualidade litteraria.

Cerebro e Coração é o primeiro que nos vem ás mãos, merecendo-nos todas as attenções devidas aos filhos de um trabalhador honesto.

Este não representa para nós um livro, parece-nos, sim, uma pagina do poema dos vinte annos. E o joven poeta é o proprio que diz :

Este poema

E' simplesmente um sonho de rapaz ;
E' uma d'essas phantasias boas
Que mais ou menos todas as pessoas
Temos aos vinte annos, nada mais.

E assim é. Encontra-se no livro de Mucio Teixeira paginas que são os doces transbordamentos de um coração de moço e que são muito conhecidas de todos aquelles que atravessam o segundo periodo da vida. Quem é esse que aos vinte annos não foi Romeu ? Não verteu sentidas lagrimas na paixão febril dos Manfredos ? O coração humano é sempre o mesmo em um certo periodo da vida.

∴

Ha muito quem condemne o sentimentalismo; porém ha poucos que o saibam fazer criteriosamente.

A poesia lyrica, seja ella mórbida como a lamartineana, tem sua razão de ser em certa phaze do espirito humano. Antes que o poeta firme sua individualidade, ensaia seus passos e esses ensaios começam sempre no lyrismo.

Eis porque somos forçados a applaudir o poema de Mucio Teixeira, onde ha lindas pinturas e interessantissimas passagens, posto que filie-se ainda á velha escola.

O canto V é um dos mais bellos pela singelesa com que está escripto. Ao lel-o, suspira a gente por uma tarde, como aquella em que

As nuvens, a correr nos amplos horizontes,
Projectavam no ar desenhos vaporosos...
E a bruma, que occultava o pincaro dos montes,
Unia a terra ao céu — por élos mysteriosos.

Temos ahi umas strophes singelas como as camponias, mas cheias de belleza e de sentimento.

As do desenho de *Magdalena* são tambem uma pintura feliz:

Formosa como as virgens da Circassia,
Ella tinha das moças hespanholas
As tentações subtis;
Fundia na voz clara, alegre, límpida,
A harmonia das mansas barcarolas
E os brilhos dos fuzis...

De argentario varão herdeira unica,
N'um gesto, n'um olhar, realizava
Todos os sonhos seus;
E nos áureos salões aristocraticos
A' cauda dos vestidos arrastava
As almas dos Romeus.

.....

Quando um sorriso lho frizava os labios,
Como os jasmins quo á luz da madrugada
Rorejados estão,
Os dentes — claros como' algentes perolas,
Imitavam os pingos — de geadá,
As bagas de Ceylão!

Ha ainda o *Baile*, que tem umas lindas strophes, muito verosimeis, e com seu fundo de critica.

Para recommendar o livro basta o dialogo da velha e o poeta, do qual aqui vai um pequeno excerpto :

A VELHA

Porque tão tarde, meu filho,
Regressas ao pobre lar ?

O POETA

Minha mãe, as horas võem
Quando contemplo o luar .

A VELHA

Mas, tens os olhos inchados...
Acaso foi de chorar ?

O POETA

Não, minha mãe ; são effeitos
Da muita luz do luar.

.....

E' pois o *Cerebro e Coração* assim como que o adeus do poeta á idade metaphysica.

Mucio Teixeira possui todos os attributos para que chegue a ser um grande poeta. Seu verso é cadente, espontaneo, cheio de sentimento; sua rima é natural e facil. Nota-se apenas uma falta de firmeza de escola, maior intuição, o que ha de chegar-lhe se perseverar no estudo acurado e souber aproveitar as grandes lições do mestre da mocidade de hoje : — Sylvio Roméro.

O Povo, Rio, 27 de Janeiro de 1880.

MANÇOS D'ASIA.





INDEX

Introduccão.	9
----------------------	---

PRIMEIRA PARTE

FLORES DO PAMPA

I	Flores do Pampa.	33
II	O Pampa... ..	35
III	Crepusculo matinal.... ..	39
IV	A sésta... ..	41
V	Desejos	45
VI	Viajando	49
VII	Chinóca (<i>poema da serra</i>).....	51

VIII	Os Farrapos.	59
IX	Na estancia....	61
X	No pouso.....	65
XI	Canto do monarcha.	71
XII	Ao violão...	75
XIII	Gauchadas...	77
XIV	Nostalgia..	81
XV	O Viajante....	85

SEGUNDA PARTE

VIVANDEIRAS

XVI	I.	89
XVII	II.	97
XVIII	?....	99
XIX	A Gloria...	101
XX	O Infinito.	105
XXI	Ozorio.	107
XXII	Ao visconde do Rio Branco.. . . .	113
XXIII	Colombo.	115
XXIV	Os Socialistas....	121
XXV	Aos poetas lyricos...	125
XXVI	A Guerra do Parnaso.. . . .	127
XXVII	Ganganeli (<i>Clemente XIV</i>).. . . .	133
XXVIII	Canto de Néro.	135
XXIX	A Vida e a Morte...	141
XXX	A Noite das Visões.	143

TERCEIRA PARTE

SOMNAMBULAS

XXXI	A' Ondina.	157
XXXII	Sub umbra.	159
XXXIII	Nostalgia... ideal!...	161
XXXIV	Amar!	165
XXXV	Adda.. . . .	169
XXXVI	Strophes soltas.. . . .	171
XXXVII	Folhas da minha carteira...	175
XXXVIII	Intima	177
XXXIX	Nada!.	179
XL	A Peccadora.. . . .	183
XLI	A Luva.	185
XLII	As Mães.	189
XLIII	A Lydio.	191
XLIV	Paginas de um Scéptico...	195
XLV	Sultão (<i>Poema historico</i>)....	199

QUARTA PARTE

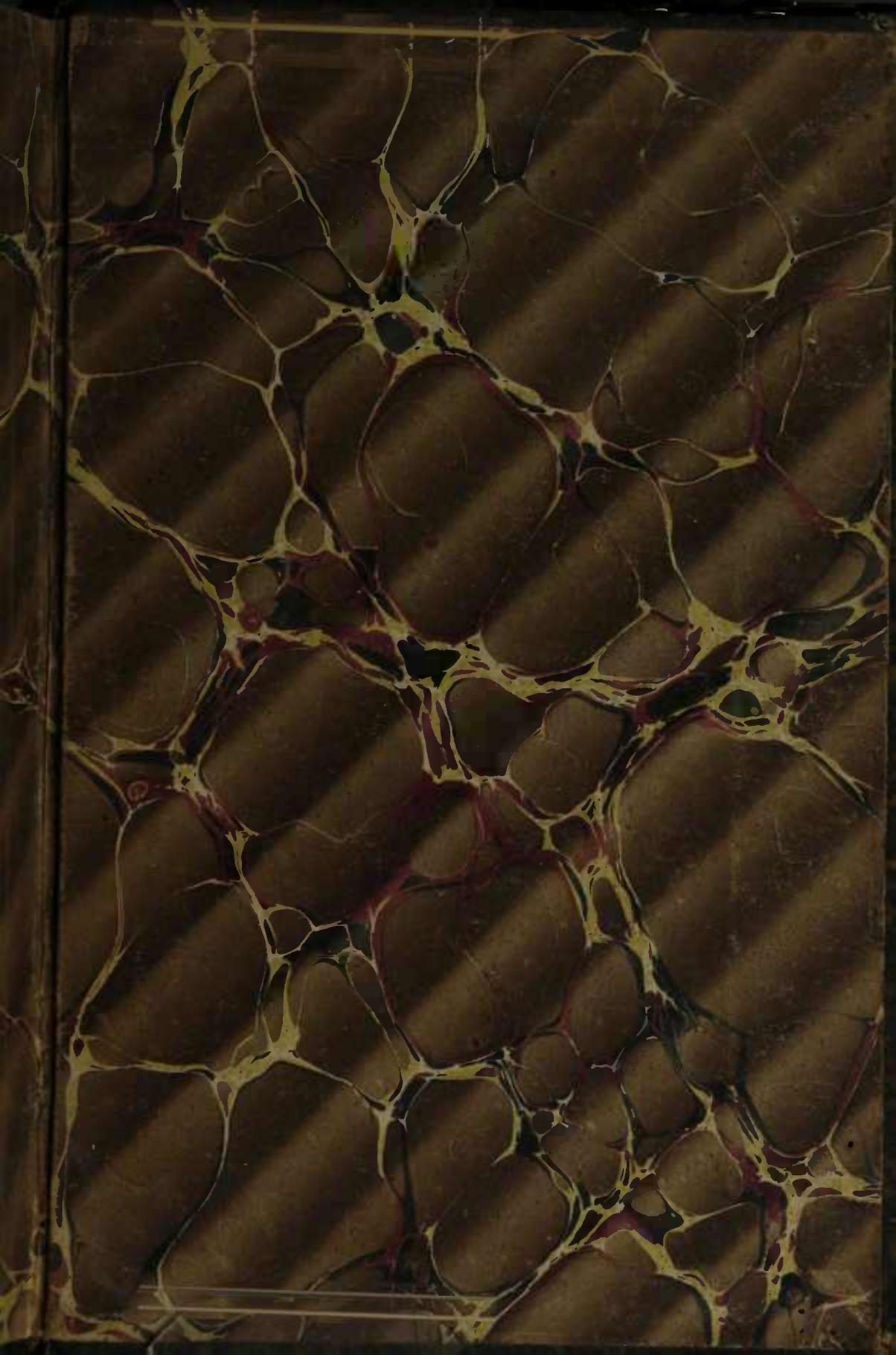
PAGINAS DE BOHEMIA

XLVI	Profissão de fé.. . . .	211
XLVII	Hontem e Hoje.. . . .	213
XLVIII	***	215
XLIX	Embarcado.	217
I	A Viscondessa:	219

LI	Ès bella.	225
LII	Tu e Eu... ..	227
LIII	Rosas de Campoamor.... ..	233
LIV	Dansando... ..	235
LV	A pagina 320.... ..	239
LVI	No Caucaso... ..	241
LVI	Quadro de F Mâyster.. ..	243
LVII	TYPOS SOCIAES:	245
—	I O Barão... ..	245
—	II A Baroneza.	246
—	III O Dandy	247
—	IV A Namoradeira	248
—	V O Padre	249
—	VI A Beata... ..	250
LXVIII	A LENDA DOS AMORES:	253
—	I <i>Tu me pediste em febre voluptuosa</i>	253
—	II <i>Si ha nos meus livros paginas brilhantes</i> ...	254
—	III <i>Tens o sabor dos pècegos molares</i>	255
—	IV <i>Não és mais bella, não, quando mergulhas</i> ..	255
—	V <i>Tens ás vezes o gelo dos crystaes</i> ..	256
—	VI <i>Si inda mais se adorar fosse possível</i>	257
LIX	Cantiga de Brander.	259
LX	Quando eu morrer..... ..	261
LXI	Soneto a lapis..... ..	265
LXII	Parenthesis.	267
LXIII	Sonho allemão... ..	271
LXIV	Adeus á Musa..... ..	279
—	NOTAS... ..	281
—	APPENDICE	289

FINIS.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).